

Alexandria [Daniel Rondeau]

Daniel Rondeau

Alexandrie

récit



Alif
1998



Colecção Aventura e Viagens - 44

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Digitalização e Arranjo

Agostinho Costa

Um Relato

Alexandria é, antes de mais, uma recordação. Lembranças do Farol. o Pharos, que nos fala de uma cidade-estado, erigida sobre as areias de África por um jovem homem - Alexandre - errante, impaciente e possuidor do talento de um deus solar, antes de penetrar na Ásia como um ciclone, com a sua escolta de sábios e magos, montado num cavalo preto. O farol fala-nos de uma chama que brilhava entre o céu e a terra, dos homens e das suas viagens marítimas, da guerra, da política, do saber e da literatura, do desaparecimento de todas as coisas, ou seja. do Destino. Mais de dois mil anos depois de Alexandre, dois romancistas de passagem, Durrell e Forster, e um poeta grego que vivia por cima de um bordel, Constantino Cavafis, devolveram a esta cidade à deriva a sua grandeza imaginária. Daniel Rondeau revela, através de deambulações sucessivas, a história desta metrópole de uma outra Europa, longínqua e asiática. Capital da memória, do saber, charneira do mundo entre o Oriente e o Ocidente, grande lugar do amor - segundo Durrell - mas também cidade espiritual onde desde sempre as pessoas se interrogaram sobre se haveria qualquer coisa ou alguém entre elas e o Altíssimo.

DANIEL RONDEAU

ALEXANDRIA

Título original: Alexandrie

Tradução original de:

Luiza Vasconcelos Abreu

Tradução portuguesa (C) de P. E. A., 2002

Capa: arranjo gráfico estúdios P. E. A.

Imagem da capa:

Alexandria, o bairro árabe

(C) Paul Hogarth

O NIL éditions, 1997, Paris

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA, LDA.

Apartado 8 2726-901 MEM MARTINS

PORTUGAL

E-mail: secretariadoeuropa-america.pt

Página: www.europa-america.pt

Publicação Junho de 2002

Alexandrino: substantivo masculino que designa o verso de doze sílabas, é a substantivação de verso alexandrino (1942), tipo de verso representado pelo Romance de Alexandre, poema do século XII, que evoca de forma lendária Alexandre Magno. O substantivo, Alexandros em grego, significa literalmente que protege os homens; tal como o pronome Andreas (André), contém anêr homem>. Utilizámos ainda a rima alexandrina (v. 1420) e a linha alexandrina (1432).

O adjectivo homónimo Alexandrino (a), de Alexandria, da civilização helenística, é empregue por empréstimo ao vocábulo latino alexandrinus, derivado do nome da cidade de Alexandria.

Dicionário Histórico da Língua Francesa,
Éditions Le Robert.

ÍNDICE

A primeira vez	9
Um manto sobre a areia	31
A passagem dos séculos	57
Operação Cafodu	95
Alexandria longinqua	165

A PRIMEIRA VEZ

Cheguei a Alexandria pela primeira vez de autocarro, procedente do Cairo. Ao comprar o meu bilhete por um punhado de libras egípcias, tinha-me imaginado a viajar num desses velhos veículos onde os passageiros se amontoam com as suas cabras e galinhas, como é costume um pouco em todo o Oriente, e fiquei surpreendido por me encontrar num autocarro moderno e equipado com um ecrã, no qual foram projectados durante todo o trajecto videoclips de cantores pop, bem como um episódio de uma telenovela americana bastante insípida, mas animada por grandes planos dos decotes das actrizes, que impressionaram de tal modo os meus companheiros de viagem que estes nem se aperceberam de que as galinhas, entaladas por eles à patada sob os bancos, tinham rapidamente escolhido desentorpecer as suas patas no corredor central - dado que apesar da climatização e do circuito vídeo, alguns passageiros viajavam com o seu galinheiro. Devo confessar que a presença desses galináceos me descansara quanto à perenidade de certos comportamentos, já que ninguém toma naturalmente o caminho para Alexandria se não se interessar um nadinha que seja pelo que já foi, desapareceu e no entanto se mantém.

9

Durante as duas primeiras horas de viagem forcei-me a desviar o olhar do ecrã para observar a paisagem através dos vidros coloridos. Tinha visto o deserto fecundado pelas águas do Nilo e crianças nuas que se banhavam nos canais de irrigação. Mais adiante, ao atravessar um vasto pomar de limoeiros, e antes de regressarmos à monotonia arenosa, o autocarro cruzara-se com um burro que trotava sob uma cobertura de palmeiras, levando no dorso um homem e a sua mulher com uma criança nos braços. Estava eu a pensar na fuga de José de Arimateia (1) com a sua família, depois de o Anjo do Senhor lhe ter pedido para abandonar a Judeia, dirigindo-se ao Egipto, até que Herodes morresse(1), quando o autocarro deu uma guinada brusca e se imobilizou atravessado na auto-estrada. O motorista praguejou e cuspiu no chão, os galináceos foram todos projectados, meio desasados, para a parte anterior da cabina, mas os passageiros nem tinham tirado os olhos do ecrã: uma jovem loira acabava de lá surgir fugitivamente, de sutiã preto. Levantei-me para interrogar o motorista, que me explicou que uma camioneta de beduínos, conduzida a uma velocidade doida, acabava de atravessar a auto-estrada na perpendicular, e todos nós só não tínhamos morrido por um triz.

- Deus é grande, felizmente! - redarguiu ele, enquanto retomava a sua velocidade de cruzeiro.

- Quanto falta para chegarmos a Alexandria?

- Inch Allah! Uma hora, talvez duas...

O restante trajecto era bastante monótono e passei-o a ler o livro que o historiador alemão Johann Gustav Droysen redigiu sobre Alexandre.

*1. Esta referência está errada. Não se trata de José de Arimateia - um nobre, discípulo de Jesus referido no Novo Testamento em Lucas 23, 50-52, que era membro do Conselho Judaico e ofereceu o seu túmulo novo para sepultar Jesus - mas sim de José, da casa de David, marido de Maria de Nazaré, Mãe de Jesus Cristo. O episódio da Fuga para o Egito, quando Jesus era ainda bebé, vem referido em Mateus 2, 13-15. (N da T.)

10

A vida de Droysen, com os seus entusiasmos e golpes de hipocrisia, revestia-se de algum interesse. Tinham sido necessárias vitórias obtidas a ferros, passagens arditas, zonas de dúvida e renúncia, regressos triunfais e ressurreições para fabricar um destino. O próprio Droysen atravessara uma vida cheia de altos e baixos. Nascido em 1808, filho do pastor da guarnição de Treptov, na Pomerânia, aos vinte anos preceptor de Félix Mendelssohn, encontrara na convivência com os clássicos gregos e latinos a força para fazer as pazes com a sua herança piedosa e disciplinada. A sua paixão febril pela Antiguidade fora fortificada pelas múltiplas genuflexões dos poetas alemães do seu tempo diante das estátuas da mitologia grega, no próprio momento em que a sombra de um novo conquistador surgido das ruínas da Bastilha continuava a estender-se sobre o velho supedâneo europeu, enquanto os seus inimigos estavam convictos de o terem banido para sempre ao enviá-lo para morrer lentamente em Santa Helena. Droysen apreciava profundamente o movimento da História e adoptara a seguinte divisa: "Pectus fecit historicum", É o coração que faz o historiador, que dom Mabillon teria julgado digno de si, mas fora tanto com o coração como com a inteligência que ele se atirara a Alexandre.

Alexandre desceu a costa até Rakotis, um velho posto militar que guardava a fronteira Líbia. Esta localidade, situada sobre uma língua de terra com oito milhas de comprimento, que separa o lago Maréotis do mar, a sete estádios(2) da ilha de Faros - a ilha das focas da lenda homérica. Estava a começar a ficar farto do livro, quando o autocarro atingiu as cercanias populosas de Alexandria, fazendo-se anunciar com grandes buzinas. Vinte minutos depois chegava ao fim da sua viagem e depositava-me a mim e aos meus companheiros na praça Saad Zaghloul, onde a cidade parece abrir-se ao mar. À minha esquerda situava-se o Hotel Cecil, que eu identificara mal descera do autocarro, pouco antes de ter escapado por uma unha negra a ser esmagado por um eléctrico,

*2. Medida itinerária, correspondente a 600 pés gregos de 30 centímetros. (N. da T.)

11

e entre o mar e a estrada existia um jardim público com bancos, dominados por um conjunto de estátuas sobrepostas. A primeira representa Saad Zaghloul, que, no início do século vinte, encarnara o nacionalismo egípcio, e as outras duas, em cobre dourado, num nível inferior, a deusa Ísis(3). Em torno

das duas Ísis estava um grupo de mulheres que lhe acariciavam piedosamente o sexo e os seios, fazendo-os brilhar de modo sobrenatural, como os pés da Virgem nas igrejas da América do Sul, patinados pelos beijos da devoção popular.

Tinham-me reservado um quarto num hotel muito distante do centro da cidade, em Montazah, para onde decidi dirigir-me imediatamente de táxi a fim de me livrar do meu saco. Uma grande artéria, paralela ao mar e mais congestionada que a circular parisiense em dia de greve dos transportes, conduzia a Montazah. O motorista escutava uma orquestra do Cairo através da rádio e acompanhava, cantando, todas as fífias dos músicos. O motor do táxi aquecia nos engarrafamentos mas era com uma voz calma que ele me indicava os nomes de todos os bairros que íamos atravessando - Campo César, Sidi Gaber, Cleópatra, Stanley Bey, Saba Pacha - como se a paisagem desfilasse a toda a velocidade, enquanto as viaturas se arrastavam no fluxo dolente do tráfego, coladas umas às outras. A cidade inteira parecia um imenso estaleiro de obras.

E não era só o betume a causar transtorno. As praias e toda a orla marítima estavam invadidas por uma multidão compacta. Iria aprender rapidamente que durante o verão inteiro, desde o nascer do sol até depois da meia-noite, mulheres e crianças, aparentemente infatigáveis, ali se mantinham a brincar ou a meditar junto às ondas. Algumas mulheres tomavam banho de mar vestidas, outras cobertas por um véu. As pregas dos seus vestidos desenhavam manchas de cor branca, púrpura, amarela ou alaranjada na espuma revolta. Seria por causa de Forster?

*3. Interpretei imediatamente esta união entre Zaghloul-Isis como uma primeira prova do famoso sincretismo alexandrino. Mas levei algum tempo a compreender que os homens também contribuem, com a sua descrição própria, para manter este brilho singular.

12

Era impossível não pensar nos peregrinos de Benares e das margens do Ganges, mas eu nunca vira um mar tão poluído, repleto de imundícies e de sacos de plástico. Deixei a minha bagagem na recepção e apressei-me a fazer o trajecto no sentido inverso, em direcção à praça Saad Zaghloul, e continuei a pé ao longo do molhe em direcção ao Forte de Kait-Bey. Nos terraços dos cafés, homens chupavam o bocal dos seus narguilés. O molhe acompanhava a longa curva do porto oriental. A beleza perfeita desta curva, semelhante à lâmina de uma cimitarra, escondia a deterioração açafroada das fachadas, mas a maresia nem sempre conseguia sobrepor-se ao fedor da urina, da gasolina, dos excrementos e do peixe podre. Em frente do consulado de França um tipo magro urinava, esfregando o seu órgão contra a pedra do balaústre.

Em Kait-Bey, sob as paredes cor de osso do fortim construído no local de Pharos por um sultão mameluco em 1480, viam-se pescadores de pé sobre os rochedos cobertos de algas verdes, crianças nadando nas poças de água e mulheres deitadas de lado, enroladas nas pregas dos seus véus. Uma delas amamentava um bebé tão branco como o seu seio orlado de grossas veias azuladas. Um homem muito idoso, com o torso envolto numa camisa rasgada, assava sardinhas na brasa, mesmo sobre a areia, esfolava-as e comia-as à medida que as retirava do

lume. Diante de mim dois namorados beijavam-se na penumbra. Ela vestia o véu habitual e ele um boné americano de jogador de beisebol. Diversos cavalos de passeio, com selas adornadas e revestidas de veludo encarnado, tão magros que a pele flutuava entre as costelas, lambiam as pedras do paredão. Levara comigo o livro de Forster sobre Alexandria(4) e instalei-me a lê-lo sobre o caminho circular, encostado à muralha. Forster, após invocar a Geografia para decretar que os alexandrinos jamais foram verdadeiramente egípcios, começa por citar Homero:

Podemos aí ver uma ilha, na orla do mar, Diante da foz do rio; denomina-se Pharos.

*4. Tinha adquirido os direitos durante a minha breve carreira de editor. Será o meu mais fiel companheiro durante as minhas estadas nesta cidade.

13

Lá onde se encontra um bom porto, de onde se avistam no alto mar.

Os navios balançando enquanto se abastecem de água doce(5). Assim que se iniciou a construção de Alexandria, a ilha de Faros foi ligada ao continente por uma longa língua que passou a denominar-se Heptaestádio (ou sete estádios, dado medir quilómetro e meio de comprimento; 1 estádio =192 metros) e forma actualmente o promontório de Ras el Tin. A Alexandria dos Ptolemeu tornou-se rapidamente numa cidade de abundância onde, segundo Herondas(6), proclamava três séculos antes de Jesus Cristo, num dos seus primeiros Mimos, havia «fortuna, desporto, poder, céu azul, glória, espectáculos, filósofos, ouro fino, rapazes bonitos, templo dos deuses irmão e irmã, (...), museu, vinho, todas as coisas boas que possamos desejar e mulheres, montes de mulheres»... Perguntava a mim mesmo o que viera procurar a Alexandria - qual a nostalgia, qual a sabedoria, qual o suplemento de vida? - quando um cego de grandes olhos brancos e globulosos, de mão estendida aos que consigo se cruzavam sem que os visse, envolto num djelaba roído pelos insectos, passou à minha frente num passo muito lento, salmudiando numa voz imperiosa, tocando-me ao de leve com a sua bengala ao passar. Esta cidade que eu não conhecia e onde mal acabara de chegar pareceu-me edificada sobre a lepra e a incúria, a pobreza e a alegria de viver, o esquecimento assim como as lembranças. Era este o mistério que me parecia cintilar na luz do entardecer.

Quando regresssei ao Hotel Cecil, todas as reverberações da superfície do mar, redondas e pálidas como luas ascendentes, iluminaram-se no segundo em que o sol desapareceu no horizonte. Na angra do porto, após os planos inclinados do estaleiro naval, havia crianças a tomar banho com um cavalo de pêlo escuro e luzidio. Tratava-se de um bando de crianças indigentes de cabelos rapados. Nadavam em volta do animal, que um deles segurava pela arreata, por entre barcos de pesca,

*5. Odisseia, livro IV.

6. Poeta que viveu durante o reinado de Ptolemeu II, conhecido principalmente pelos seus Mimiambos.

sem parar de rir ou de fazer chinfrim. De repente, o mais velho daqueles pés-descalços, que não tinha mais de onze ou doze anos, içou-se sem esforço para a garupa do animal. Evoluiu durante muito tempo na água escura como um centauro marinho, arrastando atrás dele a sua escolta barulhenta. Esta cena em baixo-relevo, gravada nas pregas patéticas do crepúsculo, suprimia as muralhas erigidas entre a realidade e a idade incalculável da cidade.

Abandonei a borda do mar e entrei num velho bairro de comércio e artesanato. Lojas de fanceria, tipografias, comerciantes de tecidos, marceneiros. A noite descia, mas a vida transbordava. Um ar cálido circulava entre as casas, carregado de fumos, de exclamações, de canções e de febres. Nas montras os rádios berravam. Dois fluxos de peões cruzavam-se, empurravam-se, gesticulavam, discutiam ou beijavam-se. Eu procurava, em vão, um rosto europeu no meio da multidão. Milhares de passos amassavam a cidade desde o seu interior. Mulheres com três fiadas de véus, que faziam compras com cupões, raparigas de mini-saia seguidas por bandos de rapazinhos, homens com o rosto coberto de suor a quem os comerciantes puxavam pelo casaco para lhes chamar a atenção. No fundo de uma garagem havia mecânicos a dormir estendidos sobre pneus, com os rostos besuntados de óleo. Numa oficina vizinha, tipógrafos trabalhavam com velhos tipos de chumbo ao lado de uma moderna máquina de fotocomposição. Passava por ruelas obscuras, onde homens sentados em cadeiras ao longo das paredes fumavam o seu narguilé, saboreando a paz da noite. De regresso à praça Saad Zaghloul, enveredei pela rua Nabi-Daniel. A minha primeira visita foi a uma velha senhora dotada de uma energia pouco comum, que se exprimia num francês puríssimo, e era a alma de um restaurante modesto e acolhedor denominado L'Elite, encalhado como um velho barco de pesca no cruzamento de duas ruas. A fachada do seu estabelecimento fora recentemente pintada com as cores da bandeira grega. No interior havia uma litografia assinada por Matisse, enviada pelo filho dele, que possuía uma galeria na rua de Seine em Paris, mas também três ou quatro retratos, um dos quais, desenhado a carvão, representava o poeta Constantino Cavafis.

Aliás, o manuscrito de um dos seus célebres poemas, Os deuses abandonam António, saudava quem quer que atravessasse a porta do L'Elite:

«Quando escutares, ao bater da meia-noite, uma multidão invisível passar com música admirável acompanhando vozes, não chores em vão pelo teu Destino que enfim deserta, pelas tuas obras goradas, pelos teus projectos que se revelam inteiramente ilusórios. Como um homem corajoso, pronto desde sempre, saúda Alexandria que desaparece...»

No restaurante reinava uma atmosfera familiar. Madame Christina veio sentar-se na minha mesa para me fazer companhia

e tratou-me como se fosse um velho amigo. Deliciei-me com as suas mezzés e as suas lulas fritas, enquanto indagava sobre a sua vida. Os pais de Christina Ph. Constantinon tinham vindo de uma ilha das Cíclades para fazer fortuna. Quando criança, a sua mãe brincara com ídolos cicládicos sem olhos nem boca, com três mil anos de idade, com os quais ela deparara numa seara de trigo.

- O meu pai montou uma grande oficina mecânica com o meu tio - acrescentou. - Ganhavam bem. Quando eles aqui chegaram, Alexandria era uma cidade grega. Nasser nacionalizou tudo, excepto os restaurantes, e eu decidi ficar.

De seguida, madame Christina falou-me dos seus clientes mais célebres:

- Sabe, meu caro, que a Dalida me visitava aqui todas as noites quando vinha cá cantar? Nesse tempo ela ganhara uma concurso de beleza, embora não fosse muito bonita. Também não era muito célebre e comia sempre macarrão no forno porque era barato. Também cá tive o Charles Trenet; o seu prato preferido era um bife de vaca quase em sangue com cogumelos ao Madeira. E o Yves Montand também cá vinha, sabias, meu caro? Tinha um fraco por escalopes de vitela com champagne.

Enquanto conversávamos, o jovem caixa mudara a música ambiente. Os altifalantes difundiam agora em surdina uma canção de Montand. Entrou um homem, com um fato preto. A ironia do seu olhar desmentia a lassidão revelada nos traços do seu rosto. À guisa de saudação entoou, como se fossem suas as palavras:

As folhas mortas apanham-se com uma pá,
As recordações e os desgostos também...

- Este é o Jorge Kypreos - disse madame Christina - um amigo que muito estimo, um homem muito interessante.

Kypreos sentou-se na nossa mesa, onde um pouco mais tarde se nos reuniram dois outros gregos cujos nomes já esqueci. Cada um deles queria falar-me de Alexandria, da sua Alexandria. As suas intenções eram mais do que mera cortesia ou generosidade. A cidade era o ponto fixo das suas preocupações.

- Tanto na Grécia como na Europa há muitas pessoas que gritam bem alto: Alexandria! Porque esta cidade tornou-se numa pátria perdida que prova a identidade da diáspora grega.

Eu possuo poucos talentos sociais e sou, infelizmente, incapaz de imitar as pronúncias. Assim, é preciso que o leitor faça um esforço para ler este diálogo, que prosseguia noite fora regado por alguns copos de vinho dos faraós, acentuando os r e com pronúncia grega. Obrigado.

- A segunda mulher do rei Faruk (7), Farida, vinha almoçar aqui todas as quartas-feiras antes de se dirigir ao Sporting; toda a boa sociedade da cidade vinha vê-la.

- Falas do passado, porque agora esta cidade é uma catacumba.

- Uma catacumba onde continua a habitar a amizade e o humor.

- É verdade que aqui sempre imperou uma extraordinária tolerância religiosa, apenas com uma condição: é preciso acreditar num deus, seja ele qual for.

*7. Faruk, rei do Egipto (1937-1952) e do Sudão, forçado a abdicar após o golpe de estado dos Oficiais Livres, foi

privado da nacionalidade egípcia em 1956 e naturalizou-se monegasco três anos depois.

16 - 17

- Deus nunca foi uma catástrofe para Alexandria, a nossa doença, a nossa praga é a vida social e mundana. Após a queda do muro de Berlim, o grande prazer consiste em ir jantar a casa do cônsul da Rússia, o que sempre nos faz variar dos soviéticos.

- Sabes, aqui as velhas senhoras têm muito mais importância do que os cônsules, que os Donatienne de Broissia, os Lucette de Saab, os Bernard de Zogheb - esses não são uma senhora de idade, sabes - as Hélène Colucci, algumas ainda usam títulos napoleónicos, outras são condessas papais; o Vaticano tinha vendido estes títulos há algum tempo para manter a Fé no Oriente.

- Um dos nossos amigos, que tem a sorte de viver dos rendimentos, confessou-me que já não suportava mais ser assediado por estas Clitemnestras(8). Por isso vive retirado no seu apartamento, sempre de roupão castanho, sem rádio, sem televisão, sem jornais, sem receber visitas. Já nem sabe muito bem em que época vive. A entrada de uma mosca na sua casa pode ocupá-lo horas a fio, o que pode parecer ridículo, mas ele disse-me «Tudo é preferível a essas mulheres dinâmicas.»

- Depois de Faruk morrer, Farida casou com um médico que adorava Chopin e Teologia. Um dia, desfez-se em lágrimas porque Farida se tinha ido queixar à esquadra de que ele a obrigava a ouvir barcarolas.

- Já te disse, as mulheres são todas Clitemnestras.

- Exageras, meu caro, mas o Cavafis também pensava assim.

- Mesmo no amor, as mulheres primam por se tornarem impossíveis. Antes de darem um beijo é preciso primeiro ouvi-las falar sobre os problemas da vida da filha ou os problemas da embraiagem do carro dela, o que acaba por se tornar muito maçador.

*8. Filha de Tíndaro, rei de Esparta, irmã de Helena, de Castor e de Pólux. Mulher de Agamenon de cuja relação nasceram Orestes, Electra e Ifigénia. Para se vingar do sacrifício de Ifigénia, ela manteve durante a Guerra de Tróia uma ligação adúltera com Egisto. Por outro lado, Agamenon foi degolado por Clitemnestra e Egisto. Figura da vingança para Ésquilo, de mãe feliz e de mulher ciumenta para Eurípedes.

18

É por isso que eu prefiro os encontros sem amanhã com os rapazes da rua. Eles não procuram de modo algum vingar-se da mediocridade da sua vida!

- Sabes que o Cavafis vivia por cima de um bordel na rua Lepsius, a dois passos daqui? Era misógino e nunca dirigia palavra às mulheres. No entanto, como era muito bem educado, ao passar diante das prostitutas dizia sempre bom-dia ou boa-noite, mas nem mais uma palavra, e elas respondiam-lhe com um simples bom-dia ou boa-noite. Até ao dia em que a dona do bordel exasperada lhe gritou: «Bom-dia, boa-noite, seu maricas!».

- Se pensas que eu sou misógino estás bem enganado. Quanto ao Cavafis, era filho de uma mãe castradora, percebes, e nada mais. Adorava a sua irmã, Helena, que morrera com dez meses, e adorava lavar os olhos com água de rosas.

- Quando era vivo, os gregos de Alexandria desprezavam-no, era considerado um Mefistófeles, mas agora tornou-se no nosso santo nacional, santo Cavafis de Alexandria, e todos os que partiram para longe em busca de uma nova Ítaca no Canadá ou na Argentina sabem de cor os seus poemas.

- No entanto, o Forster dizia que ele nunca seria popular porque voava demasiado alto e demasiado devagar...

- Não era o Calímaco(9) quem dizia: «Tudo o que é público me repugna?».

- Calímaco era um interesseiro, um pequeno peão servil, oriundo dos bairros de lata de Alexandria, que tinha iniciado a sua carreira como jovem adulto ao serviço de todos e terminou-a como trapaceiro profissional.

*9. Calímaco (315-240 a. C.), poeta, polemista e gramático. Presumível autor dos catálogos da Biblioteca de Alexandria. Peter Green fala longamente de Calímaco num livro de uma erudição e de um humor fascinantes, consagrado à época helenística, intitulado "D'Alexandre à Actium" (Bouquins, Laffont). Escreve nomeadamente: Na sua juventude, Calímaco não passava de um obscuro mestre-escola dos arredores de Alexandria; mas, embora não se saiba como, atraiu sobre si as atenções de Ptolemeu II, que lhe concedeu uma protecção lucrativa até ao fim dos seus dias. A tradição afirma que ele se teria "iniciado jovem nos meandros da Corte", uma afirmação que intrigou os especialistas; transposta para um contexto de homossexualidade e de mecenato literário, torna-se, contudo, límpida.

19

Eu cá detesto-o.

- Sempre houve entre nós inúmeros trapaceiros.

-Francamente, meu caro, não compreendo porque dizes isso.

- Durrell era outro que não interessava a ninguém, tinha fama de ser maçador e bêbedo...

- O retrato que ele fez de Alexandria é falsíssimo, mas soube captar os seus odores, os sons e as luzes da cidade.

- As Clitemnestras da época odiavam-no, consideravam-no facundo e parasita, e não o levavam a sério; para elas Alexandria era o centro do algodão ou a sede dos tribunais mistos, e aquele homenzinho cansava-as, queixavam-se elas, com a sua propaganda inglesa...

- Voltei a ver Durrell quando regressou a Alexandria para a BBC. Tivemos uma conversa séria depois de ele esvaziar a sua décima sexta Stella. «Aqui eu era um pária, confessou-me repetidamente, era um observador e espreitava pelo buraco da fechadura». Ele achava que os alexandrinos só se interessavam por dinheiro e intrigas sociais; com a pequena Vincendon obteve finalmente o seu passaporte para essa sociedade alexandrina...

Para os fiéis da Christina, Alexandria mantinha-se notoriamente essa cidade à deriva, da qual já falava o romancista greco-egípcio Stratis Tsirkas, um amigo de Cavafis. A cidade, a sua cidade, a cidade-estado da qual se julgavam

herdeiros, estava a pontos de soçobrar - não havia mais de mil e quinhentos gregos em Alexandria, contra quatro ou cinco milhões de Egípcios - mas os meus novos amigos comportavam-se como se bastassem as suas vozes na noite, este desenrolar de recordações e de pensamentos retomado cada noite a partir do ponto em que fora abandonado na véspera, para manter a cidade longe da ira da corrente. Ainda que a indolência da sua lengalenga mal dissimulasse o desespero de saber que o destino de Alexandria estava sem dúvida desde há muito inscrito nas ruínas de Antioquia, o mais engraçado é que se calhar eles nem tinham razão. Estes incorrigíveis sedutores não se obstinavam apenas em manter a chama acesa. Dirigiam-se directamente ao passado: "Fala, ó tempo ido", e o tempo ido respondia-lhes com palavras que saíam das suas próprias bocas.

(Mas será sensato pensar que teria bastado aos violoncelos da orquestra da coberta de primeira classe nunca terem deixado de tocar para impedir o Titanic de se afundar?).

Fui beber um último copo ao Pastroudis com o Kypreos e depois apanhei um táxi para Montazah. Já passava da meia-noite. O pontão, que há algumas décadas ligava os dois antigos palácios reais de Ras el Tin e de Montazah, enlaçava harmoniosamente o recorte da costa ao longo de cerca de vinte e cinco quilómetros. A cada inflexão da estrada, as fachadas de pedra das moradias, colocadas do lado oposto ao que tinham na pedreira, cediam às luzes de néon das cervejarias e aos monstros de cimento. Mas ao longo de todo o percurso, famílias cobertas por chapéus de sol, prolongavam a sua conversa com o mar numa atmosfera de regozijo nocturno. Os cânticos, as músicas de dança, as palmas compassadas e os tambores ecoavam na noite: sempre o constante murmúrio da multidão na água enegrecida do Mediterrâneo. Conversas, chinfrim, acrobacias náuticas, mergulhos, gritos. Alguns solitários jantavam, silenciosos, um pedaço de pão ou uma espiga de milho grelhada, imóveis, de olhos fixos na espuma fosforescente. Nas trevas estreitas das ruelas, cachos humanos continuavam a descer até à frescura da borda de água. Ao chegar ao hotel, passara-me o sono. A fluxo de tráfego começava a diminuir. Decidi ir sentar-me sobre o paredão da praia e ficar a contemplar esta energia consagrada aos folguedos, ao mar e à noite⁽¹⁰⁾. Como saber se esta necessidade de saborear o verão e de conceder tributo à eterna juventude das estrelas faria ainda parte do ímpeto fundador da cidade? E se estas eloquentes cerimónias

*10. Existe alguma semelhança entre Veneza e Alexandria: o cosmopolitismo, o antigo poder das oligarquias, a espionagem, o gosto pela intriga, a simplicidade das ruínas e dos palácios (alguns alexandrinos, tais como Finney, antigos proprietários do "Bourse" e da Gazeta Egípcia, chegaram mesmo a mandar construir um palácio ao estilo veneziano) e sobretudo, talvez como descreve Barrès no *Amor et Dolori Sacrum*: uma certa voluptuosidade melancólica... Desespero de uma beleza que se encaminha para a morte.»

20 - 21

à borda da água não fossem mais do que um pretexto para calcar os últimos vestígios que ainda ligavam a cidade moderna à sua velha mãe?

Na manhã seguinte, regresssei ainda cedo ao cais do porto

leste.

A cidade reencontrara a sua inocência. Os lençóis usados durante a noite estavam estendidos em todas as janelas das fachadas corroídas viradas para o mar. Instalei-me num café popular que o Naguib Mahfouz me tinha dito costumar frequentar. Eu falara com o Mahfouz antes de apanhar a camioneta para Alexandria, onde ele me dissera que eu devia vir todos os verões para escapar ao calor do Cairo. Antes de encontrar o escriba do Cairo já tinha visto fotografias dele e sempre o achara parecido com o Ray Charles. Óculos escuros de cego, rosto rasgado por um grande sorriso, cabelo rapado. Quando cruzei a porta do seu escritório, no sexto andar do edifício do jornal Al Ahram, deparei com um homem perdido nos seus pensamentos, sentado, com as suas mãos ossudas bem alongadas sobre os joelhos, vestido com um fato azul, camisa branca abotoada até ao pescoço, sem gravata: um Moravia modesto e de modo algum uma estrela do blues.

Cada vez que chegava a Alexandria, dissera-me ele, tinha sempre a impressão de estar no estrangeiro. Falávamos apenas francês ou inglês. Naquele tempo, quando lá comecei a passar o verão, Cavafis ainda estava vivo, mas nunca o encontrei nem cheguei a conhecê-lo. Mais tarde só ouvi dizer bem dele. Quanto a Durrell fora amigo de um dos meus professores. Li o seu Quatuor e gostei bastante desse romance sobre os estrangeiros na cidade. Eu gostava muito de Alexandria pela sua frescura, pelo seu exotismo e, à semelhança de todos os portos do mundo, é uma cidade pululante de vida. Eu podia passar dias inteiros sem sequer ler o jornal e era-me indiferente. A alegria popular tudo invadia.

E eu perguntara ao Mahfouz:

- E, enquanto egípcio, o que pensa desse Bonaparte que desembarcou em Alexandria num dia de Julho de 1799 para seguir as pisadas de outro conquistador denominado Alexandre?

- Bo-na-parte was the mes-sem-ger of modernity for Egypt! Mo-der-ni-ty and liberty!(11) Sem ele, não seríamos nós mesmos actualmente!

O autor de Miramar desenrolara durante o nosso encontro todos os tesouros de uma civilização muito antiga. A sua voz de bronze e o seu riso, que soava como um címbalo, pontuavam o essencial das suas frases. Ele lembrava-me uma esfinge fraternal, rica em sagacidade e em memória, mas ainda receosa de enfrentar os tempos vindouros.

No café alexandrino de Mahfouz, de chão ladrilhado e muito bem lavado, havia homens de maçãs do rosto salientes e olhos pretos encovados no fundo das órbitas. A maioria estava vestido à europeia mas alguns envergavam a gallibaya tradicional, donde saíam chinelos cor de tijolo. Fumavam serenamente enquanto saboreavam pequenos golos de café à turca e a sua serenidade possuía algo de tranquilizador. O tempo parecia ter parado sobre uma nova época da cidade. Havia diversas tipóias estacionadas defronte da esplanada do café. Por cima do porto o céu coloria-se com a ternura da luz matutina. Uma espuma límpida e vigorosa nacara o azul do mar. Foi desta costa que em 858 embarcaram os corsários venezianos que acabavam de roubar aos muçulmanos o corpo de São Marcos, escondido numa selha de carne de porco em salmoura. São Marcos tinha fama de ter evangelizado os alexandrinos, que naquele momento pareciam tê-lo esquecido completamente. Nos microfones, os almuadens chamavam os fiéis à oração e muitas das mulheres que esperavam o autocarro cobriam-se com o véu. Comecei a conversar com um dos meus

vizinhos, um homem ainda novo, muito magro, com o bigode e os dentes amarelecidos pelo tabaco. Quando lhe disse que chegara do Cairo na véspera, fez uma careta de desgosto e disse-me:

- Eu fui duas vezes ao Cairo na vida, porque fui obrigado. É uma cidade horrorosa e onde não se consegue viver, falta-nos o ar. Alexandria é completamente diferente. Estamos virados para o mar.

- Diz-se que sempre houve dois Egiptos, o de Meca e o do mar.

*11. Em inglês no original. «Bo-na-parte foi o men-sa-gei-ro da modernidade para o Egipto! Mo-der-ni-da-de e liberdade!» (N. da T.)

22 - 23

- É verdade, mas desde há algum tempo o de Meca vem conquistando terreno ao mar.

- Você é copta?

- Não, de maneira nenhuma. Sou muçulmano. Mas eu cá não gosto de ver todas estas raparigas tão bonitas de rosto tapado, como alguns, cada vez mais numerosos.

Depois conversámos sobre Mahfouz, que ele considerava o homem mais importante do Egipto. Nunca lhe passaria pela cabeça que alguns meses mais tarde Mahfouz seria apunhalado por um integrista em plena rua, à porta do seu prédio de Sharia Nil.

Saí do Café Mahfouz para me encontrar com uma arménia de quem tinha ouvido falar em Paris. No caminho, passei diante do museu e aproveitei para dar uma rápida vista de olhos, apenas o suficiente para ficar de pé atrás perante uma das tânagras - com uma cauda de sereia e asas de anjo - essas figuras de terracota policromadas, inicialmente fabricadas numa aldeia da Beócia⁽¹²⁾ para serem depositadas nos túmulos e cujos moldes foram exportados para todo o mundo grego, e nomeadamente para as oficinas de Alexandria no século II a.C. Ao sair do museu atravessei o bairro greco-libanês, à sombra das grandes casas que me faziam lembrar Beirute; algumas encontravam-se em ruínas e abandonadas, e outras acabadas de restaurar por bancos e consulados. O calor começava a fazer-se sentir e um pouco por toda a parte, em torno dos parques destas moradias patricias, o calor exalava aromas - por vezes uma mescla de frutos apodrecidos - que ondulavam em nuvens inebriantes, e comecei a tomar nota dos nomes das flores que ia encontrando pelo caminho: cravos, rosas, gladiólos, lírios, aves do paraíso, azáleas, buganvílias floridas e resplandecentes, jacarandás, goiabas, cactos, acácias, figueiras-do-faraó, jasmims, até ao momento em que desisti porque havia realmente demasiadas cujo nome eu ignorava. De seguida as fachadas estreitavam-se e penetrei num dédalo de ruelas de um bairro de artesãos.

*12. Beócia: Região da Grécia, a nordeste do Golfo de Corinto. Capital: Tebas. Aliada dos Persas por muito tempo, depois de Esparta, contra Atenas, até à invasão macedónia.

Pela porta aberta de uma oficina vislumbrei um marceneiro que esvaziava um móvel, segundo o risco; duas casas mais à frente, a tesoura de um alfaiate recortava um pedaço de estofa; ao virar de uma esquina era um mecânico examinando minuciosamente um motor suspenso de um cavalete de ferro.

Imaginava a vida dos artesãos de há dois mil e mais anos. Não tinha dúvida que trabalhavam usando os mesmos gestos, pondo na obra a mesma dedicação ou a mesma preguiça, nos mesmos pátios ou nas mesmas oficinas de solos de terra batida, como este sapateiro que remendava umas velhas sandálias na soleira da sua porta. Era esta mão-de-obra tirada do povo que os investigadores do museu faziam actualmente trabalhar, para recuperar técnicas que desenhavam sobre os seus papiros e que tinham feito de Alexandria uma capital dotada de uma tecnologia de ponta, uma espécie de Silicon Valley à borda d'água, onde, nomeadamente, se inventou o parafuso, as engrenagens, a arte de soprar o vidro, os instrumentos de agrimensura e o sistema de roldanas.

Numa avenida inundada de sol, empurrei a porta de um prédio onde a vida parecia adormecida há muito tempo; o elevador não funcionava e o pó cobria o vão da escada com uma fina camada de poeira branca. Aí habitava a arménia com quem ficara de me encontrar. Deparei com uma senhora de idade, encantadora e culta, mas imbuída de um leve complexo de superioridade. Não parecia interessada em evocar as suas recordações de Cavafis ou de Durrell e não tardou em me confessar que nem suportava vê-los retratados:

- Aqui ninguém gosta deles... É tudo snobismo literário - exclamou.

Em contrapartida, ela reivindicava a herança de tolerância da cidade e falou-me longamente da sua mãe, nascida na Grã-Bretanha, casada na Turquia e alexandrina por adopção, e de seu pai, arménio, chegado a esta cidade como arquitecto do quediwa⁽¹³⁾ Ismael, e que construía para a imperatriz Eugénia um palácio na margem do canal do Suez.

*13. Título do vice-rei do Egipto desde 1867 até 1922, enquanto este país foi tributário da Turquia. (N. da T.)

Quando a deixei, pensei que ela não tivera qualquer dificuldade em insistir nas aventuras vividas pela sua família. Alexandria, após Alexandre, era também isso: uma soma singular de destinos, heróis, argonautas, chefes de guerra ou filósofos, aqui vindos para recuperarem o élan do seu triunfo e se abandonarem à forte corrente dos seus sonhos, mas também de zés-ninguém e de vencidos da História, sobreviventes de guerras e de carnificinas, das desilusões e dos fracassos, aspirados por este olho de ciclone afável, onde tinham tentado, mais humildemente, reconquistar a sua própria vida, o que já era alguma coisa. Arménios de Cesareia, de Esmirna, de Mouche ou de Constantinopla, negociantes, ferreiros ou joalheiros, cujas mulheres tinham nomes como Anaíde ou Erânia, malteses, libaneses, sírios, italianos, franceses, franco-levantinos, russos, judeus, por vezes instalados sobre a via Canópica desde a fundação da cidade tipógrafos, alfaiates, banqueiros, funcionários ou pescadores, os Menasce,

os Aghion, os Lumbroso, os Ventura, e evidentemente também gregos, tão numerosos em 1945 - chegaram a ser 150.000 expulsos pela invasão alemã - que o meu amigo Kypreos pudera dizer-me a sorrir:

- Aquele pós-guerra foi um dos pontos altos do helenismo.

As recordações deles desenhavam um arco de sonho sobre a cidade. Esta lembrança invisível mantinha a imaginação dos seus habitantes, fortificava a consciência pungente que eles possuíam da sua singularidade, mas também do romanesco de toda a existência.

Era por isso que eu me questionava sobre a repulsa que os nomes de Cavafis e de Durrell pareciam inspirar a numerosas pessoas. Julgava compreender que elas os culpavam, principalmente Durrell, de ter reduzido os seus amores a fragmentos e de revirar as suas gavetas à procura de segredos das suas vidas (receberia mais tarde uma carta de Colette Guillemard, antiga aluna de Beaufret, professor em Alexandria em 1936-37, que me dizia: «Conheci uma mulher chamada Justina que matou o amante espetando agulhas numa estatueta de argila, conheci uma Clea dotada, como todas as raparigas nascidas em Alexandria, para a dança e para a natação - e sem dúvida para o amor -, que dançava a valsa com o seu pai na noite da passagem do ano e mergulhava ao largo do Mex como se procurasse o passado estratificado da cidade...»), de ter falsificado a identidade das suas existências e desonrado as fotografias amarelecidas e um pouco delicadas dos seus álbuns de família, de ter afirmado que um qualquer andava sempre de chapéu preto quando na verdade ele nunca saía sem o seu panamá branco. Em resumo, censuravam-no pela sua mentira verdadeira, como se pudéssemos odiar um padeiro por fazer o seu pão com farinha. Parecia-me, contudo, que esta não era a explicação mais sincera. E se fosse outra coisa que continuasse a titilar-lhes a alma do lado do amor-próprio, aos meus alexandrinos deliciosamente melancólicos, e se esta outra coisa fosse o facto de eles não suportarem ter tido olhos para ver e orelhas para ouvir sem jamais ter adivinhado a parte fascinante destes dois errantes, com quem tantas vezes se tinham cruzado de má cara?

Já era tarde quando voltei à Christina para almoçar. Madame Elite, como lhe chamavam afectuosamente os clientes, propôs-me um vinho branco dos Ptolemeu, depois pediu a um dos seus empregados da cozinha, um velho de pele negra, todo vestido de branco, com um barrete bordado imaculado, para me conduzir até à casa de Cavafis, na antiga rua Lepsius, que era ali perto. Depois esgueirei-me pela angra do porto oriental. Na margem, uma vintena de pescadores atados pela cintura puxavam uma longa rede, ajudados por miúdos em calções de banho, e comandados pela voz de um velho inclinado sobre o parapeito do paredão. Fiquei muito tempo a observá-los, porque queria ver o que iriam retirar daquela rede tão pesada, erguida com paciência, metro a metro, e à custa de esforços combinados e repetidos vezes sem conta, como se fosse preciso arrancá-la da margem arenosa do rio, mas a pesca estava longe de ser miraculosa. Apenas três caixas de lagostins, que formavam uma massa prateada e viva, e uma cesta de peixes diversos que eu fui incapaz de identificar. Prossegui o meu caminho até ao palácio em forma de navio de Ras el Tin, cortando pelo velho bairro

de Gumrok. Nas ruas desenrolavam-se tapetes e os altifalantes soavam entre as mesquitas, num apelo à oração. As rezas roucas dos imã (14), amplificadas pela instalação sonora, fundiam-se num fundo de nervosismo generalizado que desmentia a indolência napolitana dos artesãos ocupados a reabrir as suas lojas depois da sesta. Crianças brincavam descalças diante de velhas casas turcas de tijolo e madeira, de varandas oscilantes e fachadas inexistentes. Mendigos na borda do passeio pediam dinheiro aos transeuntes, indiferentes aos automóveis, às parelhas de cavalos e aos eléctricos que percorriam as ruas estreitas num concerto de gritos e avisos. Marinheiros muito jovens, de farda preta em passo de corrida, provenientes do arsenal, espalhavam-se em manchas compactas e sombrias por entre o movimento colorido deste fim de tarde. A reverberação do sol no mar desenhava portas de luz no horizonte das ruas abertas sobre o porto ocidental. Era para onde eu me dirigia. Diante dos relvados de Ras el Tin segui pela costa até Kait-Bay onde cheguei no momento em que um céu de púrpura se liquefazia na ondulação da corrente. A agonia do sol é sempre fugaz no Oriente. Observava a sombra do forte alongar-se sobre a passagem do Touro e a cidade transformar-se numa brasa ao fundo da baía, enquanto pensava que Alexandria era uma cidade agradável se eu me mantivesse preso à definição de Aristóteles: uma cidade que é possível abarcar com um único olhar.

Pois era, encontrava-me em Alexandria há vinte e quatro horas (sabendo desde já que ficaria preso às minhas primeiras sensações, aos meus primeiros encontros, tal como um burro à sua estaca, e que de cada vez que voltasse procuraria a frescura desses elementos primordiais), quando um homem de calças de jogging e com alguns pneus de gordura me dirigiu a palavra:

- Está de visita ao Egipto?
- Não, apenas a Alexandria.

Sobressaltou-se como se tivesse sido picado por uma abelha,

*14. Ministro da religião maometana. (N. da T.)

28

depois olhou-me com compaixão.

Tinha cerca de trinta anos. Uma barba que começava a despontar enegrecia as suas bochechas esverdeadas.

- Por que não Assuão ou o Cairo? Não é mais caro.
- É Alexandria que me interessa.

O olhar já não transmitia quaisquer vestígios de piedade ou de simpatia. Tive a impressão nítida de que ele me detestava e teria adorado esmagar-me sob as suas sapatilhas Nike, só por causa do que eu acabara de afirmar: Alexandria interessa-me.

Ele riu a bandeiras despregadas:

- You, very funny man(15), aqui não há nada para ver, percebes, nada para ver.

*15. Em inglês no texto, Tu, muito engraçadinhoH. (N. da T.)

29

UM MANTO SOBRE A AREIA

Nada para ver? Já Ungaretti o dizia: há o deserto, a noite, há em suma, O Nada, há miragens, isto é Alexandria, não é verdade?... De certo modo a monotonia árabe sem as Mil e Uma Noites. E contudo a lembrança persistente de uma fundação irracional. A cena passa-se no ano 332, antes do nascimento de Jesus Cristo. Alexandre acaba de dominar o Egipto, realizando assim as ambições de Péricles. O Mediterrâneo oriental pertence a partir daí aos barcos helénicos.

Ao regressar de Menfis (perto da actual cidade do Cairo), o jovem rei, com vinte e quatro anos, desce com os seus arqueiros, a sua cavalaria e os seus lanceiros de dardos agrianos(16), o braço ocidental do Nilo seguindo a linha da costa. A tropa macedónia avança como se estivesse de licença. O sol brilha, a brisa suaviza as queimaduras solares, o Egipto deu mais do que foi conquistado, está tudo bem.

Alexandre, montado na sua sela, sente-se a entrar no seu reino, pensando já noutras conquistas. Está determinado a fundar um porto para substituir Tiro, que ele tinha destruído, e servir de capital às suas novas conquistas:

*16. Povo da Antiguidade que habitava uma parte da Trácia. (N. da T.)

31

procura um local para construir as suas quimeras. Este sonhado R rápido e topográfico precisa constantemente de concretizações". Chegado à cidade de Rakotis, construída sobre uma língua de areia que separa o lago Maréotis da terra, a sete estádios da ilha de Faros, Alexandre exclama: «É aqui!». Aqui? Mas não há nada. Nada, absolutamente nada. Apenas uma baía, nascentes de água doce, jazidas de calcário que afloram sob as dunas, um acesso fácil ao Nilo. E não se esqueça das miragens, do invisível, dos valores muito matizados de harmonia.

Sem descer do cavalo, Alexandre atira o seu manto - o gibão dos cavaleiros macedónios - sobre a areia para traçar os planos desta cidade que ele antevê. Uma rua larga e direita, templos para os deuses gregos e templos para Ísis, a egípcia, palácios, jardins, dois portos e sobre a ilha de Faros uma torre com uma fogueira acesa todas as noites para guiar os barcos. O seu arquitecto, Dinocrato, é imediatamente convocado para esboçar os planos desta visão.

- Depressa, tragam-me giz! Não há giz? Tragam farinha!

Sacerdotes guiados por cegos desenham o plano director da cidade. O trabalho está quase terminado quando nuvens de pássaros se abatem sobre o solo para um festim de farinha. Os sacerdotes meneiam a cabeça. Mau presságio?

- Não - corta o divino Aristando - feliz presságio.

- Tens razão - responde-lhe o rei cavaleiro, que sorri com o feliz presságio, já que os pássaros que levantam voo transportam um duplicado dos planos da cidade.

É assim que Alexandria começa por ser uma cidade celeste. Alexandre vira-lhe as costas. Ele nunca chegará a ver um só dos seus edifícios, mas os Ptolemeu serão dignos sucessores deste jovem conquistador que acedeu a ser tratado como faraó em Menfis e tem já (ainda) a Ásia na mira. Eles não irão participar apenas naquilo que Marguerite Yourcenar denomina a civilização grega fora de portas,

*17. Malraux fala a propósito de Lawrence, outro conquistador do Absoluto, de uma "memória topográfica única", em *Le Démon de l'absolu*.

32

mas aqui a Grécia fecundou a sua melhor parte com o génio do Egipto antigo. Nas catacumbas de Alexandria cada estátua é o espelho deste acontecimento metamórfico: o corpo é grego, mas a sua antiga cabeça de divindade é egípcia. Baseada nos projectos arrancados por Alexandre aos seus próprios sonhos iria prosperar a cidade-mãe de todas as outras cidades e o ponto alfa do nosso estilo mundial. Nas margens do Rakotis, o Macedónio de tez delicada e cabelos loiros não alinhara apenas os sacerdotes, os oráculos e o povo com uma palavra sua, tinha vencido o real. Não fundara apenas uma metrópole capaz de eclipsar Atenas ou Cartago, tinha fundado o Futuro.

* * *

Quem é este homem novo, apressado, com o olhar cheio de uma doçura difusa e líquida e cujo olho direito é mais escuro que o esquerdo, mais azul que preto, que tem o pescoço ligeiramente inclinado para a esquerda, e de cuja pele exala um estranho perfume; sem dúvida, diz-nos Plutarco, porque a temperatura do seu corpo era elevada, semelhante à das regiões do Mundo onde cresce a maior abundância de fragrâncias.

A sua vida inicia-se com uma mulher obscura, bela e possessiva, Olímpia, intimamente visitada por um raio. Raio esse assinado por Zeus, que é pelo menos o que Olímpia afirmará a seu filho. Sinais particulares: filha de um rei de Epiro, descendente de Aquiles, e antiga prostituta sagrada da Samotrácia. Durante os seus acessos de febres dionisiacas procura o contacto com as serpentes. Foi vista a correr nua pelas montanhas em busca dos companheiros de orgias nocturnas. As serpentes nunca andavam longe. Sempre que recupera os sentidos, volta-se imediatamente para o futuro (18). À noite Olímpia não dorme, sonha.

*18. Nimier: Por culpa sua, Alexandre não vive; viverá, in *L'Elève d'Aristote*.

33

Encontra Filipe, rei da Macedónia, durante os mistérios da

Samotrácia, desposa-o e dá-lhe um filho, enquanto lhe oculta o seu romance relâmpago com Zeus.

Na companhia desta bacante de grande erudição literária, a casa real da Macedónia tem falta de nobreza divina, ainda que ela não hesite em se reclamar descendente de Héracles e dos antigos reis de Argos. A Macedónia é então vista pelos Gregos como uma espécie de país de segunda, povoado de rústicos de modos primitivos e divertidos para se observar de longe, ou como hoje se diria:

camponeses balcânicos. Um trisavô de Alexandre conseguiu no entanto convencer os Gregos da autenticidade da sua genealogia, acabadinha de inventar numa oficina do Pireu(9). Os Macedónios foram por conseguinte admitidos nos Jogos Olímpicos, o que equivalia a um certificado de naturalização helénica, mas o rei Filipe deseja mais que a falsidade da sua nobreza. É um homem surpreendente. Astuto, enigmático, que afirma a influência da sua dinastia sobre os fidalgotes provincianos da península, garante a segurança das suas fronteiras com os Bárbaros, equilibra com a habilidade de um chefe de harém as rivalidades que destroçam as cidades gregas. É um provinciano complexado e impaciente por utilizar em proveito próprio o teatro mundano da Grécia, as suas filosofias, o último sucesso literário. Pressente-se facilmente que ele morre de inveja para gravar nos frontões do seu palácio de Pella: "Aqui é melhor que em Atenas".

E é quase verdade, tão inovador é o seu exercício do poder e o seu requinte, excepto durante as suas horas de embriaguez, quando já nem sabe por que motivo ri.

*19. Decorrerão ainda vinte séculos e sobretudo Jean Mabillon

para pôr um pouco de ordem na urbanidade europeia.

*20. Atenas troca, liderada por Demóstenes, que compara Filipe a

"um desses bárbaros impossíveis de usar mesmo como escravos", mas o ateniense Isócrates chama-lhe amigo das Letras e Artes.

Vejamos qual a ascendência de Alexandre: do lado materno, uma relação com o divino: Zeus, senhor do Universo, Dioniso, o deus errante do vinho, da guerra e da boa carne, que percorreu o mundo até aos seus confins e alcançou a Índia num carro puxado por panteras, Aquiles, o principal personagem da Iliada de Homero, que combateu às portas de Tróia e morrerá ferido por uma flecha no calcanhar. Do lado paterno, a ascendência é mais humana: inteligência política, grandeza de alma, elegância tanto na acção como no prazer, vigor físico, violência e simplicidade de origens, além de terríveis acessos de fúria alcoólica, não isenta de crueldade para consigo mesmo (21).

O nascimento de um bambino (22) com um background (23) tão maravilhoso, onde se confundem genes e lendas, não podia passar despercebido. A noite em que Alexandre nasceu foi naturalmente uma noite de prodígios. O mais impressionante foi a destruição do templo de Artemísia em Éfeso, assolado por um incêndio. No dia seguinte, os magos de Éfeso leram nas cinzas

fumegantes a seguinte mensagem: "Esta noite acendeu-se no Oriente uma tocha que incendiará o mundo (24)".

O destino de Alexandre estava escrito, resta-lhe apenas vivê-lo. Diversas pessoas vão ajudá-lo a recordar-se desse futuro arquitectado nas estrelas. Primeiro que tudo a sua mãe, a antiga meretriz, que todas as noites lhe repete, enquanto o adormece, que ele descende de Aquiles. Leónidas, o Educador, que o faz dormir sobre pedras e o ensina a dominar-se. Lisímaco, o Pedagogo, que o faz recitar a Iliada, da qual Alexandre sabe milhares de versos de cor. E Aristóteles, o Filósofo, encarregado do resto, ou seja: a arte de ser rei.

Diz-se que, na realidade, Filipe teria escrito ao filósofo assim que o seu filho nasceu: "O que me enche de alegria não é o facto de ele ter nascido,

*21. Droysen escreve a propósito de Filipe: "Tantas qualidades quanto defeitos".

*22. Em italiano no original, significa "menino". (N. da T.)

*23. Em inglês no original, significa, neste caso, "origem, ascendência". (N. da T.)

*24. Malraux in *Le Démon de l'absolu*: "O aventureiro não é o homem que faz cintilar o sol mas sim a tocha que segura na sua mão".

35

mas que o seu nascimento tenha ocorrido na época em que tu vives. O rei faz vir para Pella o herdeiro espiritual de Platão, então sem protector e sem cadeira académica, cobre-o de honrarias e de prebendas, desfaz-se em gentilezas. Depois ele destina, segundo Plutarco(25), para o Mestre e o aluno passarem o tempo de estudo, o Ninfeu de Mieza, onde ainda hoje é possível ver os bancos de pedra e os passeios que Aristóteles percorria à sombra. Alexandre, segundo parece - continuamos a citar Plutarco, - não aprendeu apenas Moral e Política, mas tomou também parte nas lições secretas e mais profundas que os filósofos designavam especialmente como acroamáticas(26) e epópticas(27), e que eles apenas divulgavam em ocasiões excepcionais(28).

Acrescentemos que o vício impune do jovem no decorrer de todos os seus anos de formação foi a leitura. Nunca se cansa nem de Homero, nem de Píndaro, nem de Eurípedes, retirando dos seus personagens poses e regras para o futuro, e se ele ama Hefestion é para fazer como Aquiles, porque ele amava Pátroclo.

"Se lhe tivesse bastado amar os livros, escreve Pietro Citati(29), Alexandre não seria hoje mais do que um dos belos jovens mortos antes do tempo, sobre os quais Cavafis escreveu com alguma ligeireza epitáfios imateriais". Mas Alexandre não se limita a apreciar os livros como um leitor vulgar que encontrasse no imaginário as satisfações que a vida lhe recusa. Neste jovem príncipe de quinze anos não existe abismo entre o que ele é e o que ele gostaria de ser,

*25. In *Vie d'Alexandre*.

26. Ensino oral em oposição ao que se recebe dos livros e da escrita. Assim se denominam as mais elevadas lições de

Aristóteles sobre Filosofia e às quais só eram admitidos os discípulos e uma ou outra pessoa de elevada categoria mental. (N. da T.)

27. Entre os Gregos, a iniciação suprema dos mistérios de Eleusis, consagrados à deusa Ceres. (N. da T.)

28. Droysen: "Aquele que conquistar o mundo com o pensamento educou aquele que devia conquistá-lo pela espada. Cabe a Aristóteles a glória de ter iniciado Alexandre na grandeza das ideias, e na ideia da grandeza. Foi ele que o ensinou a desprezar e a fugir aos prazeres sensuais, que enobreceu as suas paixões e deu à sua força a sua medida e a sua profundidade."

29. In Alexandre le Grand.

36

nada separa o mundo finito do real do infinito, do seu vigor e das suas paixões. Nas suas veias corre o sangue dos heróis e dos deuses, facto que ele nunca esquece enquanto aguarda a sua hora, ou seja, todo o tempo, não sem tormentos, invejoso das vitórias do seu pai, dado que ele teme que elas o impeçam de efectuar futuras conquistas. Alexandre é já o que virá a ser: "Nós conquistámos tudo, não possuímos nada", palavras que ele próprio pronunciará no apogeu da sua glória.

Chega a sua hora.

Filónico, um comerciante tessalonicense, conduz a Filipe o cavalo Bucéfalo, que estava à venda por treze talentos⁽³⁰⁾. O animal desceu à liça de manhã cedo, antes das moscas, para um primeiro contacto. Nenhum dos escudeiros de Filipe lhe resiste. Demasiado selvagem. Bucéfalo é um animal magnífico, com um pelo luzidio e negro, proporções perfeitas, mas indomável. Filipe enerva-se. Alexandre emite comentários desagradáveis, enquanto passa a mão pelos cabelos, um hábito seu:

- Francamente, estes escudeiros não percebem nada disto, que baralhada, um cavalo tão bom...

Cada uma das suas reflexões exaspera um pouco mais o pai, que se vira para o filho e quase lhe grita:

- Em vez de te penteares e acusares pessoas mais velhas do que tu deverias estar calado. És capaz de fazer melhor?

- Claro - responde Alexandre. - conseguirei dominá-lo como ninguém.

Alexandre corre para Bucéfalo, agarra-o pela rédea e vira-o de frente para o sol. Como todas as pessoas cultas, Alexandre sabe que um cavalo pode ter medo da sua sombra⁽³¹⁾ e ele tinha observado que Bucéfalo se assustava com aquela forma que se projectava e dançava diante dele. Vira Bucéfalo para o sol sem parar de falar com ele e de lhe afagar o pescoço.

*30. Existiam talentos de ouro e talentos de prata. Um talento pesava cerca de vinte e seis quilos.

31. Aprendi esta lição ainda novo com Victor Hugo, que descrevera um cavalo, ao luar, assustado com a sua sombra.

37

Mais uma palavra, mais uma festa com a palma da mão e o furor do animal esvai-se. Resta apenas a espuma na boca.

Alexandre escarrancha-se no cavalo, tendo o cuidado de não o magoar com o freio, e depois espeta-lhe os calcanhares nos flancos. Bucéfalo corre à desfilada. Domado. O rei, os oficiais, os cortesãos, os escudeiros e os palafreneiros observam este jovem montado sobre um sol negro. Este sol será o cavalo de batalha de Alexandre durante todas as suas campanhas. Filipe chora de alegria e diz a Alexandre, que o escuta enquanto afaga os cabelos:

- Meu filho, busca um reino à tua dimensão: a Macedónia é muito pequena para ti.

Começara.

Filipe, encorajado por Isócrates(32) imagina-se o unificador das cidades gregas. Em Caramânia destrói uma coligação entre Tebanos e Atenienses, revoltados contra ele pela eloquência de Demóstenes, que denuncia a tirania do macedónio. Senhor da Grécia, oferece a paz aos vencidos e indica-lhes um inimigo comum: os Persas. A sua ambição era nem mais nem menos: uma boa palmada no focinho asiático(33). Filipe preparara-se para a guerra de forma titubeante. Encadeia grandes bebedeiras com apreensão de armas. É assassinado no decorrer de uma destas jornadas de parada e de vinho. Na confusão que se segue ao crime, Alexandre apossa-se rapidamente da coroa.

Ainda muito jovem, diz-nos Diodoro(34), e contra todas as expectativas, Alexandre pôs rapidamente em ordem os assuntos públicos, por mais difíceis que fossem. Foi pela persuasão empregue nos seus relacionamentos que ele granjeou a simpatia das pessoas. O medo que ele inspirava fez com que outros enveredassem pelo caminho recto.

*32. Orador grego preocupado com a unidade do mundo helénico. O seu programa: "É preciso ser o benfeitor dos Gregos, o rei dos Macedónios, o mestre dos Bárbaros."

33. Roger Nimier, in L'Elève d'Aristote.

34. Diodoro de Sicília: Historiador grego do século I a. C., autor de uma história universal em quarenta volumes, a Biblioteca Histórica.

38

Foi finalmente à viva força que alguns foram submetidos e sujeitos à sua autoridade... Para aterrorizar os que se recusavam a obedecer, encabeçou o exército macedónio com uma equipagem formidável.

O exército faz o seu trabalho. Em Corinto a multidão comprime-se em torno deste rapaz irresistível (tem vinte anos). Apenas Diógenes se mantém calmamente à espera. O aluno de Aristóteles vem saudá-lo. Diógenes olha-o e diz:

- Estás a tapar-me o Sol!

No regresso, Alexandre exclama para a sua escolta:

- Se eu não fosse Alexandre, gostaria de ser Diógenes.

Ainda alguns assuntos familiares para resolver, a necessidade de pacificar alguns cantões, algumas arrogâncias a dominar... nada de mais. Tebas é incendiada, com excepção da casa de Píndaro. Atenas bate com a mão no peito, arrependida, Demóstenes é o mais comprometido. No outono de 335, Alexandre regressa a casa, a Pella. Passa o inverno a mirar a Ásia, pois regressou apenas para partir. Dario bem o sabe, e prepara-se. À noite, no seu quarto, Alexandre mergulha no grande livro do mundo. Já leu inúmeras vezes as páginas da História grega, o

papel está gasto. O que o apaixona: as páginas brancas, as mais numerosas, de alfa(35) virgem. Percorre as páginas ainda por escrever e põe a sua assinatura no fim. De dia está longe. Lá, no país do sol nascente. Lá longe, lá em cima, mais longe, mais... com os seus generais, os seus tácticos da guerra, os seus geógrafos, historiadores, estrategos, convocados para «so-agir», dizia-Lhes ele, ou seja, para sonhar e agir. Deseja partir como um recém-nascido, nu, apenas com a sua pele de homem, onde corre o sangue dos deuses e dos heróis e dá tudo o que possui. O fiel Pérdicas(36) inquieta-se:

- Mas o que te sobrará?

*35. Denominam-se fibras de alfa, as fibras de esparto usadas no fabrico de papel. (N. da T.)

36. General macedónio, oficial de Filipe e depois de Alexandre.

39

Ao que o macedónio responde:

- A esperança.

Vamos, chegou a hora!

Nos primeiros dias da primavera de 334, a armada parte com cento e sessenta barcos. Alexandre comanda a triera(37) real. No meio do Helesponto faz um brinde com um cálice de ouro. Ao aproximar-se das costas da Ásia Menor, a pouca distância da antiga Tróia, lança o seu dardo como se rubricasse não um título de propriedade mas uma ordem do dia ou um capítulo da sua vida. Assinar, assinar sempre, deixar a sua marca, a sua luz e passar. É o primeiro a pôr o pé em terra. Corre para as ruínas de Ílio, a colina inspiradora do povo grego, primeira paragem da sua peregrinação homérica(38).

No templo de Atena troca de armas. As suas são consagradas à deusa, e volta a partir com o escudo de Aquiles. Puro instante sobrenatural. Antes de se afastar (está desejoso de travar batalhas), coroa de flores a sepultura do seu antepassado, enquanto Heféstion, o amigo de Mieza que o seguiu, se recolhe diante da de Pátroclo. É uma história muito antiga que continua, um novo livro de uma Iliada rejuvenescida que começa.

Por entre os gregos da Ásia Menor perpassa um murmúrio. Hei-lo. Dario também o escuta, embora não pelas mesmas razões. As suas forças reagrupam-se sob as ordens do Ródio Memnon, humildemente encostadas ao rio Grânico. Alexandre apercebe-se rapidamente do ponto fraco da Pérsia. A sua cavalaria patinha sem protecção na bacia do Grânico. É contra ela que ele dirige um ataque certeiro à frente dos seus correligionários, transportado na corrente pelos cascos de Bucéfalo, trombetas a soar. Com um golpe de lança, um só único, mata Mitrídates, genro de Dario. O sátrapa da Lídia tenta decapitá-lo com um golpe de sabre, mas o negro Clitos corta o braço que transporta o sabre. Ao anoitecer dá-se a longa alucinação das armas e do sangue, das carnes decepadas, dos ossos quebrados.

*37. Galera de combate com três ordens de remos sobrepostas. (M da T.)

38. Diodoro e Plutarco.

Homens contra homens, cavalos contra cavalos, no mesmo estertor. Caem inúmeros príncipes persas, de rosto contra o lodo, demasiados para as suas tropas que se debatem. Alexandre, ao oferecer a sua vitória à Grécia, manda imediatamente transportar trezentas armaduras capturadas aos Persas para a Acrópole de Atenas. Se esta derrota não é para os Aqueménidas mais que um contratempo, um erro de comando(39), para Alexandre, Grânico é mais que uma vitória, é uma libertação(40).

Libertação de uma dúvida, oriunda do mais profundo da sua humanidade, no momento de entrar na cena asiática: e se tudo isto ("eu sou filho do raio, corre nas minhas veias o sangue de Aquiles, eu, eu, eu") não existisse? Após Grânico, hei-lo tranquilizado na sua obsessão de ser um deus. Dario pode sempre vê-lo chegar, agachado no âmbito das suas terras, numa prega do seu manto de imensidão, pois está vencido à partida. Alexandre deixou de ter medo de Alexandre, não foi moldado por mãos humanas e nada tem a temer dos homens. Pode entrar na Ásia, recitar o seu rosário de vitórias enquanto percorre os prados de Dioniso, e cada uma delas o divinizará um pouco mais aos olhos dos povos conquistados pela sua força, pelos seus prodígios, pelo seu sucesso - parece invencível - e pela sua maneira de se Lhes dirigir, como se os compreendesse, quando não decide massacrá-los.

É por isso que Alexandre tem um ataque de riso quando Dario, novamente derrotado depois do frente a frente de Issos, Lhe oferece a posse de todos os países situados a oeste do Eufrates. Parménias, o seu general mais antigo, outrora o melhor lugar-tenente de Filipe, pressiona-o então:

- Se eu fosse Alexandre, aceitaria.
- Eu também- replica o conquistador - se fosse Parménias.

Palavra de um homem liberto das suas correntes e dos chistes

*39. Afinal, as guerras começam muitas vezes pelas desculpas inadmissíveis dos generais dos estados-maiores que encolhem os seus rabos gordos porque têm medo de estragar o material e sonham com zero mortes.

40. Pierre Briant, Histoire de l'Empire Perse, de Cyrus à Alexandre.

das velhas comadres gregas que o conheceram quando era pequenino, quando ainda estava nos primórdios da vida, da sua condição humana. Elas continuam a bichanar nas suas costas, repetindo: "Ele não é um deus." De certa forma, raciocinam como Dario. A coligação dos cépticos tem desculpa, já que o seguimento da sua história não tem termo de comparação e já há algum tempo que os cascos de Bucéfalo não pisam terra verdadeira. Alexandre acaba de inaugurar uma forma de conquistar o mundo que será exclusivamente sua(41) Com um rigor que não infringe as bacanais(42). Compõe a sua aventura com acontecimentos sucessivos, desenvolvidos sobre um tema único: unir-se aos deuses fazendo sonhar os homens.

A tempestade de neve quando ele corta o nó górdio, já que um oráculo tinha previsto que aquele que fosse capaz de desfazer

aquele nó se tornaria senhor da Ásia. Dentro da tenda, com a mulher de Dario, que tem fama de ser a mulher mais bonita da Ásia, e a mãe do Grande Rei, suas prisioneiras. Ele declara que a beleza dela fere os olhos dos que a vêem, mas trata-as com uma bondade infinita e passa diante delas como se fossem estátuas de pedra. A tomada de Tiro, depois de em sonhos ter visto Hércules tomá-lo pela mão e conduzi-lo amigavelmente pela cidade. Em Menfis as suas oferendas para o povo do Egito: um sacrifício ao boi Ápis no templo de Phta, jogos atléticos e maratonas de poesia.

*41. Difícil em toda esta história inspirada entre outros pelo Roman d'Alexandre do "pseudo Calistenes", é distinguir a realidade da ficção. Os historiadores actuais, por motivos muitas vezes muito honrados, têm tendência para descrever o trabalho dos historiadores do passado e da autenticidade das suas fontes antigas. É preciso que se diga que a propaganda macedónica funcionava bem. Mas Malraux já tinha respondido na *Hôtes de passage* às suas reservas sobre os fundamentos da saga de Alexandre: "Quem poderá acreditar que o seu talento de deus solar foi transmitido pelo talento dos historiadores antigos? Seria o mesmo que afirmar que o de Cristo se deve aos Evangelistas." É verdade que a verificação da realidade foi complicada pelo facto de Alexandre, resplandecente sinal de discórdia ou de adesão, primeiro para os próprios Gregos e depois para os Romanos, ter sido durante vários séculos uma aposta disputada e simbolicamente transportada entre uns e outros (François Hartog, in *Mémoire d'Ulysse*).

42. Malraux.

42

Depois da fundação de Alexandria, o ataque relâmpago sobre o oásis de Siouah consultar Amon-Zeus. O exército que morre de sede, perdido no oceano de dunas, guiado por dois corvos. O seu encontro íntimo com a imagem de Deus, que lhe confirma a sua natureza divina (43). A carta que de imediato enviou a sua mãe Olímpia para a informar que ao regressar lhe comunicaria o oráculo secreto. O sono de Alexandre na noite que antecedeu a batalha de Gogamela, quando os seus generais não terminam de contar as fogueiras do acampamento do exército persa", o rumor que sobe do acampamento de Dario, os bandos dos elefantes nas trevas e ao amanhecer Parménias forçado a chamá-lo três vezes pelo nome para o acordar. A rendição, que não estava prevista, de Mazé, que lhe abre as muralhas da Babilónia, a entrada na antiga Porta de Deus por ruas juncadas de flores e de coroas, os louvores cantados pelos magos, os cavalos, os leopardos e os leões oferecidos em seu glória, as ruínas do templo de Bel-Marbrouk com o seu zigurate(45) de oito andares e Alexandre pousando a sua mão na mão da estátua. Em Suma, Alexandre sentado no trono de Dario, os pés sobre a mesa do Grande Rei, a liberdade concedida aos prisioneiros e as crianças da dinastia desfeita confiadas a preceptores atenienses. O cortejo de dor dos gregos condenados a trabalhos forçados, vindo ao seu encontro na estrada de Persépolis, atrozmente mutilados, marcados com um ferro em brasa pelos seus carcereiros. Um inverno em Persépolis, Alexandre que titubeia, uma tocha em cada mão, sob as velhas abóbadas do

palácio de Xerxes, com uma coroa de flores na cabeça, os generais e as cortesãs seguem-no dançando, o incêndio orgiaco da sala do trono, seguido do da sala de audiências.

*43. Droysen: "cada homem, segundo o sábio, é governado por um deus, dado que tudo o que é poderoso e dominador no homem é regido pelo divino". E Alexandre retorquiu-lhe: "Não há dúvida de que Deus é o pai comum a todos os homens mas, por uma predilecção misteriosa, escolhe os melhores para os tornar seus filhos."

*44. Uma nova parte do império de Dario separa-se depois de Gogamela do bloco asiático. Abrem-se as planícies que descem até ao Golfo Pérsico.

*45. Templo caldeu vertical, cujo tipo normal comportava alguns andares sobrepostos, cada um deles mais recuado em relação ao andar inferior. (M da T.)

43

A oração junto ao túmulo de Ciro, que prolonga a feita a Aquiles, a guarda helénica diante do santuário aqueménida, Alexandre no deserto fechando os olhos de Dario, apunhalado pelos seus sátrapas. Os macedónios abrindo à espada o caminho das portas do Mar Cáspio na noite das densas florestas e que parece prenunciar o discurso do embaixador cita:

"Quando tiveres subjugado a Humanidade, farás guerra às florestas". A viagem de Polidamas a Ecbátana num dromedário, para mandar executar o velho Parménias após a traição do seu filho, a hibernação nas neves do Hindu-cush, a fundação de Alexandria do Cáucaso. O exército - cavaleiros, arqueiros, trombeteiros, máquinas de guerra, mas também ferreiros, marceneiros, cozinheiros, sábios e prostitutas - atravessando o Óxus (46) sobre frágeis jangadas de canas e ferro, no total cinco dias de uma ponte ininterrupta, Alexandre com uma ponta de flecha na coxa ponte q aproxima numa liteira das muralhas de Maracanda, a, futu á Samarcanda, depois prostrado durante três dias e três noites sobre o cadáver de Clitos, o Negro, que ele próprio acabara de matar com um golpe de dardo. A cabeça de Espitameno oferecida pelos Massagetas (ou pela sua própria mulher, não sabemos) após a sua última traição. A proximidade das fronteiras do mundo conhecido.

A fundação de Alexandria-Distante, a longínqua, na margem do Iaxartes(47). A peregrinação aos confins de Dioniso. Calistenes,

o sobrinho de Aristóteles, que retoma nas profundezas do Oriente os remoques das comadres atenienses: Tu não és Deus!.

O

p p i hado p ão elo gládio entre Alexandre e Roxana.(48) O exército reforçado pelas tropas recrutadas na Pérsia, em Bactriana(49)

*46. Hoje denominado Amu-Dara,

*47. Hoje denominado

*48. Alexandre declarara a Oxiartes o pai da jovem Bárba, ue não havia outra reaneira satvo o casamento, Kp q ara elüüinar a vergonha dos vencidos, e devolver o or Lho aos vencedoresH. E acrescentou: Tambéxn Aqn;les teve relações com uma cativa... H nto Ctírsio in Histoire d Álexundre. Seguimento do capítulo Eu faço tudo como Aquiles.

*49. País da Ásia antiga onde residiram os iranianos, hoje com reendido no Turquistão e no Irão, cuja capital era Bactres. (N. da T.)

44

ou em Sogdiana(50), perto de cem mil homens, em marcha para a Índia. O manto encarnado de Alexandre no Kiber-Pass, os freios de ouro dos cavalos e as placas de prata dos escudos e das couraças. O enterro de Bucéfalo, as chuvas amarelas das monções, a submissão dos rajás prostrados sobre os seus elefantes ajazezados de seda. E por fim, antes do regresso contrafeito, porque a loucura até então contagiosa deste sonhador acordado(51) já não actua nas almas dos soldados andrajosos, que torcem o nariz e resmungam na lama da estação das chuvas, e os presságios são maus: nos últimos dias do mês de Agosto de 326, nas margens do Hífaso, o exército dividido em doze corpos perante doze monumentos(52), em honra dos deuses e como testemunho de uma conquista, para uma derradeira bacanal, que, seis mil anos depois, repete as orgias de Dioniso quando tocara na Índia, em tempos que a lenda ilumina e encobre(53). A sua assinatura na crosta da Terra.

Ter-se-á modificado aquele que acaba de submeter a Ásia à concretização dos seus sonhos? Continuará a parecer-se com o jovem que erguia alegremente a sua taça de ouro ao atravessar o Helesponto?

*50. Designação antiga de um território de limites imprecisos situado na Ásia Ocidental, compreendendo parte do Turquistão. O seu nome provém do ribeiro Sogd, antigo Politimetis, um afluente do Oxus. Confinava a sul com a Bactriana. (N. da T.)

*51. "Tomai cuidado com os sonhadores acordados quando dispõem de meios para cumprir os seus sonhos", dizia Lawrence da Arábia.

*52. "por certo os doze altares representavam outros tantos símbolos de acção de graças" (charisteria). Mas no espírito de Alexandre este conjunto arquitectural constituía também "um memorial das provas a que tinham sido submetidos". Fórmula notável, dado que o esquecimento dos sofrimentos do exército implica uma referência aos trabalhos heróicos de Hércules. Os altares de Hifase, no limite oriental do mundo, são evidentemente simétricos das estelas erigidas por Hércules a poenteN, Paal Goukowsky, in Essai sur les origines du mythe d'Alexandre, Alexandre et Dionysos. Eis que nos sentimos transportados a Tânger e às águas do Detroit, já que as duas colunas de Hércules são Gibraltar e Ceuta, Calpe e Abila para os Gregos, dois rochedos para ali atirados durante a expedição em que Hércules, o célebre herói que personificava a Força capturara as manadas de bois de Gérion, gigante de três cabeças e três troncos (décimo trabalho).

*53. Pietro Citati, in Alexandre le Grand.

45

Passaram-se oito anos. Muitos dos seus amigos morreram durante a ira das batalhas ou assassinados pelas suas próprias mãos,

tem o corpo crivado de cicatrizes, mas a tocha sustida pelo seu punho virou o desconhecido de pernas para o ar. Os limites do mundo foram alargados. A Fortuna submeteu-se às suas virtudes:

inteligência, energia, perseverança, rapidez⁽⁵⁴⁾, bom senso, sim, bom senso. Ao descer o curso do Indo, na proa do navio que o transporta para o Oceano Índico, pode finalmente virar tranquilamente as páginas do catálogo do mundo. A cada página reconhece rios, mares, desertos e montanhas. E as terras que deixou para trás, arrancadas às velhas monarquias, às satrapias⁽⁵⁵⁾ dos confins. E os povos estupefactos que viram passar este meteoro e recordam os seus olhos garços e aqueles dois chifres de carneiro fixados na sua testa por uma rede de cabelo em ouro. E os reis prostrados, que tiram de ora em diante o que lhes resta de poder da inteligência do seu vencedor. E as cidades que ele criou ou recreou, e que têm o seu nome, outros tantos pequenos seixos deixados atrás dele para o seu mestre, que lhe tinha ensinado que se as capacidades e talentos de um homem são tantos que não possam ser contrabalançados com o poderio político dos outros, esse homem deve ser olhado como um deus entre os homens⁽⁵⁶⁾. Será que ele ainda lê a *Iliada* que transportava consigo num estojo de ouro e guardava todas as noites debaixo da sua almofada, junto da espada? Talvez, mas não temos a certeza de que ele ainda tenha necessidade dessas horas de leitura, pois Aquiles, como Dioniso e Hércules, sonhavam na própria carne.

*54. A única aptidão de Alexandre, julga com alguma rapidez Ario, era a rapidez de movimentos. Mas felizmente Plutarco, na sua *Moralia*, completa o perfil: "O discurso dirige-se à Fortuna, que se impõe e apropria de Alexandre como se se tratasse de uma obra exclusivamente sua, mas é preciso contestá-la, em nome da Filosofia ou pelo menos em nome do próprio Alexandre, o qual acha mal, e o ímpeto violento se pensarmos que a Fortuna depôs nas suas mãos o seu Império, que ele tenha adquirido e conquistado com o seu próprio sangue derramado... (tradução ...» francesa de Amyot; sem a malícia de Amyot,

dizia Nimier, não teria sido possível

55. Cargo ou governo de um sátrapa. (N. da T.)

56. Aristóteles, in *Politica*.

O que Alexandre via escrito, quando pensava no futuro no seu palácio de Pella, está consumado e já é uma maravilha. Escreve Montesquieu⁽⁵⁷⁾ "que nenhum acidente tenha surgido para fazer sucumbir uma façanha que não podia faltar num país sem faltar em todos os outros, nem faltar um momento sem faltar para sempre". Só lhe resta, ousar tornar-se também *Ciro*. O que ele faz desde que voltou da Pérsia, regressando ao túmulo real onde lera à luz de uma lamparina o seguinte epitáfio: "Eu sou *Ciro*, que conquistou este império aos Persas, e Senhor da Ásia". Ele é o rei dos reis. Rei das nações do Universo, é o que ele é. Senhor do Mundo, cosmocrator, é o que ele é. Mas para aquele que se julga Aquiles, Hércules, Dioniso e *Ciro* numa só pessoa, não é suficiente ser a imitação ou a encarnação das sagradas ou heróicas, de abrir a *Hélada*⁽⁵⁸⁾ à superabundância de filho da Ásia e de matar a sede da Ásia com

as delícias do génio grego. Alexandre considera-se investido de uma missão suprema: reconciliar o mundo. Enredar as vidas, as nações e os deuses. Em Suma, casa com a filha de Dario e manda celebrar as núpcias dos seus companheiros⁽⁵⁹⁾ com jovens virgens persas diante de embaixadas oriundas da Europa e da Ásia. Uma cerimónia ecuménica reuniu adivinhos gregos, medos, sacerdotes persas e até um asceta indu, nascido nas margens do Ganges, que tinha seguido Alexandre e se imolará ao crepúsculo cantando hinos védicos. Esta aliança nupcial entre o Oriente e o Ocidente, ou como se pode ser amigo daquele que poderia ser o inimigo. O cosmocrator abandonou a sua farda de soldado macedónio, enverga a túnica branca dos Medos, atada à cintura pelo cinto persa. Sobre os seus cabelos louros, um turbante cingido por um lenço púrpura e branco, e finas quartelas que caem por detrás da orelha. Está sentado num trono de ouro e até os seus generais devem prostrar-se⁽⁶⁰⁾ diante dele. Alguns protestam em silêncio, com a boca na terra,

*57. In O Espírito das Leis.

*58. Nome antigo da Grécia. (N. da T.)

*59. Naquele dia ter-se-ão celebrado 99 ou 10.000 casamentos, consoante as fontes.

60. A prostração ou proskynèse, que ofendia a dignidade grega, estivera na origem da sua discussão com Calistenes: "Tu não és Deus".

47

diante do que consideram uma fantochada. Recordam uma exortação do velho Parménides outrora em Persépolis: "Pára, Alexandre, senão o império do Mundo devorará a Grécia, deixaremos de ser senhores!", e eles pensam que os vencidos são já os vencedores à mesa do banquete nupcial. Não há trinta mil jovens persas, partos, bactrianos e sogdianos incorporados nas fileiras do exército do conquistador, com os mesmos direitos e os mesmos benefícios dos soldados helénicos? Os velhos companheiros de Alexandre só conseguem ver nele prepotência⁽⁶¹⁾, esquecem-se de que foi esse desafio permanente que os conduziu aos confins do mundo. Pensam que o seu desvario nega a Grécia, sua mãe-pátria.

Nunca se apercebem de que ela poderia completá-lo. E, no entanto, Alexandre, regressado das portas do Universo para se sentar num trono de ouro, não deixou a seu modo de criar a sua fidelidade às virtudes das suas origens. Ao explorar o Universo na direcção das fontes do sol, continua a curiosidade filosófica dos Gregos, que após Ulisses parecem ter nascido para explorar o Mundo, interrogar os deuses obscuros e sondar as trevas da Humanidade. Ao decifrar com os seus sábios as terras herodotianas, a sua acção homenageia o Pai da História. Ao exaltar os vencidos para os associar ao seu destino faz eco da antiga proclamação de Antígona: "Eu não nasci para odiar". Ao lançar-se à conquista das neves do futuro Cafiristão⁽⁶³⁾, onde os montanheses ainda cultivam a vinha de Dioniso e confiam os seus mortos a caixões de cedro dispostos a céu aberto sobre o gelo dos vales, relembra que para além da prepotência existe a audácia. Ao desposar Estatira, a filha velada do Grande Rei, parece responder a Ésquilo,

*61. Prepotência ou a violência fundamental, a rudeza, a ultrapassagem dos limites.

62. Até agora evoquei apenas a Iliáda, mas Plutarco precisa: "Alexandre afirma por vezes que a Iliáda e a Odisseia de Homero o acompanhavam sempre como um viático ou distração da guerra". (In Morália).

63. O antigo país dos pagãos, porque insubmissos ao Islão durante muito tempo, actualmente Nurestão, a este de Cabul.

Do vocábulo árabe kafir, nome que os muçulmanos dão aos infiéis. (N. da T.)

Para Ario e Estrabão não existem vinhedos nesses contrafortes dos Himalaias, ou a haver alguma vinha os seus frutos não atingem a maturidade. Vinha virgem?

48

combatente de Salamina e de Maratona(65), que concedeu aos inimigos de Atenas a honra de uma tragédia que é também a sua obra-prima, Os Persas. A viagem metamorfoseou o viajante. O aluno de Aristóteles regressa filósofo, e não apenas em palavras, diz-nos Plutarco, mas em actos. Da importância dos sonhos sobre a transformação da realidade. Lembrem-se: ele queria ver sempre mais alto, mais longe, mais... Agora abarca o mundo com o seu olhar e é o primeiro homem a fazer essa experiência do universal histórica. Realização da Grécia: antes dele, quando um grego falava de todos os homens, pensava todos os Gregos. Mas Alexandre colocou todos os viventes em comunicação uns com os outros(66). O que é bom para os Gregos é-o agora para todos os outros. Através da guerra e da conquista, ele contribuiu para a unidade do género humano. Através da paz e do divino, deseja agora fazer vingar essa unidade. O predestinado acaba de assinar um dos mais belos livros do nosso antigo testamento pagão. A sua aventura prenuncia tempos novos para o mundo e os três magos prostrados com os seus tesouros abertos diante de um menino envolto em faixas numa manjedoura. O ouro da realeza, o incenso da divindade e a mirra do sofrimento. As centelhas de sagrado brotando dos cascos de Bucéfalo abriram o caminho dAquele que vem montado no seu burro. O homem que deseja ser Deus sentado no seu trono, estende a mão ao Deus que se faz homem e acabará pregado numa cruz na sexta-feira, na véspera da Páscoa, no Gólgota. INRI (68): edital afixado para todas as nações. Encarnação, Revelação, crucificação, ressurreição.

*65. Duas vitórias de Atenas durante as Guerras Médias, em 480 e 490 a.C. Ésquilo inspirara-se na experiência gloriosa dessas guerras e mostrava-se muito preocupado com o bem público (ver Jacqueline de Romilly, Problèmes de la démocratie grecque). Para engrandecer a Grécia, faltava-lhe trazer à cena um inimigo que o honrasse, e escreveu Os Persas, cuja acção se situa justamente em Susa.

*66. Sir William Tarn, in Alexander the Great and the Unity of Mankind, citado por H. C. Baldry, e Unity of Mankind in Greek Thought.

*67. Plutarco.

*68. INRI: Abreviatura de Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum, Jesus

Todos os homens e todos os povos convocados para o banquete da História, e cada pessoa elevada ao estatuto de um mistério quase tão vasto como o Universo (69).

Primeiro Livro dos Macabeus: "A terra mantém-se tranquila diante dele". Falta-lhe regressar a casa. Sendo um bom leitor de Homero, Alexandre sabe que um regresso pode sempre causar problemas. É por isso que não deixa de se inquietar com dois maus presságios.

O primeiro, perto dos túmulos meio submersos dos antigos reis da Babilónia, nas águas do lago Palacopas, onde ele navega numa barca. O seu toucado cai, o diadema solta-se e desaparece na água. Um marinheiro salta, encontra o diadema, mas coloca-o na cabeça para poder nadar mais facilmente. Sacrilégio. Os sacerdotes caldeus consultados enrugam a testa. Vêem a sombra duma morte próxima alongar-se entre as estrelas.

Segundo alerta, alguns dias mais tarde. Enquanto Alexandre toma banho, um desconhecido atravessa a cortina de eunucos que contorna a cadeira real. Apodera-se do manto de púrpura, coloca-o aos ombros e senta-se no trono sem que os eunucos horrorizados ousem impedi-lo. Por seu lado, Alexandre depara com este homem sentado no seu trono com o manto púrpura e coroado com o seu diadema, como se fosse um outro ele. É certamente um louco, mas um louco capaz de, no seu delírio, responder aos que o interrogam:

- Foram os deuses que me enviaram...

Um anjo passa. Os sacerdotes baixam os olhos.

Terceiro alerta, mais grave, porque já não contamos com os arúspices(69) com a morte de Heféstion(70), seu irmão na Ilíada, seu

*69. "Anteverá ele" - escreve Malraux - "que ao destruir o império iraniano, o seu exército, empanturrado de vitórias, vai criar o mundo onde se vai acrisolar o Cristianismo? De Jerusalém a Roma, e não de Jerusalém a Persépolis. O vazio que se lhe segue não será preenchido senão pelo império supremo, e Roma não é uma aventura. Contudo, o que o substitui sem lhe suceder não é nem Roma nem o Cristianismo é o Islão... De Lahore às Colunas de Hércules".

*70. o Sacerdote romano que consultava as entranhas das vítimas para formular prognósticos. (N. da T.)

lo desde sempre. Alexandre corta os cabelos e espalha-os sobre o corpo do seu amigo. É mais uma vez a continuação da Ilíada(71).

Um cadafalso monumental é erguido no interior de uma brecha aberta para as exéquias nas muralhas da Babilónia, dez mil animais são sacrificados e depois a pira é incendiada. Alexandre observa o fumo que se eleva ao céu. Pela primeira vez, Alexandre pensa que se calhar nunca existe realmente vitória, uma prova de como ele se sente mal.

Continuamos com o Primeiro Livro dos Macabeus: "Depois disso atirou-se sobre o seu leito e percebeu que ia morrer".

Alexandre delira com febre nos dias seguintes. Os soldados desfilam um a um diante do seu leito. Morre a 12 de Junho de 323, ao entardecer, antes de completar os trinta e dois anos. O seu cadáver mantém-se sete dias sem entrar em decomposição.

O exército chora sobre as armas. A mãe de Dario diz que acaba de perder o seu filho pela segunda vez e morre de tristeza. Os habitantes da Babilónia fecham as portas à chave. Os generais, em melhor posição para saberem que Alexandre morreu sem herdeiros, distribuem entre si satrapias e províncias. A Ptolemeu, o mais hábil, o Egipto e a Cireneia. A Nearcos, a Panfília e a Lícia. Para Antipater, a Macedónia, e para Cratero, a Grécia. Cerca de quarenta prémios são assim repartidos. Intrigas, mãos húmidas. Efusões e mentiras. Ambições de pequenos proprietários. Seleuco reserva para si o comando dos gregos e perdicas, nomeia-se chefe das tropas estacionadas na Ásia. A igualdade entre Greco-Macedónios e Persas? Faz parte do passado. Dissolução imediata de um império que nunca fora o fito de Alexandre. E enterro dos seus últimos projectos: o armamento de uma frota de um milhar de navios de guerra para uma campanha na África do Norte, até às Colunas de Hércules, política de fusão racial com deslocamentos de populações, construção de uma rede de estradas transcontinentais e de um túmulo para Filipe,

*71. O Canto XXIII da Iliada é em grande parte consagrado à descrição dos Jogos Fúnebres organizados por Aquiles em honra de Pátroclo.

51

que deveria rivalizar com a maior das pirâmides egípcias. Acabaram-se os sonhos.

Para ele a viagem continua, mais aleatória que no tempo em que estava vivo. Mas qual margem, qual terra para os seus despojos? A Macedónia e a necrópole real de Aigui(72)? O oásis de Siouah, conforme os últimos (presumíveis) desejos do rei defunto? Babilónia? Acabará por ser o Egipto, porque o discreto Ptolemeu sabe que a dominação da sepultura vale uma investidura. Peter Green sugere que ele talvez tenha comprado o comando do cortejo fúnebre. E é mais uma vez ele que recupera o corpo real em finais do verão de 321. Os sacerdotes e o povo de Menfis reservam então para Alexandre as exéquias de um faraó. Depois os restos mortais do reconciliador do mundo são encaminhados para Alexandria, para aí serem expostos num caixão de ouro, derradeiro esplendor de uma longa estrada de luz à superfície do mundo.

* * *

Há cerca de vinte anos (um pouco depois de 1970 d.C.) madame Christina teve algumas dificuldades com um dos empregados do seu restaurante. Stelios Komoutsos, assim se chamava ele, estava convencido de ser a pessoa que iria descobrir o túmulo de Alexandre. Com efeito é paradoxal a história do homem mais célebre da história: já ninguém se lembra do local onde ele foi enterrado. Os últimos a evocar com precisão o seu túmulo são Estrabão, geógrafo grego morto

em 21 ou 25 d.C., autor de uma geografia do mundo antigo no início do Império Romano, e Aquiles Tatius, um bispo alexandrino, que cerca do ano 400 d.C. escreveu nomeadamente um romance intitulado Leucipe e Clitofon. Estrabão escreve: "Ptolemeu transportou o corpo de Alexandre para Alexandria, e deu-lhe sepultura no local onde ela actualmente se ergue; mas não num caixão.

*72. Actualmente Vergina.

52

O que existe actualmente é de vidro, no local onde Ptolemeu depositara o corpo numa urna de ouro. E Tácito situa o soma (73) no

meio da cidade, no bairro ao qual teria dado o seu nome.

Depois, mais nada. São Jerónimo, que deambulou muito durante a vida, desde o seu nascimento na costa da Dalmácia até à sua morte em Belém, já que este mesmo homem conseguiu no decorrer de uma única existência ser ermita na Síria, secretário do papa em Roma e tradutor dos teólogos gregos (74), podia declarar

num dos seus sermões, no dealbar do século V: "É tão incógnito como a localização do túmulo de Alexandre". Tudo se passa como se a cidade de Alexandre tivesse sido atingida nos finais do século quarto por uma espécie de amnésia generalizada sobre a questão, contudo central para os alexandrinos, do túmulo do fundador da sua cidade.

Stelios Komoutsos não tinha contudo quaisquer dúvidas sobre a localização desse local misterioso. É preciso que se diga, antes de prosseguir a sua história, que ele obrigava os seus próprios filhos a vestir túnicas macedónias. Julgo que ele tinha um filho e uma filha, chamados Alexandre e Alexandra.

- Ele trabalhava no meu estabelecimento - contou-me madame Christina. - Todas as noites, ao sair do restaurante, encontrava-se com operários que ele equipava com cordas, picaretas e pás. Dizia possuir os planos secretos do túmulo. Um dia encontrei-o diante do Hotel Cecil, num buraco, com água pela cintura. Escavava para todos os lados, a qualquer hora do dia e da noite. Todos o massacravam interrogando-o: "Então, diz-me

lá, onde fica o teu túmulo de Alexandre?" "Chiu", retorquia, colocando um dedo diante da boca. "Em breve vo-lo direi, hoje ainda é cedo", acrescentava, sério e insensível aos risos e mexericos que prosseguiam nas suas costas.

O empregado de madame Christina fazia muitas escavações sem autorização. (O empresário alemão Henrich Schliemann, que descobriu a localização de Tróia, também não conseguiu obter

*73. O corpo

*74. E nomeadamente de Orígenes, nascido em Alexandria cerca de 185 d.C.

53

autorização para escavar em Alexandria, excepto em Ramleh). A administração fechou os olhos até ao dia em que as suas

divagações e os múltiplos buracos que ele deixava atrás de si atraíram, não sem motivo, uma inspecção das ruas e da ordem pública. Komoutsos foi recambiado para Atenas, onde morreu de desgosto. Não foi nem o primeiro nem o último dos posses de Alexandre. Em 1850, um intérprete do Consulado Russo, provavelmente um mentiroso, segundo Forster, afirmava ter descido a um subterrâneo da mesquita de Nabi Daniel⁽⁷⁵⁾ e ter visto através de um orifício de uma porta de madeira um corpo humano numa espécie de caixa de vidro com um diadema na cabeça e semi reclinado sobre uma espécie de apoio ou trono. Havia uma quantidade de livros e de papiros espalhados em seu redor. O seu testemunho, Alexandre estendido para sempre sob os tapetes da mesquita, fortalecido por uma tradição corânica que fizera de Alexandre um profeta menor do Islão, conheceu algum sucesso, de tal modo que um imã mandou emparedar a porta de acesso ao pretenso túmulo. Mais perto de nós, uma mulher convoca uma conferência de imprensa internacional para Siouah. Também ela afirmava ter descoberto o túmulo. Algumas semanas depois, as autoridades científicas declaravam, sem esconder um sorriso, que a sua descoberta não passava na verdade das ruínas de um templo já descoberto e assinalado por um francês em 1826 e cujos planos tinham sido esboçados por um egípcio em 1940. A força da imaginação. São assim algumas dezenas, necromantes ou professores universitários, a girar ao longo dos anos em redor de um sonho enterrado, sacrificando-lhe o seu tempo, dinheiro e reputação. Quem sabe? Talvez Alexandre repouse perto daqui, quiçá a dez minutos de madame Christina, sendo o seu túmulo o eixo secreto em torno do qual se organiza o ímpeto da cidade. Não posso deixar de voltar a passar diante da mesquita

*75. Onde já se dizia que repousava o profeta Daniel, morto nos primeiros anos do reinado de Ciro, três séculos antes da fundação de Alexandria. A descrição do intérprete prosperou no imaginário alexandrino no meio da confusão entre Nabi (profeta em árabe) Daniel e Nabi Iskandar.

54

de Nabi Daniel. No entanto na véspera, à noite, num restaurante ar de Attarine, onde, sob grandes toldos esticados entre estacas envoltos em rolos de fumo, se assavam, ao ar livre, pombos e codornizes que rapazinhos caçavam com as palmas arredondadas fixas na ponta dos seus paus, o arqueólogo Jean-Yves Empereur tinha-me confidenciado que um imã o tinha autorizado a descer ao subsolo da mesquita, e dissera-me:

- Vi colunas de granito. Tratava-se da arquitectura de um conjunto de cisternas - muito comuns em Alexandria - ou talvez de uma casa, não de um túmulo.

Talvez não houvesse realmente nada para ver, conforme me tinha dito o adiposo corredor de Kait-Bay, e que a amnésia da cidade se deva a uma destruição já muito antiga do túmulo. A maioria dos que o procuram, confiam apenas nos seus delírios. São figuras erráticas da cidade moderna, muitas vezes durante o Verão, já que aproveitam as férias para fazerem as suas sondagens. De dia agitam criptogramas e à noite lanternas. Já ninguém lhes liga, excepto a polícia, e mesmo essa! O mistério do túmulo desaparecido pertence desde há muito ao quotidiano

da cidade. O que é curioso é a maneira deliberada como esses giróvagos voltam as costas à razão e ignoram o que poderia auxiliá-los nas suas buscas. Nomeadamente a descrição de pesquisas anteriores, levadas a cabo em Kom el Dik no século XIX (76) que falavam de uma sala soterrada descoberta sob uma casa da rua Canópica. Toda de mármore branco, com uma estátua mutilada, solene e gelada como a entrada de um túmulo. As recordações de um antigo director italiano do museu (que se chamava Aquiles, imagine só) sob uma antecâmara de alabastro, construída à semelhança do estilo macedónio. E se estes traços, que não desmentem os escritos de Estrabão e Tácio, mostrassem aos que buscam o túmulo um caminho que não querem ver, no cruzamento da rua Fouad, a antiga Via Canópica, e o eixo norte-sul da cidade?

*76. Mémoire sur l'antique Alexandrie, de Mahmoud Bey, publicado em Copenhaga em 1872.

55

Jean-Yves Empereur falou-me igualmente desta hipótese, durante o nosso jantar de aves. Alexandre repousaria portanto não longe de Cavafis, na paz dos cemitérios latinos (77). Que estranha diminuição para o passado do mundo. O jovem louro, detentor do silêncio hermético da sua glória, e o velho alucinado do novo mundo grego, dispostos no mesmo quadrado. E a álea de areia entre a poeira dos túmulos como o caminho do Tempo, imóvel e fugidio, a erva amarelecida pela passagem dos séculos, as vibrações do ar entre os loureiros-rosa, enquanto ao longe e à sua volta arqueja e murmura a cidade. Parece-me ouvi-la aqui onde escrevo, no calor de uma noite de verão em Paris. Dir-se-ia o balbuciar de um colosso infantil, devorando a sua lendária ama: sussurros das ruas e das multidões, rangidos das exalações dos reactores sobre o mazouts do lago Maréotis, algazarra dos bois com uma testeira de ferro martelando a pedra como surdos, óperas de dor e de amor vomitadas dum jacto contínuo pela boca nasalada dos televisores. Vagidos que regressam cabalmente à humidade do mar, ao deserto e aos ventos incorruptíveis.

*77. J.-Y. Empereur: HMas por que procuramos o túmulo de Alexandre? Tenho dificuldade em compreender porque se esquece voluntariamente os dois outros túmulos nos quais ele esteve igualmente enterrado! De facto, escritos antigos indicam-nos sem sombra de dúvida, que Alexandre Magno foi sepultado em 320 por desejo de Ptolemeu I, o Soter, num primeiro túmulo em Menfis, perto dos deuses egípcios: assim que chegou ao Egipto, o Conquistador tinha sido forçado a dirigir-se a esse lugar antes de qualquer outro, para obter dos sacerdotes uma primeira legitimação do seu poder sobre o país; uma segunda sepultura foi-lhe igualmente preparada pelo mesmo Ptolemeu que, entretanto, se proclamara rei do Egipto na sua capital de Alexandria; terceiro túmulo: um século mais tarde, um dos descendentes do Soter, Ptolemeu II, Filadelfo, reuniu num mesmo e único túmulo os restos mortais dos seus antepassados em redor do túmulo do Conquistador. Mas em vez de se dar ao trabalho de procurar nestes três túmulos, de cuja existência temos a certeza absoluta algures no tempo e no espaço, preferimos buscá-los a centenas de quilómetros de Alexandria,

depois na Síria, até Siva...

*78. Óleo combustível. (N. da T.)

56

A PASSAGEM DOS SÉCULOS

Desde que se decide construir a cidade ao nível das ambições do seu fundador, a ilha de Faros é ligada à costa por uma língua de areia com o comprimento de sete estádios, O Heptaestádio, um dos elementos orgânicos da fundação de Alexandria, depois edificada de diques e fortificações. Ligada deste modo a terra, a ilha permite a instalação de dois portos, o porto ocidental, denominado Eunestos, o Bom Regresso, e o porto oriental, o Grande Porto. Inicia-se para o Egito uma nova era, sob o impulso dos primeiros soberanos, o Soter, o Fila delfo e o Evergeta, que abandonaram Tebas e Menfis para fazer de Alexandria a sua capital. Os Ptolemeu, como bons discípulos de Aristóteles, decidem fortificar o poder do Egito através do mar.

Recuperam canais inundados de lodo, ressuscitam caminhos escondidos pela areia, traçam novas estradas, instalam feitorias nas costas do Mar Vermelho e enviam as suas caravanas pelas rotas que conduzem à Ásia, através de Balbeck e Petra. Alexandria prospera com todas as suas audácias. A cidade torna-se uma escala palpitante de vida, entre dois mundos.

57

Sob os reinados dos Ptolemeu havia um milhão de habitantes - gregos, romanos, sírios, líbios, cilícios, etíopes, árabes, bactrianos, citas, indianos e persas - que se acotovavam nas ruas da cidade e que os papiros dos antigos escribas descreviam como a grandiosa, a imensa, a esplêndida, a cidade que possui tudo o que se pode ter ou desejar. Alexandria, centro nervoso de uma galáxia de novas cidades gregas, que são simultaneamente mercados, praças fortes e centros de cultura, está naquele tempo dividida em cinco bairros. A parte oriental com o hipódromo, separada do centro por uma zona de pântanos e prados, atravessada pela via Canópica. O bairro principal com os palácios, o Bruchion, estirado entre a via Canópica e o mar. Kom el Dik, com o Soma e o Ginásio, o Museon e enfim Rakotis e o seu Serapeu. Uma cidade nova, criada ex-nihilo, meditada, planeada, branca, e mais grega que a Grécia, afirma Forster, que acrescenta: "um prodígio imaginado em mármore.(79)

* * *

A construção de um imenso facho, concluída durante o reinado de Ptolemeu II, o Filadelfo, cerca do ano 280 a. C., na ilha de Faros, donde provém o seu nome, é por um lado uma necessidade para remediar os acidentes costeiros e a prova do génio concreto dos matemáticos que trabalhavam no Museon, esta universidade real que irradiava em todo o mundo antigo. Um

epigrama de Poseidos de Pella diz-nos que o seu arquitecto se chamava Sostrato de Cnido, um grego da Ásia, contemporâneo de Euclides e de Eratóstenes: "Esta segurança dos gregos, este vigilante de Pharos, ó Senhor Proteu, foi Sostrato que o edificou. É que no Egipto não existem quaisquer pontos altos de onde possas vigiar as ilhas: não, a baía que acolhe os navios prolonga-se ao nível das ondas do mar. É por isso que de pé, bem direita, se recorta contra o céu uma torre que

*79. In Alexandrie.

58

se vê desde uma distância infinita durante o dia. À noite, bem depressa, do meio das águas, o marinheiro vislumbra o grande fogo que arde no cimo, e pode apressar-se a costear o corno do Touro, e escapar a um encontro com Zeus o Salvador, ó Proteu, aquele que navega nestas paragens". Este texto, particulariza André Bernard⁽⁸⁰⁾, chegou até nós através de um papiro que se encontra no Museu do Louvre, denominado Papiro Didot ou Diário de Entrada, proveniente do Serapeu de Menfis e datado do século II a.C.

O fogo do Pharos prolonga o fogo de Alexandre. O facho que ele transportava no punho cerrado - o raio que penetrara na alcova nupcial da sua mãe, a inflamação da resina e da cânfora das oferendas sobre os altares dos templos, o incêndio vingador de Tebas, o braseiro dionisiaco de Persépolis, o fogo-fátuo do seu gibão no ardor das batalhas - essa chama que não se extingue, ardia permanentemente. Com que se parecia essa sétima maravilha do mundo, que serenou os marinheiros durante cerca de quinze séculos, adorada por todos os homens porque era uma prova viva da sua capacidade sobre-humana, mas também, como faz notar E. M. Forster, porque ela lisonjeava o sentido estático da beleza e o gosto das ciências e ainda hoje capaz de incendiar a imaginação dos povos? Temos conhecimento do Pharos através dos textos de Estrabão e de outros viajantes, pela imagem intimidante descrita pelo historiador alemão Hermann Thierschs ⁽⁸¹⁾, mas também pelo que sabemos a partir

de uma série de objectos que chegaram até nós. Um vaso de vidro dourado, encontrado em Begram, lembrança levada há dois mil anos por um grego para o Afeganistão: o farol está representado como uma torre quadrada com janelas, terraço, estátua de Zeus e critões erigidos sobre as pedras angulares. Uma moeda romana, cunhada no tempo de Cómodo, o imperador alucinado por si mesmo, que morreu estrangulado no banho: uma torre ainda batida pelas vagas, com duas gárgulas direitas, golfinhos ou tritões, e dominada por uma estátua-facho. Existe também aquela peça de terracota exposta no museu de Alexandria.

*80. In Alexandrie des Ptolémées.

*81. Em 1904.

59

Trabalho de olaria bastante sumário, mas explícito quanto à

forma geral do farol: em três níveis, primeiro andar quadrado, segundo octogonal e terceiro cilíndrico. A mesma silhueta é visível nos mosaicos encontrados na Jordânia e na Líbia.

Poucas coisas, mas as suficientes para provar que Pharos povoava os sonhos de oleiros e imperadores, das margens de Roma até às montanhas de Bactriana. O impacto da torre impressionou todo o vocabulário greco-latino - pharus, farol, faro - e árabe, uma vez que na língua do Corão, o Pharos, denominado El Manarah, deu o seu nome ao minarete⁽⁸²⁾ ⁽⁸³⁾de todas as mesquitas. O poder dos mitos sobre as palavras...

A luz do farol era visível a trezentos estádios, cerca de sessenta quilómetros, segundo Flávio Josefo. De uma altura de cento e vinte metros, à qual se tinha acesso através de um espaço aberto, cercado por uma colunata. O primeiro andar, decorado em cada um dos ângulos com um tritão, continha trezentos quartos ou apartamentos e um labirinto de galerias, de escadas e de corredores. O último era encimado por uma estátua em mármore de Poseidon, com a cabeça coberta por um facho, que até hoje continua envolta em mistério. Alguns cronistas afirmam mesmo que a lareira alimentada por feixes de lenha, transportados numa nora puxada por mulas ou por um dispositivo mecânico, abrigava instrumentos científicos, entre os quais um espelho, que não sabemos se era de vidro, de aço polido ou em pedra transparente, nem mesmo se se tratava de um reflector ou de uma lente óptica.

O Pharos anima o espírito dos visitantes que regressam às suas casas cantando os seus prodígios. A sua luz tornou-se no manancial da poesia e atribui-se às orações murmuradas nas suas alturas uma eficácia particular.

*82. É difícil não pensar que a silhueta do farol tenha inspirado igualmente a dos minaretes de todas as mesquitas.

83. Esta palavra turca - minarete - proveio para português do francês, na significação de torre de mesquita. Quando muito pode chamar-se-lhe almenara, como fez Alexandre Herkulano, que significa "fogueira acesa no alto dos montes para aviso". (N. da T.)

Não é verdade que no alto do farol se encontra uma estátua cujo dedo seguiria a marcha diurna do sol? Mas no início do século VII, a queda do facho mágico, donde emanavam feixes capazes de detectar ou incendiar os barcos, dizem os contadores de histórias dos mercados do Oriente, já próximos de imaginar, como diríamos, a invenção do radar e do canhão laser, anuncia os dois tremores de terra que nos séculos XII e XIV acabaram por destruir o farol.

É a Ibne Batuta, nascido em Tânger, apodado de viajante do Islão, que devemos o último testemunho sobre o farol erecto. Ao chegar pela primeira vez a Alexandria em 1325, teve que atravessar uma passagem medíocre de pranchas para aceder à plataforma e deparar com uma das fachadas em ruínas. Ao regressar a Alexandria, cerca de cinquenta anos depois, o acesso já está interditado por montões de ruínas. É sobre estes escombros, e em arcobotante sobre um torreão colocado em cima de enormes blocos de granito cinzentos e micáceos, retirados das entranhas do monumento destruído, que o sultão mameluco Káit-Bay manda construir em 1480 um edifício de

defesa costeira. O forte já só é assaltado pela cavalgada das ondas e sobre os caminhos de ronda apressam-se os alexandrinos dos nossos tempos. Os orientais, como os gregos de outrora, não possuem a poesia das ruínas. Os caminantes taciturnos das sextas-feiras, dia de oração e de deambulações, que vêm até ao molhe com os seus piqueniques, viram as costas aos muros brancos de Káit-Bey e à lembrança do farol. Todos se viram para o mar, como antes deles multidões de adivinhos buscaram presságios nas vísceras dos animais sacrificados, amedrontados com o futuro, repetição do que já foi. Mas as portas dos miniautocarros que os transportaram até esta extremidade estão todas pintadas com representações ingénuas do farol, erguido num lago de vagas.

Congestões de cores ou simples tatuagens a preto e branco. É que o farol pertence a essa espécie pouco vulgar de monumentos grandiosos desaparecidos que desvendam o invisível. Daqueles que povoam eternamente o nosso imaginário, sejam quais forem as metamorfoses ou as chagas que os tenham afectado e,

61

mesmo por vezes a despeito do seu desaparecimento remoto, sobreviveram à sua própria ruína na memória dos homens, até com eles estabelecerem parentesco como se de verdadeiras pessoas de caracteres insólitos se tratasse, capazes de séculos após o seu desaparecimento indisciplinar as condutas mais razoáveis e ressurgir com uma força intacta entre os grandes impulsos de nervosismo da actualidade.

* * *

Existia outra luz, cuja fonte era o espelho do Universo: o museu e a sua biblioteca. Alexandre não partira de Pella para se apoderar do alheio, o seu destino não era saquear a Ásia(84), ainda que não se tenha privado de o fazer, mas sim delinear o mapa e o inventário do mundo. Tinha levado consigo géometras e cartógrafos (a sempre presente topografia!), gramáticos, botânicos, zoólogos, naturalistas, historiadores e mestres de retórica, que não se encontravam ali apenas para florear a sua lenda ao vivo durante as batalhas. O Museon de Alexandria tinha recebido por missão centralizar informações e testemunhos respigados durante o caminho da conquista, e não apenas juntar belos objectos destinados a repousarem os olhos de um conquistador e coleccionador. No espírito do seu fundador estava um organismo de acolhimento e desenvolvimento do património universal, o coração e o espírito da nova cidade, mas também o de uma pátria única que servisse todos os homens, uma apoteose da autoproclamada cultura grega, até à nova fronteira de Oikumenea(85), metamorfoseada e aberta às promessas das sabedorias bárbaras(86). Alexandre acolhe deste modo inúmeros sábios estrangeiros e envia para o estrangeiro um número considerável dos seus(87). No princípio os museons eram santuários consagrados às Musas.

*84. Plutarco, in Obras Morais.

85. O mundo grego civilizado.

86. Arnaldo Momigliano Sagesses barbares: les limites de

L'hellénisation.

87. Estrabão, in Geografia.

62

Mas Aristóteles pensava que o estudo devia percorrer todos os campos do saber e que as ciências podiam progredir sem a colaboração dos sábios. Foi sob a influência que o santuário de Alexandria se tornou também museu e numa universidade. Vemos o museu adoptar todos os traços de uma comunidade intelectual e, sobretudo, científica: o centro reservado ao culto, as residências dos hóspedes, as refeições colectivas, a biblioteca e a investigação, os pórticos e o jardim envolvente, onde os estudantes e os professores podiam passear enquanto conversavam(88). É o discípulo de um discípulo de Aristóteles, o antigo ditador Demétrio de Falero, quem presidiu à fundação do Museon de Alexandria. Euclides, seu aluno, Arquimedes e Apolónio para a matemática, Eratóstenes(89) e Aristarco de Samos para a astronomia(90) e a geografia, Teófrasto para a Botânica, Erasistrato para a cirurgia, Heófilo de Calcedónia para a medicina, Calímaco, Teócrito, Filétas, e Zenódoto para a poesia, a gramática ou a crítica, foram alguns dos mais célebres que assim fizeram, como todos os membros associados ao Museon, recrutados e pagos pelos Ptolemeu, o juramento de servir as Musas. Jardins zoológicos, salas de dissecação com cadáveres fornecidos pelos tribunais, colecções de esqueletos, de minerais, de relógios solares, observatórios e oficinas diversas estavam permanentemente à disposição dos investigadores. Mas a jóia do museu era a sua biblioteca, com milhares de papiros etiquetados e arrumados num labirinto de prateleiras. Todos os meios, até mesmo os piores, tinham sido usados por Ptolemeu II, Filadelfo, para tornar a biblioteca no grande receptáculo da sabedoria humana. A ordem que ele deu a Demétrio, o seu primeiro director, foi clara: Reunir livros dos quatro cantos da Terra.

*88. Peter Green, in D'Alexandre à Actium.

*89. Eratóstenes foi o primeiro a medir o meridiano terrestre

comparando as sombras projectadas em Assuão e Alexandria.

*90. O calendário que utilizamos actualmente foi elaborado em Alexandria. O ano alexandrino, adoptado por César à sua chegada ao Egipto, foi a inspiração do ano juliano.

63

E ele escreveu pessoalmente aos soberanos do mundo inteiro para lhes solicitar que lhe enviassem todos os livros publicados nos seus países, a título de um empréstimo amigável e fraterno. E principalmente, que não se esquecessem de nada:

Poesia, prosa, retórica, sofística, medicina, magia, história ou qualquer outro assunto(91). O sucessor de Filadelfo, o Evergeta, ainda vai mais longe e instaura um depósito legal e temporário para os visitantes e hóspedes da capital egípcia. Cada homem que pusesse o pé no cais do porto devia emprestar os livros que transportasse consigo, a fim de serem copiados antes de lhe serem devolvidos.

Foi assim que se constituiu um património importante de livros de navios. Mas sabemos bem que a paixão dos livros e das edições originais pode levar a pessoa mais honesta e mais desinteressada na posse de bens materiais a desenvolver comportamentos extravagantes. O Evergeta decidiu apreender certos livros de navios e restituir apenas as cópias aos seus legítimos proprietários. Depois mandou pedir aos atenienses os livros de Sófocles, Eurípedes e Ésquilo, para os copiar e esqueceu-se de os restituir, renunciando à sua caução de quinze talentos de prata. Os seus métodos expeditos, a determinação e o poder igualmente postos ao serviço de uma ideia tão fixa quanto esta, permitiram aos Ptolemeu reunir o número impressionante de 490.000 obras. Ao contrário dos bibliófilos actuais, que não lêem obrigatoriamente a maioria dos livros que possuem e se privam de cortar as páginas, os Ptolemeu, em respeito pela vontade de Alexandre, deram-se a todo esse trabalho, não para satisfazer um desejo maníaco de coleccionador, mas para permitir aos investigadores do Museon o acesso mais lato possível à cultura, democratização servida pela língua grega, cujo alfabeto, composto nesse tempo por menos de trinta símbolos, podia, ao contrário dos hieróglifos, ser compreendido por todos, ou quase. Uma fábrica de papiros, uma oficina de copistas recrutados na sociedade de

*91. Carta evocado por Epifácio, bispo (315-403 d. C.), no seu tratado intitulado Dos pesos e das medidas, citado por Luciano Canfora in Alexandrie III siècle av. J. C., obra colectiva.

Escravos cultos, permitia aos professores obter, a um preço mínimo, os textos que os interessavam e comentá-los para os seus estudantes.

Os eminentes universitários que se debruçam actualmente sobre a história de Alexandria não podem deixar de sentir uma sensação de déjà vu(92), à medida que se debruçam sobre os textos que testemunham a vida daquela comunidade de sábios nas instalações agradáveis e modernas do Museon. As facilidades de pesquisa, a gratuidade das refeições, os salários elevados e a isenção de impostos, a abstracção de tudo o que a existência podia ter de medíocre e de pragmático recorda-lhes de facto a organização em geral, a qualidade da comida e o conforto três estrelas de que puderam beneficiar, num ou noutro momento da sua carreira, se tiveram a sorte ou o privilégio de terem sido convidados por um estabelecimento universitário como o Institute for Advanced Studies de Princeton. O alcoolismo que assolava o Museon, a futilidade de alguns temas de investigação, a circulação permanente e transfronteiriça de ideias e de homens durante os tempos helenísticos, e da qual Alexandria era a base fixa, a atmosfera empestada por conciliábulos permanentes, as crises de ciúme paranóico entre colegas, livrescas sentinelas digladiando-se sem fim na jaula das(93) Musas, fazem, aliás pensar de modo irresistível nas excentricidades do nomadismo universitário descritas nos nossos dias pelo romancista britânico David Lodge: professores enclausurados nas suas discussões, muitas vezes embotados e incompetentes, presos de uma melancolia gelada, entregues às tentações do álcool e às ameaças do sexo, e que descansam dos

seus colóquios em retiros de escritores residentes, onde se enclausuram com as suas respectivas musas, tentando escrever mil palavras por dia. Mas a invenção do reactor, do telefone, do fax e da web estreitaram o nosso planeta.

O infinito conquistado por Alexandre e passado ao papel pelos sábios de Alexandria tornou-se num mundo pequenino(94).

*92. Peter Green, mas também André Bernard.

93. Timão de Filós citado por Peter Green.

94. David Lodge, *Un tout petit monde*.

65

No entanto esta impressão de déjà vu não provém apenas das angústias e das dúvidas comuns aos professores do Museon ou de Rummidge, mas radica no facto de o historiador e o romancista, a mais de vinte séculos de distância, nos falarem do mesmo homem: o homem do saber. Alexandre pretendeu ignorar fronteiras e limites, Com ele, pela primeira vez, um homem olha a terra até ao horizonte, abarca-a com um único olhar. Menos de um século depois, no Museon, alguém inventa uma maneira de olhar o mundo: através dos livros. Mas "para o homem do saber, ver é ler, saber é corrigir. Uma nova personagem surge: o sábio que se consagra à edição crítica dos textos e respectivos comentários"(95). Os homens do saber dizem como é o mundo conforme o lêem nos seus rolos de papiro ou nas suas tábuas de argila. Na sua biblioteca do Museon interpretam-no, explicam-no, comentam-no, descrevem-no(96), clarificam os seus mistérios, definem a verdade à luz dos seus conhecimentos. Ao infinito da conquista, da acção e da experiência responde dali em diante o infinito da glosa, à qual nada escapa e à qual o próprio Alexandre está sujeito, já que o homem do saber corrige e rescreve incessantemente o livro do conquistador, o seu catálogo do mundo. Ao poluplanês, àquele que viu e que nós vimos, sucedeu realmente verdadeiramente o pollhistôt, aquele que conhece um raio de luz(97). Esta forma de abandonar a vida pela soberania do comentário, no palácio branco das Musas de Alexandria, é o nascimento dos letrados.

*95. François Hartog, in *Mémoire d'Ulysse*.

96. Michel Foucault, in *Le Langage et l'Espace*: "Alexandria, que é o nosso local de nascimento, tinha previsto este cerco a toda a linguagem ocidental: escrever era retroceder, era regressar à origem, apreender o primeiro momento; é presenciar de novo o amanhecer. De lá, a função mítica da literatura que chegou até nós, de lá a sua ligação ao antigo: de lá o privilégio que ela concedeu à analogia, ou ainda a todas as maravilhas da identidade. De lá, principalmente, uma estrutura de repetição que representava a sua essência".

97. François Hartog, op. cit.

66

As cabeças pensantes de Alexandria não tardariam a colocar a questão central: e Deus(98)? A sua natureza, a sua proximidade,

a infinita distância, as suas relações com os homens. O Egípto, antes de ceder docemente ao jugo de Alexandre, estivera dominado pelos Persas. Duas derrotas tinham-no enfraquecido. Os seus reis sem coroa, os seus guerreiros sem poder e os seus sacerdotes sem ministério. Apenas a glória dos antigos santuários prolongava ainda o império destruído dos faraós. Os Ptolemeus tiveram que enfrentar duas desmoralizações no princípio do seu reinado. A dos vencidos, que viam o Egípto afastar-se de si mesmo; e a dos vencedores gregos, que viam a Grécia afastar-se de Atenas. Para fortalecer o regime que representavam, acharam por bem enraizar a sua dinastia no divino. Começaram por propor o fundador Alexandre, cujos restos mortais permaneciam expostos num ataúde de ouro, à adoração dos seus súbditos, pretendendo desse modo fundamentar o seu próprio culto monárquico. Depois importaram as suas divindades, Zeus, Dioniso, Hera, Apolo, Ártemis, que sofreram todos, mais ou menos conscientemente, a influência dos templos faraônicos, tendo essa operação de sincretismo religioso sido levada a cabo com o auxílio dos sacerdotes egípcios helenistas, convertidos em conselheiros técnicos dos novos soberanos. Foi assim que um deus desconhecido surgiu nos céus de Alexandria. Tratava-se de um parente longínquo do boi Ápis, chamava-se Serápis, assemelhava-se a Zeus e acabou por se casar com uma deusa conhecida até ao Pireu, de longos cabelos ondulados, coroada por uma auréola lunar, uma antiga mulher de Osiris: Ísis. Esta metamorfose de três em um, por mais artificial que tenha sido, era sem dúvida reflexo de uma tendência crescente para o monoteísmo.

Um turbilhão imenso de povos, seduzidos por Alexandre ou atraídos pelas imensas capacidades comerciais da cidade, participou no desenvolvimento da capital do templo do mundo.

*98. Mas os filósofos só se irão debruçar seriamente sobre o assunto (Escola de Alexandria) após o desaparecimento dos Ptolemeus.

*99. De um modo geral os deuses tinham dois nomes, o seu nome egípcio e o seu nome grego: Horus - Apolo.

Em Alexandria nunca houve, portanto, confrontos entre gregos e egípcios. "Os não gregos", escrevia Momigliano, "aproveitaram, como nunca o tinham feito até ali, a oportunidade que se lhes abria de expor aos gregos, em idioma grego, certos factos relacionados com a sua própria história e tradições religiosas. Daí resultou que judeus, romanos, egípcios, babilónios e mesmo indianos (...) contribuíram pessoalmente para a literatura grega (...). O panteão grego acolheu naquele tempo mais deuses estrangeiros do que jamais fizera desde os tempos pré-históricos. Por outro lado, os bárbaros não só acolheram os deuses gregos mas também incorporaram muitos dos seus próprios deuses com deuses gregos (...). A ideia da existência de uma sabedoria bárbara começava a tomar forma entre os que se consideravam gregos". Esta forma de se debruçar sobre os livros sagrados dos seus vizinhos, esta questão do infinito e da proximidade do divino, colocada no mesmo instante mas a várias vozes, foi o nascimento alexandrino do triângulo Grécia-Judeia-Roma.

Moisés, o egípcio, o legislador, o patriarca judeu, aquele que conduziu o seu povo para a terra dos seus antepassados e o tinha unificado no culto de Javé, torna-se então na encarnação antiga desta sabedoria bárbara. Alexandre tinha permitido aos judeus instalarem-se e construírem sinagogas na cidade que ele acabava de fundar e recrutara para o seu exército soldados judeus. O ritual dos rabinos adaptou-se aos costumes gregos. Esta desordem aparente desagradou aos conservadores da Judeia. Era a do movimento da

*100. Foi assim que os autores religiosos designaram o Egito, ver artigo de François Dunand, *La fabrique des dieux*, in *Alexandrie III siècle av. J. C.*, éditions Autrement.

*101. In *Sagesses Barbares*.

vida. Alexandre, ao colocar a maior parte dos judeus num mundo onde o grego era a língua dominante, e já não o aramaico, tinha singularmente reapproximado Jerusalém de Alexandria. Iniciou-se imediatamente uma circulação permanente entre as duas cidades. Gregos vão à Judeia estudar o Judaísmo, a Palestina torna-se numa meta para os comerciantes e soldados greco-macedônios e os judeus de Jerusalém, que dão por si a pensar numa versão liberal do Judaísmo, partem em hordas cada vez mais numerosas para se estabelecerem na cidade de Alexandre. A Bíblia era a grande questão e o principal assunto de conversa destes viajantes. Foi necessário traduzi-la para grego e principalmente para as crianças judias de Alexandria, que pareciam dispostas a esquecer rapidamente o hebreu e o aramaico. A lenda conta que, segundo uma disposição de Ptolemeu, o Filadelfo, setenta rabinos foram confinados na ilha de Faros, magnífica residência rodeada de silêncio,(102) em setenta cabanas edificadas com esta finalidade, donde emergiram todos no mesmo segundo com setenta versões diferentes. Crê-se que esta tradução(103) tenha sido levada a cabo cerca do ano 130 a. C. É este texto constantemente meditado, do qual os Cristãos se iriam apoderar algumas décadas mais tarde, que abriria o caminho a São Paulo, de Damasco a Roma.

A convivência entre a sabedoria judaica e o helenismo será posteriormente levada aos píncaros com Filon, o Judeu. Toda a verdade e todo o conhecimento provém de Deus, único e universal, e aqueles que procuram Deus através do mundo só encontram sombra, escrevia (104) aquele que no ano 40 a. C. chefio

uma embaixada a Roma, governada por Calígula, para negociar um estatuto político dos judeus. Como aceder Àquele que se mantinha oculto no indizível? Pela mediação do Verbo, respondia Filon, o Verbo que é o primeiro arcanjo de Deus (cognominado sucessivamente Vidente de Israel, Homem exemplar,

*102. Carta de Aristarco, citada por Alain Le Boullnec, in

Alexandrie III siècle av. J. C.

*103. Momigliano insiste no seu carácter paroquial, inspirado nos métodos de tradução oral da sinagoga que não ajudou na época, à sua difusão.

*104. cf. Histoire critique de l'Ecole d'Alexandrie, E. Vacherot.

69

o Príncipe, o Habitante das Profundezas, a Pomba) e que manifesta o seu poder. Eis então já aqui uma ligação entre Deus e os Homens. Será posteriormente mérito do Cristianismo prosseguir o que Filon começara, e ousar dizer: "O Verbo fez-se carne", ou seja, que o laço entre Deus e os Homens é o próprio Deus que se fez Homem.

"Os Ptolemeu tinham feito vir, para os associar ao Museon um certo número de filósofos gregos" escreve Forster. Mas eles, eram medíocres e foi preciso aguardar a extinção dos Ptolemeu e o declínio da própria cidade para que a filosofia se enraizasse e eclodisse a rosa branca do misticismo do neoplatonismo. Esta doutrina radicava numa doutrina de Platão. Seiscentos anos antes, Platão tinha ensinado em Atenas que o mundo em que vivemos não é mais do que uma cópia imperfeita de um mundo ideal.

Ensinará também muitas outras coisas, mas foi esta doutrina que os novos platonistas de Alexandria retomaram e conduziram até sublimes conclusões místicas". Plotino, que corava por ter um corpo e tivera contacto com padres zoroastristas e magos hindus, não cessava de colocar a si próprio a ideia do absoluto. Estava possuído pela sua crença e pela necessidade de a demonstrar. Inventou um deus tridimensional: o Uno, o Princípio Intelectual (ou seja, o espírito universal que contém o pensamento de todas as coisas) e uma Alma Universal. Ele assustava-se por vezes ao sondar tais mistérios e recorria felizmente ao êxtase, ou à visão mística, que segundo ele realizava as condições do conhecimento absoluto. "A Visão suprema não se pode obter através de passes de mágica", continua Forster, "apenas os que são dignos de ver poderão ver. E, em última instância, a visão de si e a visão de Deus são verdadeiramente a mesma coisa, já que cada indivíduo é Deus. Se ao menos as pessoas tomassem consciência disso. E é aqui que se encontra a grande diferença entre Plotino e o Cristianismo. A promessa cristã é a de que um homem verá Deus, e a promessa do neoplatonismo - à semelhança da do indiano - é que será Deus".

*105. In Alexandrie.

70

* * *

Dois homens teorizaram em Alexandria esta promessa cristã, cerca do ano 200 da nossa era. O primeiro chamava-se Clemente de Alexandria. Tratava-se de um grego de Atenas, discípulo de Sócrates, que viajou no ocidente da Grande Grécia e no oriente Sírio, e acabou por encontrar o seu ambiente (quinhentos mil

livros) em Alexandria, onde fabricou o seu mel das flores dos prados dos Profetas e dos Apóstolos. Clemente releu os filósofos gregos como uma preparação para o Evangelho, não queria suprimir nada, esquecer nada e sabia dizer coisas muito bonitas aos seus irmãos do paganismo: "Eu também tenho um mestre de Música. Nem a lira nem a cítara, objectos inanimados, são os seus instrumentos, mas sim o mundo e o homem, este pequeno mundo, alma e corpo. O Espírito Santo harmoniza esta lira, que ressoa e canta a Deus (106). O seu discípulo Orígenes recordou a eternidade do divino. Ele sentia tanto a necessidade da tradição como a da invenção. O seu pai fora morto aquando das perseguições que decorreram no Egipto no reinado de Sétimo Severo, que proibiu no ano 202 o proselitismo judeu e cristão, e mostrando ele próprio tanta pressa em segui-lo no martírio, foi a sua mãe obrigada a esconder-lhe as vestes para impedi-lo de sair de casa. Este jovem e doce homem, cognominado Adamantius, o homem de aço, por Eusébio(107), o seu biógrafo, fundou aos vinte anos uma escola de estudos literários. Entre os seus discípulos contam-se tantos mártires que se pode dizer que ele regia mais uma escola de martírio do que de teologia. Como director da sua escola, encarregada dos catecúmenos, ele continuou a colocar filosoficamente a velha questão de Alexandria nas relações entre os Homens e Deus, mas este exegeta bíblico,

*106. Citado por A. J. Festugière no seu Sócrates.

*107. Eusébio ou São Jerónimo, ou ainda Sophronius Eusebius Hieronymus, Padre da Igreja, nascido no ano 331 da nossa era, foi o primeiro a escrever contra Pelágio. Comentou os textos de Orígenes, conhecia o grego e o hebreu, e morreu com a provecta idade de oitenta anos.

71

no primeiro tratado sobre a oração encontrou ele próprio a resposta: o elo era Cristo, filho de Deus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Levando uma vida ascética extrema, embora continuando a ensinar teologia tanto a raparigas como a rapazes, fez-se castrar para evitar o escândalo e interpretar na própria carne uma passagem do Evangelho: "Eunuco por causa do Reino dos Céus" (Mt 19,12). Este acto excessivo dividiu as comunidades cristãs. Orígenes, que nunca pretendia causar tanto rebuliço em torno de si mesmo, arrependeu-se do seu gosto pelo sacrifício. Este pilar da Igreja primitiva viveu uma vida penosa até à sua morte em Tiro, no seguimento de torturas sofridas durante a perseguição de Décio, uma reputação de sofrimento, aumentada pelo ciúme de bispos medíocres como sempre existem em todos os tempos, mas que no entanto a sua humildade jamais buscaram.

* * *

Estes debates dos eruditos em volta do grande livro da sabedoria bárbara, oriundo da Palestina, esta obsessão e este mistério: Deus, velho problema da terra egípcia da cruz ansada (o ankh), permanecia sem cessar em Alexandria, após a conquista romana, pelo encontro destes três grupos de homens,

os gregos, os judeus e os cristãos, reunidos no labirinto de uma velha biblioteca, onde prosperavam todos os tesouros da sabedoria mediterrânica, este diálogo iniciado aqui mesmo entre o conhecimento e a revelação(108), ou por livros interpostos, entre Sócrates e Jesus, dois homens que tinham em comum o facto de nunca terem escrito uma linha e terem sido mortos devido à hostilidade dos seus contemporâneos, este diálogo, portanto, que demonstrava uma vez mais a utilidade dos livros e dos filósofos, e a velha Bíblia dos Setenta que foi invadida por um

*108. Escrevi iniciado porque nunca cessou e permanece, como sublinhou Renan, a preocupação principal do cristão.

72

sopro de juventude e se pôs imediatamente a falar de outra maneira: o segundo nascimento do Cristianismo. Alexandria depois de Belém. A biblioteca depois da manjedoura.

* * *

A dinastia ptolomeica tinha começado a enfraquecer após a morte do Evergeta, no ano 221 a.C. Nas famílias ricas e poderosas, as únicas que têm problemas de descendência, os problemas iniciam-se muitas vezes com a terceira geração; para os outros, cada nova geração é um recomeço. O Evergeta (o Benfeitor) tinha sucedido a Filadelfo (aquele que ama a sua irmã), o qual sucedera por sua vez ao Soter (o Salvador), o companheiro de Alexandre. A situação tornou-se rapidamente caótica. Roma pensou de imediato nas vantagens que poderia retirar daquela força que se escoava, mas preferiu aguardar a sua vitória sobre Cartago e o desfecho da terceira Guerra Púnica (Cartago é destruída no ano 146 a.C.) para começar a estender a sua ambição ao Mediterrâneo oriental. O Egipto delapidava a sua energia em convulsões dinásticas, em traições e em dramas familiares complicados pelo habitual incesto, e os seus soberanos melancólicos, mas capazes de variadas crueldades, engordavam enquanto ensopavam de suor os albornozes dos felás. Roma declarou-se tutora da dinastia vacilante e determinado dia decidiu que um dos Ptolemeu lhe tinha legado o Egipto num testamento que se absteve de mostrar. No ano 51 a. C. Cleópatra subiu ao trono. Tinha dezoito anos e era filha de um flautista pervertido, alcunhado Bastardo ou Auleta (o flautista, o tocador de aulo, o mentiroso) nas ruas alexandrinas, mas que se tinha feito proclamar rei com o nome de Theos Philopator Philadelphos Neos Dionysos. A isso se vira obrigado para poder subir ao trono, do qual fora excluído. O Egipto perdera Chipre, dez mil talentos e a bela independência durante esta restauração. Cleópatra, neta de uma cortesã, amante de Ptolemeu Soter II, herdara da sua avó um certo conhecimento na arte da sedução, juntamente com uma grande dose de audácia e de ambição.

73

As rainhas macedónias que a tinham precedido haviam-lhe ensinado que uma mulher deve enfrentar o seu destino, ainda que e sobretudo se usa uma coroa. E não se pode deixar de dizer que esta executive woman (109), que falava nove línguas (mas não o latim), tinha jeito para a matemática e para os negócios. A sua carreira viria a provar que possuía igualmente noção dos assuntos de Estado. O seu reinado inicia-se de facto com a chegada de César e de quatro mil legionários ao Egipto, atrás de Pompeu, cuja glória e prosperidade pareciam ensombradas pelas de César, e como este não desejasse mestrança nem o outro um par, o ciúme e a inveja instalaram-se entre esses dois grandes vultos.

Assim que se resolveu o assunto de Pompeu (muito providencialmente para César, e não para ele, com a alegria de saber que a cabeça decepada do seu rival estava conservada em salmoura), César larga de Roma para se instalar no palácio real e arvorar-se em árbitro das lutas dinásticas que acabavam de afastar do poder a jovem mulher. Convocada pelo romano, juntamente com o seu irmão, perante um tribunal constitucional, ela atalhou na noite anterior esse encontro com justiça das linhas inimigas (o exército do seu irmão) mandando que um comerciante siciliano a levasse junto de César, atada e com pouca roupa, em cima de um tapete oriental. O seguimento da história é conhecido. A causa de Cleópatra é dirimida à noite. O clã dos Ptolemeu parte em guerra contra os dois amantes. "Apesar dos seus contornos de ópera bufa, a guerra dita alexandrina esteve mais perto de destruir o próprio César, sem falar da sua reputação, do que qualquer outra campanha militar ou política por ele alguma vez empreendida. Um dia chegou mesmo a saltar de um dique para salvar a pele, abandonando nas mãos do inimigo a sua capa púrpura de general triunfante (Fevereiro de 47). Os entrepostos e uma grande parte da grande biblioteca de Alexandria desfizeram-se em fumo." (110) Foram necessários seis meses de manobras e de combates para restaurar o trono de Cleópatra, que brindou

*109. (Em inglês no original, significa "Executiva". N. da T.)

*110. Peter Green.

os Alexandrinos com o seu casamento com o seu irmão antes de em
cruzeiro no Nilo com César, de dar à luz um filho chamado Cesarião e depois embarcar para Itália, levando consigo o seu irmãozinho, que era o seu marido. Em Roma, participa no triunfo do pai do seu filho, enquanto vê desfilar a sua própria irmã, Arsinoé, coberta de correntes, como todos os que tinham participado na revolta contra as tropas romanas de ocupação. Os Romanos começam, não sem fundamento, a comentar e a inquietar-se com o comportamento desta oriental excêntrica e tão insolente nas suas fúrias quanto nos seus amores. César também era fonte de preocupação para os seus conterrâneos. Não é verdade que se dizia que ele julgava ser Alexandre e planeava para Cleópatra proclamá-la deusa-rainha-bígama? Foram

suficientes alguns golpes de espada nos idos de Março de 44 para que o novo sonhador caísse morto aos pés da estátua de Pompeu, em pleno Senado. Cleópatra abandona Roma à pressa e regressa num ápice a Alexandria. "A fuga da rainha não me preocupa", declara nessa altura Cícero, visivelmente encantado, a um dos seus amigos. A jovem mulher, que pensa apenas nos interesses do seu filho Cesarião, precipita o assassinato do seu irmão-marido e engendra forma de abandonar o Egito, assolado pela fome e pela peste, a salvo dos conflitos que opunham Marco António aos assassinos de César. Depois da sua vitória, António convoca-a para que ela explique a sua neutralidade. Cleópatra não podia voltar a usar o truque do tapete. Em Tarso, na Sicília (em 41), ela encena uma chegada em tudo semelhante a Afrodite, sobre uma galera de proa dourada, velas púrpura e remos de prata, rodeada por Eros que agitavam os seus leques, reclinada num dossel. Como mulher cerebral que ela nunca deixava de ser, Cleópatra informara-se e sabia para junto de que tipo de homem se vinha aventurar.

Numa das suas fichas ela escrevera: "Triúmviro e corajoso. Sangue azul, mas vulgar e bastante pretensioso. Generosidade e energia exuberantes. Muito carente. Chefe brutal mas amado pelo seu exército. Apreciador de álcool e mulheres. Sonha unir a glória e a luxúria (mais tarde será Grécia e Roma). Neste momento casado com uma tal Fúlvia, que se diz ser uma megera".

75

Ele aguardava-a, impaciente por acrescentar uma ptolomaica aos seus troféus.

"Sensual mas vigilante, ela trabalha o seu novo amante como o fizera com o antigo. Nunca o aborreceu; e já que a grosseria lhe parecia monótona, iniciou-o naquelas delícias mais delicadas, nas quais a sensação tende a tornar-se pensamento. (...) Ela era a última representante de uma raça subtil e solitária, era a flor que Alexandria levava trezentos anos a produzir e que a eternidade não consegue murchar, e é para um soldado romano simples mas inteligente, que ela desabrocha (111). A

ligação deles durou dez anos. Dez anos de intimidades, de jogos amorosos e de guerras, de vidas inimitáveis.

António abandona a sua recente esposa romana, dispõe dos domínios romanos no Oriente a favor de Cleópatra, que lhe deu numerosos filhos, e Cesarião é coroado com o cognome de Rei dos Reis. Ela era a nova Ísis, ele era o novo Dioniso, e os cortejos das suas paradas perfumadas alegravam Alexandria tanto quanto importunavam Roma, que parecia a ambos mas sobretudo a ele, cada vez mais longínqua no horizonte do entardecer. Seria, no entanto, Roma e Octávio, que iriam decidir sem tardar qual seria o desfecho daquele namoro, dando início à batalha de Actium, ao largo do golfo de Ambrácia (112) a

2 de Setembro de 31 (113). Para Estrabão não se tratava senão de

impedir o Egito de "continuar a sofrer os ultrajes de uma violência ébria". Houve ainda alguma confusão, talvez mesmo alguma traição feminina, mas o fim foi digno. António e Cleópatra fizeram construir para si mesmos um mausoléu nas margens de Alexandria. Sabiam que lhes bastava aguardar um pouco. António suicidou-se primeiro, atirando-se sobre a sua própria espada, não sem fazer várias tentativas. Agonizou nos

braços de Cleópatra, depois de ter mandado vir vinho. Cleópatra mandou que lhe trouxessem uma cesta em espartaria, cheia de figos que escondiam

*111. Forster.

*112. A sul de Corfu.

*113. "O Oriente procurava uma religião, o Ocidente um estado.

António e Cleópatra não trouxeram nem um nem outro. O seu desfecho era inevitável", Emmuel Berl, in Les impostures de L'histoire.

76

uma áspide (114). Ela tinha trinta e nove anos e não suportava a

ideia que Octávio tivesse planeado para o seu triunfo fazê-la desfilar acorrentada como uma vencida, como sucedera outrora à sua irmã prsinoé. Após tomar um banho e comer um derradeiro festim, ingeriu um figo e morreu. As suas duas servas, Iras e Charmiane, seguiram-na no suicídio. Um dos soldados enviados por Octávio, que acabara de chegar ao clube dos suicidas, perguntou a Charmiane, que expirava aos pés da rainha, o que se tinha passado, ao que ela retorquiu:

- Está tudo bem (115)

Octávio aboliu o reino dos Ptolemeu e foi prostrar-se diante do corpo de Alexandre. Foi assim que Alexandria se tornou na prefeitura de uma província romana.

* * *

Os biógrafos de São Marcos dizem-nos que depois de ter acompanhado Pedro a Roma, onde redigiu o seu Evangelho, dirigiu-se de seguida ao Egipto para pregar a sua fé. Foi ao converter um cordoeiro judeu de nome Anianus, no ano 45 da nossa era, que deu início à fundação da Igreja de Alexandria, da qual foi o primeiro bispo. Sabemos já que Clemente, cerca do ano 200, fundou um colégio de Teologia onde ensinou o seu discípulo Orígenes. Os cristãos que se recusaram a prestar culto aos imperadores romanos foram perseguidos sob os reinados de Décio e Diocleciano. Mas em breve o Estado (Édito de Milão em 313) concedeu-lhes essa liberdade de culto tão longamente recusada, e Constantino,

*114. A áspide não é uma certeza. Cleópatra talvez tenha morrido devido a um veneno aplicado sobre a pele. Existem diversas versões do seu suicídio. (Estrabão, Dion Cassiu, Plutarco) in André Bernard, Alexandrie des Ptolémées. Mas é preciso que se saiba que a mordedura era penhor da imortalidade.

*115. "Está tudo bem, antepenúltima frase de Gide durante a sua agonia, a 19 de Fevereiro de 1951, retomada por Roger Stéphane como título das suas recordações.

77

habitualmente denominado o primeiro imperador cristão ainda que só tenha sido batizado quando estava a morrer, transformou uma pequena cidade grega das margens do Bósforo numa capital e deu-lhe o seu nome. Em 330, Bizâncio tornou-se Constantinopla e a sua glória iria ofuscar durante longo tempo, primeiro a de Roma, condenada pelo seu paganismo, e a seguir a de Alexandria, que poderia ter sido salva pelo seu passado de capital espiritual, se a comunidade cristã da cidade, apenas libertada das perseguições pagãs, não se tivesse dividido para se perseguir a si mesma. Uma primeira guerra doutrinal opôs um certo Ário, presbítero da igreja de São Marcos ao futuro bispo de Alexandria, Atanásio, e dizia respeito à natureza de Cristo. Não era nada. Um concílio reunido em Niceia, nas margens do Mar Negro, em 325, havia condenado as teses ratificadas por Ário o qual, sem negar a natureza divina de Cristo, fizera dele uma pessoa inferior ao Pai. Ário, preocupado com a tradicional questão alexandrina do elo entre o divino e a humanidade, julgava ter resolvido o problema ao fazer de Cristo um homem virtuoso instrumentalizado por Deus. Os duzentos e cinquenta bispos reunidos em Niceia decidiram que o Filho era da mesma natureza que o Pai. Ário e os seus partidários não aceitaram facilmente a sua derrota e Atanásio precisou de batalhar bastante na sua própria cidade, base recuada do arianismo militante, para fazer respeitar a doutrina de Niceia. Ele não era de modo algum "um modelo de doçura(116)", mas este orgulhoso (117) pensava que o direito sem força nada é. Era dotado de uma grande simpatia e capaz de tudo para defender as suas ideias. Levou uma singular vida de aventuras e de escritos ao serviço de Niceia, com exílios, viagens a Roma e a Constantinopla, alguns anos passados no deserto, conversava no mesmo tom arrebatado com imperadores e eremitas, foi diversas vezes salpicado pela lama dos seus inimigos, conheceu perseguições por parte da polícia e regressos triunfais.

*116. Prefácio de Jan-M. Szymusiak, S.J., à L'Apologie à l'empereur Constance nas Sources chrétiennes.

*117. Morto em Alexandria a 3 de Maio de 373.

A apoteose da sua passagem terrestre foi acabar como patriarca de Alexandria, uma vez desaparecido o seu rival, a quem ele sempre recusara a comunhão e que morreu acometido por uma crise epiléptica no meio da rua, rodeado das suas próprias fezes.

Depois destas questiúnculas de alto nível, que muitas vezes degeneraram em cruéis batalhas de boateiros, veio o tempo dos monges e de um cristianismo obrigatório. Foi assim que no mês de Março de 415 foi morta uma senhora de certa idade, denominada Hipatia, filha de um célebre matemático, ela própria matemática e filósofa. O seu assassinio ocorreu numa igreja, diante de uma revolta conduzida por soldados negros partidários do patriarca Cirilo, que aparentemente não suportavam que uma alma educada permanecesse nas trevas do paganismo, mas, com o seu linchamento, foi-se mais um pouco da Grécia. A igreja de Alexandria, talvez a primeira a

reivindicar uma Teologia da Libertação, inventou então uma vocação nacional, antigrega, e passou a denominar-se Igreja Copta (118). Os monges coptas apropriaram-se de uma nova fórmula

teológica, sempre a propósito da natureza muito discutida de Cristo, e nunca mais se separaram dela. Esta fórmula tinha sido inventada por Êutiques, abade de um mosteiro de Constantinopla.

Este último pretendia que Cristo possuía um corpo celeste que tinha passado pelo corpo da Virgem, como por um canal, e que em seguida a natureza humana de Cristo se tinha fundido com a sua natureza divina. Ao tornar-se bispo de Alexandria, Êutiques conseguiu que a sua fórmula fosse adoptada pelo concílio, denominado Extorsão de Éfeso. O erro de Êutiques foi anatematizado alguns anos mais tarde, em 451 pelo novo Concílio de Calcedónia, mas a Igreja Copta, permaneceu Monofisita (119).

*118. Copta, do grego aiguptios, "egipcio" (Petit Robert).

*119. Como as igrejas nestorianas do Iraque, da Índia e do Irão, como as igrejas de rito caldeu da Pérsia, da Índia ou da China, cujo monofisismo era contudo diferente, pois reduzia a parte divina de Cristo. Mais um debate que nos devolve a Alexandria, pois foi Cirilo de Alexandria quem se opôs a Nestório, monge de Antioquia e patriarca de Constantinopla, e à sua heresia.

79

A Biblioteca conhecera os seus primeiros reveses quando Júlio César caiu na armadilha lançada pela frota de Aquiles e parece que uma quantidade incontável de livros, guardados nos cais do porto Eunestos, se transformaram em cinza nesse dia devido ao incêndio da frota. Ainda assim, a maior parte dos cronistas pretendem que eram bem mais de quatrocentos mil rolos da biblioteca real e não livros de menor importância descurados à humidade das docas, que tinham sido queimados com os barcos que César mandara incendiar para se salvar a si próprio. A paz romana continuara a destruição da guerra. A granel: antipaques-sanções em benefício de Roma, roubos, incêndios, saques por diversos arruaceiros e luta do cristianismo contra os monumentos e os templos do paganismo em decadência - não nos esqueçamos de que o Museon era um templo. Quando Amrou, o general-poeta do Califa Omar entrou em 641 com a sua cavalaria árabe em Alexandria, pela extremidade oriental da via Canópica, diz-se que ele perguntou a todos: "Onde estão os livros?".

Nessa mesma noite, ele enviou ao seu califa a seguinte mensagem: "Tomei uma cidade da qual apenas posso dizer que contém quatro mil palácios, quatro mil termas, quatrocentos teatros, mil e duzentos comerciantes de fruta e legumes e quarenta mil judeus (120).

Havia contudo ainda suficientes sábios e livros, apesar do laconismo de Amrou, para que a herança da sabedoria alexandrina fosse transmitida às grandes universidades árabes da Idade Média - Córdoba, Fez, Damasco, Bagdade - que por sua vez a transmitiram aos sábios cristãos de Paris, de Montpellier, de Oxford ou de Salamanca. A biblioteca morreu, por conseguinte, devido à passagem dos séculos (121) e dela

nunca
se encontrou qualquer vestígio (122).

* * *

*120. Citado por Forster.

*121. Uma só coisa é certa: ao contrário do que por vezes se disse, ou escreveu, não foram os Árabes que a destruíram.

*122. Alguns alexandrinos não podem deixar de se questionar se esses vestígios ainda existirão, soterrados por alguns metros de terra como é provável, se não terão sido definitivamente destruídos pelos trabalhos de terraplanagem da futura grande biblioteca do Mediterrâneo oriental, em finais da década de 1980.

80

Existe uma beleza das coisas desaparecidas. Beleza singular, uma vez que ela toma dois rostos. O primeiro possui o encanto de uma centelha. É a face do Tempo, na sua cadência inclemente. Era, já não é. Depois da centelha, as cinzas. O segundo possui a força sorridente da aurora que sucede à noite de ausência. Diz-nos que o passado não é um caminho sem regresso. Naquele tempo... É o rosto da memória, da História e da Literatura. Pausânias (123) que caminha para ver o que já lá não está. Para contar o invisível. Cavafis depois de Alexandre.

A cidade dos Ptolemeu, a cidade espiritual, depois de tanto poder e prosperidade (124) extinguiu-se lentamente e depois conheceu um destino inconstante. Mas Alexandria brilhou sempre com o duplo fulgor do seu desaparecimento.

* * *

Passaram-se vinte séculos desde que Alexandre fundou Alexandria ao atirar o seu manto sobre a areia de Rakotis. Em França, uma criança de dez anos que fala um francês entremeado de regionalismos, entra como pensionista no Colégio de Brienne orientado por Mínimos (125), menos eficazes do que os Jesuítas, mas os Jesuítas desapareceram de França há dezasseis anos, menos prestigiados que os Oratorianos, mas contudo dando grande apreço aos estudos clássicos e respeitadores das instruções do ministro da Guerra, o conde de Saint-Germain, que lhes tinha ordenado que debruçassem os futuros oficiais sobre os grandes escritores da Antiguidade Clássica, ainda que fosse sobre as traduções (126) (olha: Amyot!). Esta criança dos matos corsos, fechada durante cinco

*123. Pausânias era um grande viajante, historiador e geógrafo grego do século II da nossa era. Escreveu uma Descrição da Grécia.

*124. Pausânias, citado por François Hartog in Mémoire

dUlysse.

*125. Religiosos da Ordem de São Francisco de Paula. (N. da T.)

*126. Louis Madelin, in Histoire du Consulat et de l'Empire, 1 Volume.

81

anos numa casa de Brienne, chama-se Bonaparte. É um aluno estudioso, mas inquietante para os seus professores e exasperante para os seus companheiros de estudo. Quando não sofre de crises nervosas, porque um professor o mandou ajoelhar depois de uma revolta dos alunos, quando não responde "Eu sou um homem" a um dos seus professores que lhe pergunta: "Mas quem vos julgais vós, afinal?", quando não está a trabalhar - e é um trabalhador incansável -, quando não organiza batalhas com combates em linha e carros de assalto no pátio do colégio, Bonaparte lê. Corneille, Racine, La Fontaine, Bossuet, Boileau, mas também livros de História da Antiguidade e de Geografia, o Atlas Portátil de Robert de Vangoudy, a História dos Árabes de Marigny, os Homens Ilustres e as Obras Morais de Plutarco (127). Aos seus discípulos que

lhe perguntam: "Porque lê até tão tarde?" ele responde "Conquisto a História". Foi pronunciada a palavra fatal. Os grandes desempenhos históricos seguem sempre um modelo. Bonaparte forja em Plutarco a sua versão da imitação de Alexandre. O rapazinho começa bem depressa a pensar que poderá escapar às contingências de um nascimento modesto. Não precisa de se esforçar muito. Tudo quanto lê sobre a infância de Alexandre, os hábitos macedónios, aquele clima de vendeta e de tragédia familiar que reina na corte de Pella, aqueles ataques frontais com a sua adaga de caça entre montanheiros, aquelas lutas de clã, o azedume dos ódios, os rancores surdos dos quais todos esqueceram o início, tudo lhe recorda o país da sua infância, a sua Córsega amada e vencida (128). Parece-me sensato pensar que Bonaparte retirou três lições das suas leituras de Plutarco:

1) É melhor desejar o todo que a parte.

*127. Terá ele lido Leibnitz que viera a Paris apresentar a Luis XIV um projecto de fusão entre o Oriente e o Ocidente, que este não tinha compreendido?

* 128. "Eu nasci quando a minha pátria ruia", escreverá um dia Napoleão a Pascal Paoli, o infeliz herói da independência corsa, um homem verdadeiramente falaz, apesar do que afirmam alguns dos meus amigos. As tropas de Paoli tinham sido esmagadas a 9 de Maio de 1769 em Ponto Novo, e Paoli regressara a Inglaterra, a sua segunda pátria, não é verdade?

82

2) Atenas ou Paris em vez de Pella ou Ajaccio.

3) O Oriente é o império dos sonhos (129).

Quinze anos mais tarde. O 14 de messidor do ano vi da República Francesa calhava a 18 do mês de Muharren, do ano

1213 da Hégira. Um pouco mais de onze séculos depois de Amrou, Bonaparte chegava ao largo de Alexandria. "Vislumbrámos ao final do dia a coluna de Pompeu", escreverá ele mais tarde. "A praça e as muralhas da cidade dos árabes estava cheia de gente (130)". Uma hora depois da meia-noite, estando as chalupas e jangadas na água desde a véspera, deu-se o assalto e a cidade foi ocupada sem esforço. Em que pensava ele na sua cabina do Oriente, este jovem homem já vencedor em Itália e que só tinha regressado a Paris para anunciar que ia conquistar o Egipto (131)?

A sua resposta encontra-se na última frase da sua proclamação do 14 de messidor, congeminada depois de Toulon e assinada no quartel general do Oriente, Bonaparte, membro do Instituto Nacional, general-em-chefe: "A primeira cidade com que vamos deparar foi construída por Alexandre. Iremos encontrar a cada passo lembranças egrégias, lembranças dignas de excitar a emulação de todos os franceses".

A imitação de Alexandre está claramente patente nas ordens dadas às tropas: "Ajam com os Maometanos como agimos com os Judeus e os Italianos, mais dos que os Mamelucos eu respeito Alá, o seu Profeta e o Corão deles. Tenham com as mesquitas a tolerância que demonstrámos pelos conventos, pelas sinagogas, pela religião de Moisés e de Jesus Cristo". Existe também igualmente esta declaração que denuncia claramente o sonho que se vai concretizando:

*129. "É preciso ir ao Oriente, todas as grandes glórias vêm de lá", in Vie de Napoléon par lui-même.

*130. Vie de Napoléon par lui-même, por André Malraux.

*131. O Egipto era naquela época uma província do Império Otomano, então em plena decadência, que tinha permitido aos mamelucos, de origem circassiana, tomar conta de tudo. Bonaparte era suposto perseguir os mamelucos e instituir no Egipto uma espécie de protectorado francês, em nome da própria Porta. Cf. Madelin, L'Ascension de Bonaparte.

"O Oriente aguarda apenas um homem. Ou por outras palavras: Ontem, ele. Hoje, eu". E que livros levava Bonaparte na sua biblioteca do Oriente? A Iliada, sim, a Iliada, arrumada junto da Bíblia e dos Vedas Indianos.

Cada vitória é um espelho sobre o qual Bonaparte se debruça em busca de um olhar que já não é o seu. A glória que almeja, ele que mais tarde irá escrever: "A morte não é nada; mas viver vencido e sem glória, é morrer todos os dias"(132) é o facho de Alexandre ao qual confere esta maneira de avançar na vida e de usar o imaginário ao serviço da guerra (133) e da política. Daí esta impressão de obsessão, afirmada em cada instante da campanha egípcia. Na forma surpreendente como assinalou as suas primeiras vitórias (134), no seu modo de estender as suas asas sobre o silêncio do campo de batalha no fim da contenda. Nos gritos dos vencidos subjugados, que recorrem à feitiçaria e alcunham Bonaparte como o pai do fogo, o invencível, o protegido de Alá, nos salamaleques e prostrações da população do Cairo, como na paixão do jovem conquistador por tocar a Índia (135), na sua ambição de inventário: as hordas de sábios (136)

*132. Em 1804, cf. Vie de Napoléon par lui-même.

*133. "Sim, a imaginação governa o mundo!. In Vie de Napoléon par lui-même.

*134. Diante dos cavaleiros mamelucos de Mourad, Bonaparte tinha, para a batalha de Cheibris, mandado formar cada uma das suas divisões em quadrado, e as baionetas na primeira fila, à frente das espingardas. Ressalvadas as devidas proporções, Cheibris foi para os Egípcios o que Grânico foi para os Persas.

*135. Só temos vinte e nove anos, escreve ele, um dia teremos trinta e cinco; não é muito tempo; estes seis anos ser-me-ão suficientes para chegar à Índia, se tudo me correr bem", in Vie de Napoléon par lui-même.

*136. Em Julho de 1799 um soldado francês encontrou a Pedra da Roseta, que continha inscrições em hieróglifos, em egípcio demótico e em grego, e que iria permitir decifrar a antiga escrita egípcia. Aquando da rendição francesa em 1801, os sábios franceses recusaram-se a entregar os resultados dos seus primeiros trabalhos, ameaçando queimar tudo. O seu porta-voz foi Geoffroy Saint-Hilaire: "Sem nós este material é língua morta que nem vós nem os vossos podeis compreender. Mais do que autorizar tamanha iniquidade, e de permitir uma espoliação que toca o vandalismo, destruiremos tudo o que nos pertence, disseminá-lo-emos nas areias da Líbia, queimaremos todas estas riquezas. É do conhecimento público que desejais atribuir-vos esta descoberta. Como queirais, mas sabeí que a História tem uma memória vasta: também vós sereis responsáveis por queimar uma biblioteca em Alexandria." Os franceses guardaram os trabalhos, e os ingleses levaram consigo a Pedra da Roseta, que se encontra actualmente no Museu Britânico.

faziam parte da sua comitiva e que ele põe a trabalhar nas margens do Nilo ou no seu palácio do Cairo, geómetros, orientalistas Venture de Paradis(137), Amadée Jaubert), geólogos, músicos (Rigal), pintores (Vivant-Denon, Redouté), matemáticos e físicos (Berthollet, Monge, Fourier), cartógrafos, arqueólogos - todos os que iriam revelar ao Egipto o seu próprio rosto - agrónomos, cronistas, naturalistas (Geoffroy Saint-Hilaire). Na convocação dos Divãs(138). Naquele encontro em El Salalié, a 22 do termidor, com uma caravana de peregrinos regressados de Meca. Ele oferece uma escolta a esta caravana e julga compreender que os peregrinos lhe chamam Rei dos Franceses e Grande Xequé do Egipto, cheik el beled, julga que ouviu mal, interroga os intérpretes, mas não meu general, o espelho não mente: eles chamaram-vos de facto Rei dos Franceses e Grande Xequé do Egipto. Nas fadigas do deserto, com os soldados que resmungam enquanto arrastam em sacos de pêlo o material de arear. Na embriaguez do fogo face ao enxame de espingardas diante de Gizé, a sua Babilónia. Naquelas núpcias africanas entre a Revolução e o Corão, os barretes vermelhos e os crescentes do Islão. Nas festas pagãs do Nilo, celebração da ruptura da barragem que abre a passagem às águas fecundas do Nilo, em presença do Divã, da multidão egípcia e dos seus soldados sem armas, e as surdas melopeias que sobem em direcção ao céu do Egipto, Alá invocado em todos os tons enquanto um fornildo de mina rompe o dique, troando como um trovão. Naquelas três

noites de sonho e júbilo, para as festas do Profeta, o xeque El Bekri, descendente do Profeta, sentado à sua direita. Na reconciliação republicana que ele pretende impor à nação judia, que dota de sumo sacerdote e de autoridades muçulmanas. Na sua famosa visita aos Muftis(139) da mesquita El Azhar.

*137. Filho de um grego, dragomano em diversos consulados, não regressará do Egipto. Bonaparte anunciará a sua morte no Divã do Cairo nestes termos: "Venture morreu. Foi para nós uma enorme perda".

*138. O Divã é o conselho do sultão.

*139. Nome dado aos doutores principais da lei do Corão, no Próximo e Médio Oriente. (N. da T.)

85

E é que ele tinha muitas coisas para lhes dizer - os direitos do homem -, e talvez ainda mais a pedir-lhes: uma fetiva, interpretação do Corão, que suprimisse a circuncisão e permitisse a ingestão do álcool para alguns dos seus soldados desejosos de se converterem ao Islamismo. Para ir visitar os teólogos, Bonaparte-Alexandre tinha escolhido envergar uma indumentária oriental, com umas calças em balão e um turbante, mas Tallien-Callisthène, ao zombar dele e ao mostrar-lhe o ridículo daquelas vestes, fê-lo desistir do projecto(140). É sabido como tudo isto terminou. A derrota da esquadra francesa à vista de Aboukir, Bonaparte encerrado na sua conquista. A rota da Índia brutalmente fechada. Só lhe restava regressar a casa para procurar outros caminhos e fazer ressoar os tambores de Valmy em todas as cortes da Europa. As suas vitórias passaram como derrotas, mas os seus sonhos do Oriente, esses, nunca passarão. A 15 de Outubro de 1815, o vencido de Waterloo é encerrado com Gourgaud na sua cabina do Northcumberland, fundeado desde a véspera na baía de Jamestown à vista dos rochedos de Santa Helena. Há vinte e quatro horas que não abre a boca. Quando consente em mexer os lábios, é apenas para deixar sair estas breves palavras: "Não é uma morada muito bonita. Tinha sido bem melhor se eu tivesse ficado no Egipto. Neste momento seria imperador de todo o Oriente(141). Na orla da ilha que será o seu túmulo: ainda um suspiro de irracional,

*140. No entanto, ao vencedor do Egipto pareceu-lhe melhor que os membros do Divã se enroupassem com a bandeira tricolor e passassem em volta dos seus turbantes as cores de Valmy e de Jemmapes.

*141. Ele reincidirá de resto três anos depois: "O que eu aprecio em Alexandre Magno" diz ele nessa altura, "não são as suas campanhas que não conseguimos conceber, mas os meios políticos que ele emprega. Foi de uma grande lucidez da sua parte reclamar-se descendente de Amon: assim ele conquistou o Egipto. Se eu tivesse permanecido no Oriente teria provavelmente fundado um império como Alexandre, indo em peregrinação a Meca, onde teria feito orações e genuflexões, mas não queria tê-lo feito a não ser que tivesse valido a pena". Ele não tinha ousado. O seu desejo de glória era menos vasto e menos misterioso do que a hubris que animava Alexandre.

a recordação intacta dos seus anos de juventude, só entre os homens, já naquele tempo, quando ainda tinha o direito de sonhar e a coragem de Poder acreditar que a estrada é direita. Na baía de Jamestown e depois de setenta dias de mar, não é mais do que um vencido - um imperador derrotado, homem doente, marido achincalhado pela sua querida Luísa - e a Europa escarnece de o ter enviado para os seus confins atlânticos, enquanto as suas baionetas se reúnem em parada nas Tulherias e a Câmara dos Cem Dias representa de forma burlesca Mirabeau, antes de suspender a toda a pressa a última sessão. Mas a Europa faz mal porque não há mito sem senão e o prisioneiro sabia-o, ele que afirmará mais tarde: "à minha fama faltava apenas o infortúnio. Fui coroado Imperador da França, usei a coroa de ferro de Itália; e agora a Inglaterra deu-me outra ainda maior e mais gloriosa - aquela que o Salvador do Mundo levou - uma coroa de espinhos". Encerrado consigo mesmo, com a sua própria parte de trevas e de luz, tudo o que lhe falta conquistar, fará uma utilização conquistadora dos seus dois mil dias na câmara negra de Longwood⁽¹⁴²⁾. Ele não organizará apenas a sua própria imortalidade, ao atirar aos escritores de todo o seu século as pistas do seu destino rescrito. Chateaubriand, Hugo, Balzac, Stendhall, mas ao ditar as suas memórias, ó força do verbo, ele ditará a sua lei ao tempo vindouro: o culto do eu, da República, fluindo no bronze das batalhas, e grava no mármore do Instituto o nascimento explosivo das nações. Contudo, no instante daquele dia, na ligeira humidade da sua cabina do Northcumberland, os seus primeiros sonhos de proscrito não são para amanhã, muito pelo contrário, embalados pelo movimento do barco que balança ancorado, semelhante à ligeira trepidação do Oriente em frente de Alexandria, que lhe falam de ontem, de outrora, quando ele ainda encarava a Terra como uma promessa.

*142. Cf. Jean-Paul Kaufmann, *La Chambre noire de Longwood*.

Quando Bonaparte desembarca em Alexandria a cidade não conta com mais de sete ou oito mil habitantes. Não é mais do que a sua própria sombra, vazia, abandonada aos cães e aos abutres. Flutua nas suas muralhas demasiado grandes. A vida enroscou-se nas ruas sujas dos soukes. Os soldados do exército da campanha do Egipto não escondem a sua decepção por não encontrar senão os despojos de uma cidade outrora ilustre e florescente". Do século VII ao século XVI, Alexandria estivera sob o jugo árabe. A sua prosperidade mediterrânica não se tinha esgotado num dia. Os viajantes legaram-nos a descrição de uma cidade ainda viva e atraente. Benjamin de Tudèle, na segunda metade do século XII observa belos edifícios na cidade, praças subterrâneas, o Farol e a Academia de Aristóteles contendo vinte colegas, separados uns dos outros por colunas de mármore, mas encontra sobretudo nas ruas da cidade povos de

todos os reinos da cristandade e de muitos outros países. Toscanos, lombardos, polacos, russos, alemães, franceses, etíopes, gregos, turcos... "Nesta cidade", escreve ele (145), "existe um grande tráfego de especiarias que são trazidas da Índia e adquiridas pelos mercadores cristãos. Cada nação possui nesta grande cidade comercial os seus armazéns, os seus mercados e as suas lojas, distintas umas das outras pelas mercadorias que negociam... Nesta cidade residem cerca de três mil israelitas. Mas o afundamento gradual da foz canópica do Nilo, a passagem das Cruzadas (146), a terraplanagem do porto e a perda do estatuto de capital,

*143. Joseph-Marie Moinet, capitão da 75.ª semibrigada de linha, in *Mémoires sur l'expédition d'Egypte*.

*144. Por esta vez, sem exemplo, lamento não estar de acordo com Forster que pretexta o contrário. As escavações de urgência, empreendidas por J.-Y. Empereur, puseram a nu numerosos restos de cerâmica, cuja abundância, riqueza e diversidade de proveniências (China, Marrocos, etc.) provam que a cidade ainda é próspera no século XV. O mesmo se depreende ao ler Ibn Jubayr (século XII), que fala de uma cidade rica, animada, onde reina a sabedoria, tão viva de dia como de noite, in *Voyageurs arabes*.

*145. Benjamin de Tudèle, in *Voyages*.

*146. Gillaumed Machaud, nascido um pouco antes do ano 1300, compôs uma Tomada de Alexandria, em honra de Pietre de Lusignan que dirigiu a expedição de 1365.

em detrimento do Cairo (147), conduziram a longo prazo à decadência da cidade, declínio que se prolongou durante o período turco, do século XVI ao século XVII. Depois da passagem de Bonaparte e de duas expedições inglesas, inicia-se a era de Mehemet Ali (1805-1848), um albanês nascido na Macedónia; tornado vice-rei do país, sob a autoridade do Sultão da Turquia, beneficiando de uma longa série de tumultos. Mehemet Ali, ao revoltar-se contra o seu soberano, invade a Síria, imiscui-se nos assuntos internos gregos, funda um reino cujo centro era Alexandria, reino em tudo comparável ao dos Ptolemeus (148), até ao momento em que a Inglaterra o obriga a limitar as suas ambições ao território egípcio. Mehemet Ali não fazia grandes distinções entre as finanças públicas e o seu porta-moedas. Pode mesmo afirmar-se que uma das suas obsessões foi apoderar-se em proveito próprio de todo o país. De resto, foi ajudado nesse sentido por certos cônsules, que ele tornou nos seus agentes comerciais e a quem pagava à comissão, concedendo-lhes licenças de exportação de produtos egípcios que começavam a estar em voga nos hotéis de Hampstead ou da avenida Saint-Germain. Mas o seu instinto de proprietário, o sentido dos seus interesses, a sua autoridade (tratava-se de um antigo cobrador de impostos) e o seu espírito empreendedor foram afinal de contas benéficos para a cidade de Alexandria e seus habitantes. Ali, o construtor, mandou construir um canal de setenta e dois quilómetros denominado Mahmoudieh, seguindo o

traçado do antigo canal de Canopo, que ligava Alexandria ao Nilo. Deve-se ainda a este alegre empresário - que tinha ambições militares - a via férrea até ao Cairo, as docas, os arsenais, novas muralhas, a praça dos consulados e o palácio de Ras el Tin, dominando o porto e o mar, emblema da nova Alexandria ad Aegyptum, do regresso do dinheiro dos estrangeiros e do poder.

Mehemet Ali podia fumar cachimbos engastados de diamantes, tinha logrado a sua ressurreição de Alexandria. Jean-François Champollion, o tradutor dos hieróglifos, entra na cidade

*147. Transferência decidida pelos califas tulunidas no final do século x.

*148. Forster.

89

montado num burro em pêlo a 28 de Agosto de 1828. Que nos transmitem as suas primeiras impressões (149)? Uma salsada de povos... Uma verdadeira aparição dos antípodas, e encontramos-nos de repente num mundo novo onde nada se assemelha a nada do que já conhecíamos... Homens de todas as cores... Cônsules... Camelos atados em fila... Um cego que estende a mão e diz «Bom-dia, cidadão"... E as marchas da República tocadas pelos tambores e pífaros de Mehemet Ali. Uma agitação que o encanta antes de abandonar a cidade à vela, pelo canal Mahmoudieh, obra pública de primeira necessidade, segundo ele, e construída por cem mil homens requisitados nas províncias vizinhas e que para aqui vieram trabalhar com as suas mãos, já que havia falta de ferramentas e de máquinas. Apenas três curtas dezenas de anos mais tarde, a 23 de Fevereiro de 1855, é o autor de Alexandre, o Macedónio uma peça representada pela Comédie-Française um pouco antes da revolução de 1848, quem desembarca no cais de Alexandria: o conde Joseph-Arthur de Gobineau, antigo chefe de gabinete de Alexis de Tocqueville, ministro dos Negócios Estrangeiros e primeiro secretário da embaixada enviada ao Oriente pelo seu ministério. O seu primeiro movimento é o de lamentar o rosto demasiado moderno da cidade: "Alexandria não é um canto abençoado pelo céu. Existem muito poucas antiguidades. Existem demasiadas casas e mesquitas interessantes. As ruas habitadas pelos nativos são pura e simplesmente miseráveis; e principalmente estes edifícios enormes, estúpida e pretensiosamente sarapintados de amarelo, que na Ásia são denominados casas europeias; horrível imitação das mais mesquinhas invenções da Itália moderna, assomam em número elevado (150). A decepção de Gobineau - reencontrar a Europa ao procurar as Mil e Uma Noites - está à altura do sucesso do albanês que reinava naquele tempo no Egipto. O diplomata, escritor e homem do mundo, deveras cáustico,

*149. Jean-François Champollion, *Lettres et Journaux écrits pendant le voyage d'Egypte*.

*150. In *Trois ans en Asie*.

procura consolar-se no espectáculo dos camelos: na praça dos Cônsules, exultante apenas do alinhamento desses edifícios amarelos que acabo de mencionar. . . o que se vê Passar a cada instante e ao longo de todo o dia, isso é que merece elogios. Longas filas de camelos.... Ele acaba por abandonar Alexandria e parte para o Cairo, reconhecendo que no somatório das grandes obras e dos benefícios a dinastia de Met Ali imita a dos Faraós, divertido por ter avistado da janela do seu hotel, o Hotel Peninsular e Oriental, um circo de árabes, gregos, europeus e abissínios (com camelos), mas lamentando-se de se ter cruzado em Alexandria com toda a escória do mundo civilizado, especuladores expulsos das suas terras pelos meirinhOs dajustiça civil... antigos criados que abandonaram os seus patrões para procurar fortuna... aventureiros cujos deuses domésticos são o acaso e a audácia... sem falar do refugo social, como os antigos soldados do exército de Bonaparte (151) O desenvolvimento de Alexandria prossegue depois da morte de Mehemet. Em 1863, a Guerra de Secessão faz disparar o preço do algodão egípcio. Ismael, sucessor de Mehemet, moderniza o porto. O algodão garante de novo a riqueza da cidade e permite-lhe a supremacia sobre Porto Saide.

* * *

Alexandria pode sem complexos candidatar-se à organização dos Jogos Olímpicos(152) e declarar ao mundo que ela é a rainha do Mediterrâneo. A noite foi abolida dos novos cais iluminados pela electricidade, pela projecção de imagens animadas pelos irmãos Lumière(153), fatos de corte londrino e vestidos franceses nas lojas da rua Chérif Pacha,

*151. Trois ans en Asie e l'ettre de Gobineau a Prokoesch-Osten, de 3 de Março de 1855. De facto Gobineau parecia ter uma raivaespecial contra os são simonianos Kcujo esforço, por mais trapalhão que fosse teve um papel importante no Egipto entre 1833 e 1855, nota de Jean Galmier à edição das Obras de Gobineau.

*152. Na véspera da Primeira Guerra Mundial.

*153. A 6 de Novembro de 1896, ou seja menos de um ano depois da primeira projecção pública organizada em Paris.

chocolate e loukoums em taças Lalique no Baudrot, efervescência epiléptica em torno das duas salas onde se reúnem os agentes de câmbio da Bolsa - valores e contratos de algodão - passeios sob os sicómoros do Mahmoudieh, o oriental touch (154) das faluas de velas brancas, o vôo da fumaça das locomotivas em Gabbari, o bando dos indigentes e do álcool ingerido pelos operários nas tabernas de Minet-el-Bassal, desordens, orgias da barbárie, rosário de alegrias e

tristezas, propagandas nacionalistas, conspirações de esperança em torno do partido Wald, saadzaghoulismo, pacotes das Messageries Maritimes e da Fabre Line, reuniões de cabeças e pastas - Menasce, Ralli, Aghion - na Alexandria General Produce Association, jantares de smoking nas moradias da rua Fouad - portões com as armas estilo Versalhes, tapeçarias Liberty, tapetes Baktiari, tapeçarias Gobelins, frescos Sezessionstil, contadores de curiosidades, animação, poesias satíricas e palavras espirituosas de Raoul Wilkinson(155) e Revue des Deux Mondes sobre o mármore branco das mesas de pé de alog uma last drink (156) com os oficiais do Union Club, finais

de noite com atrações e striptease na torre Eiffel. Está tudo no seu lugar - o cenário, os maquinistas, os figurantes, os actores -, para a entrada da fanfarra do século xx nas ruas da velha cidade renascida, e a palavra de ordem é repetida e sabida de cor, o feitiço lançado pelo quediwa Ismael retomado cada dia em coro pela grande orquestra (maestro judeu) das comunidades que partilham a mesma mesa da mesma cidade: o Egipto faz parte da Europa, Alexandria é o posto avançado do continente europeu (157). Durante todo esse tempo um empregado da

Companhia das Águas pensa que o amanhã já existe sob o nome de ontem e que existem outras chamas além das bolas de cristal de onde brotam todas as noites as luzes eléctricas sobre os passeios do Cais Novo. Os seus poemas, escritos em folhas soltas,

*154. Em inglês no original, significa Htoque oriental. (N. da T.)

*155. Boémio, poeta e figura do mundanismo alexandrino, praticamente nada publicou. Morreu em 1944 com oitenta e oito anos.

*156. Em inglês no original, significa uma derradeira bebida (N. da T.)

*157. Citado por Jacques Hassoun, "Os judeus, uma comunidade de contrastes", in Alexandrie 1860-1960.

92

desenham em segredo a outra verdade da cidade, o past present (158), o fio de ouro da passagem dos séculos. Esta história enterrada, que ele confessará apenas no círculo dos amigos mais íntimos, correrá como um raio de luz e atrairá outras vozes. Tinham existido diversas cidades nas margens do Rakotis desde Alexandre. A cidade espiritual, a cidade desaparecida, a cidade regressada, a cidade das ruínas e a das ruínas impossíveis de encontrar, a capital da memória. Tendo desaparecido a alma dessas cidades, só ficam as palavras. Literatura, o nosso céu...

*158. Em inglês no original, significa o tempo do verbo passado. (N. da T.)

93

OPERAÇÃO CAFODU

O disco encarnado do sol não tardaria a esconder-se mas os seus derradeiros raios ainda incendiavam as fachadas movimentadas viradas ao mar. Um homem com uma expressão aborrecida, um pouco fugaz, com os planos do rosto ensombrados e interceptados acima dos olhos por espessas sobrancelhas - dois grossos traços curvos de carvão -, vestindo um uniforme de oficial, um escudo da Cruz Vermelha na manga da camiseta, caminhava sem destino ao longo do Cais Novo. Uma verdadeira armada estava fundeada na baía do porto oriental. Cruzadores e barcos de transporte de tropas da Royal Navy, mas também steamships(159) que faziam a ligação entre a cidade e outros continentes e outras cidades como Nova Iorque, Marselha, Melbourne. O olhar do oficial poisou demoradamente num paquete que aquecia, de partida para Bombaim, e recordou-se dos seis meses que passara na Índia, antes da guerra.

Chegara a Alexandria apenas há algumas semanas e não podia deixar de comparar a Índia a esta cidade cosmopolita e plana

*159. Em inglês no original, significa "navios a vapor". (N. da T.)

95

onde tinha desembarcado quase por acaso, como voluntário da Cruz Vermelha, pura e simplesmente porque decidira que, ainda que esta guerra não fosse sua - nem dos seus amigos de Bloomsbury:

Lytton Strachey, Dora Carrington, John Maynard Keynes - e ainda que o impedisse de escrever os seus romances, não era de modo algum conveniente que ele permanecesse em Londres a redigir notícias para os catálogos da National Gallery, enquanto os seus contemporâneos caíam como tordos nos lamaçais brancos de Champagne ou nas margens dos Dardanelos. O porto já se encontrava envolvido pela sombra projectada por Kait-Bey, mas o crepúsculo ainda polvilhava de uma auréola coralina as casas que desapareciam em direcção aos rochedos de Silsileh. Os campanários de Santo Anastácio ou do Convento de Santa Catarina perfilavam-se num céu de uma pureza pungente. A esta cidade falta-lhe mistério e romantismo, disse o passeante de si para si, aliás bem perto de partilhar a opinião despeitada de Chateaubriand sobre Alexandria, mas eu sou obrigado a reconhecer que ao pôr-do-sol o Egipto tem mais qualquer coisa que a Índia. Forster avançava levado pela multidão que formigava à sua volta, marujos britânicos, comerciantes sírios ou arménios, gregos eminentes, burgueses e mendigos egípcios, crianças italianas, todos atraídos ao mesmo tempo para o molhe para gozar a serenidade do crepúsculo, quando de repente alguém gritou:

- Forster! Forster!

Reconheceu de imediato o seu amigo Péricles Anastassiades, um homem de negócios grego, amante de pintura e a quem ele dava algumas lições de inglês.

- Tenho um encontro com o Cavafis - exclamou Anastassiades -, quer vir comigo?

Forster era um escritor conhecido desde que publicara, em Londres, Howards End e Quarto com Vista. Desde que chegara, no outono de 1915, nunca mais deixara de ouvir falar deste homem

que escrevia em grego, sempre vestido de escuro, dotado de uma notoriedade misteriosa, quase clandestina, e cujo nome alguns admiradores sussurravam como um segredo. Ele sabia através de múltiplas confidências que Cavafis distribuía os seus poemas aos seus amigos em folhas soltas e animava as tardes de intelectuais e escritores, onde se conversava até de madrugada das últimas obras publicadas em Londres, Paris ou Atenas. Forster contou como, depois deste primeiro contacto, encontrou de vez em quando Cavafis na rua. "Não podemos de modo algum considerar que a Alexandria dos nossos dias seja uma metrópole do espírito. Fundada no algodão, ao qual as cebolas e os ovos fazem concorrência, mal construída, mal planeada, mal equipada - podemos criticá-la de diversas e severas maneiras, e os seus habitantes não se privam de as formular quase todas. E, no entanto, ao cruzar as ruas, os seus habitantes são por vezes invadidos por uma sensação deliciosa. Ouvem o seu próprio nome proclamado por uma voz firme e todavia meditativa, uma voz que parece aguardar menos uma resposta do que prestar homenagem ao princípio da individualidade. Voltam-se e deparam com um cavaleiro grego, de chapéu de palha, de pé, completamente imóvel, numa posição ligeiramente oblíqua em relação ao resto do Universo. É possível que ele estenda os braços. «Oh, Cavafis...!». Sim, é o senhor Cavafis; quer quando ele se desloca do seu apartamento para o seu escritório, e desaparece mal o vemos, com um fugaz gesto de desespero, quer quando vai do escritório para o apartamento, e podemos ter a sorte de ouvi-lo comentar uma frase, uma frase interminável, complicada e todavia equilibrada, cheia de parêntesis que nunca se enredam e de subentendidos que realmente se subentendem, uma frase que se encaminha logicamente para o final antecipadamente pressentido e cuja conclusão é sempre mais brilhante, mais imprevista do que se esperava. Por vezes, a frase termina na rua; outras vezes, morre de morte violenta, vítima do tráfego intenso; outras ainda, prolonga-se até ao seu apartamento. Fala das pérfidas manobras do imperador Alexis Commène em 1096, ou das azeitonas, da facilidade com que se vendem e do preço que atingem, ou do destino de alguns amigos, ou de George Eliot, ou dos dialectos da Ásia Menor. Esta frase é pronunciada com a mesma fluência em grego, em inglês ou em francês.

96 - 97

E, apesar da sua riqueza intelectual e da sua profundidade humana, apesar da sagaz bondade das suas apreciações, sentimos claramente que esta frase ocupa ela mesma uma posição ligeiramente oblíqua em relação ao resto do Universo: é a frase de um poeta (160)...

* * *

Os deslizos de uma frase hipnótica tinham conduzido rapidamente Forster até ao apartamento de Cavafis. O britânico depara então com um interior sombrio e lúgubre, que lhe parecera muito oriental. Impressão mais vincada ainda porque Cavafis não tinha electricidade e à noite alumia-se com uma vela. Durante uma das suas primeiras visitas, Forster

interrogara Cavafis quanto à sua poesia, mas Cavafis tinha-o interrompido, dizendo:

- Você nunca poderá compreender nada da minha poesia, meu caro Forster, nunca.

O comentário não impedira os dois homens de se debruçarem juntos sobre o manuscrito de A Cidade e Forster, ao reunir todos os seus conhecimentos de grego adquiridos na escola primária, conseguira ler com sucesso certas passagens do poema: Dizes: Irei para outros países, para outras margens. Acabarei por encontrar outra cidade, melhor do que esta.... Cavafis encarara de imediato Forster com outros olhos e exclamara:

- Mas é excelente. Mesmo muito bom, garanto-lhe.

A amizade deles nasceu assim, fortalecida com o decorrer dos dias por uma estima recíproca e crescente. É em nome dessa amizade que Cavafis oferece as chaves da sua casa a Forster, a quem a Cruz Vermelha deixava cada vez mais tempo livre. Ele ajuda-o a ver, ainda mais que é bem verdade que "a qualquer visão", como escrevia Plotino, "é necessário um olhar adaptado ao que deve ser visto". Forster assim preparado pode então entregar-se, sem medo, ao encanto poderoso daquela cidade, ao qual resistira até então, e aperceber-se,

*160. In Pharos et Pharillon.

98

segundo ele próprio confessou, ainda toda a magia, toda a antiguidade, toda a complexidade. A partir de 1917 publica no The Egyptian Mail aquilo que ele denomina as vinhetas de Alexandria. Em 1922, perspectiva num livro publicado em Londres por Hogarth, intitulado Pharos et Pharillon (161), uma sùmula das suas impressões de Alexandria e esboça um primeiro retrato da cidade enquanto cidade espiritual. O último capítulo é consagrado a Cavafis que ele dá a descobrir aos seus leitores ingleses - entre os quais se destacam Stephen Spender, W. H. Auden e Lawrence Durrell. Alguns anos mais tarde, Forster publica um guia de Alexandria, aquele que nunca me abandonava enquanto eu deambulava pelas ruas da cidade, o meu pequenino livro azul de peregrino de Alexandria. A primeira parte do livro termina mais uma vez com uma homenagem a Cavafis. O romancista nunca cessa de pagar a sua dívida de reconhecimento para com o poeta. Por alturas do primeiro encontro deles, Cavafis, com cerca de cinquenta anos, já tinha escrito alguns dos mais belos poemas, dos quais ele enumerará uma lista cronológica. É assim que sabemos que Os Deuses abandonam António, verdadeira exortação à coragem e à virtus, onde encontramos, como aliás no cerne da sua obra, uma mistura indissolúvel de sentimento, conhecimento e pensamento (Séféris), data de 1911.

* * *

"Quando escutares, ao bater da meia-noite, uma multidão invisível passar com músicas delicadas e cantos, não te lamentes realmente da tua Fortuna que por fim foge, das tuas

obras goradas, dos teus projectos que se revelam todos ilusórios. Como um homem corajoso que estivesse desde há muito pronto, saúda Alexandria que desaparece. Não comentes principalmente esta imperfeição:

*161. O Farol e o Farolim. (N. da T.)

99

Não digas que a tua audição te enganou ou que tudo não passou de um sonho. Desdenha dessa esperança vã... Aproxima-te da janela com passos firmes, como um homem corajoso que estivesse desde há muito pronto; deve-lo a ti próprio, tendo sido julgado digno de tal cidade. Emocionado, mas sem te entregares às orações e às súplicas dos cobardes, escuta uma última vez com prazer o som dos instrumentos delicados da multidão divina, e saúda Alexandria que perdes (162)»: Os deuses abandonam António.

* * *

Mas no final de contas quem era este homem, inimigo dos ornamentos, este ourives da concisão, que escrevia na fronteira da poesia e da prosa, e cujos textos revelam uma intensa emoção, "a emoção", escreve o poeta grego Georges Séféris, "que sentiríamos perante a visão de uma estátua que já lá não está (163). Cavafis deu de si próprio algumas indicações biográficas a uma revista alexandrina publicada em 1924, a Née Techni: "Eu sou natural de Constantinopla mas nasci em Alexandria numa casa da rua Chérif; deixei essa casa quando era muito pequenino e passei uma notável parte da minha infância em Inglaterra. Já adulto visitei de novo este país, mas por pouco tempo. Passei igualmente uma temporada em França. Quando eu era jovem, residi dois anos em Constantinopla. À Grécia, há muitos anos que lá não vou. O meu último trabalho profissional foi o de empregado numa repartição governamental dependente do Ministério das Obras Públicas do Egipto. Sei falar inglês, francês e um pouco de italiano".

Ainda que não nos esqueçamos, de que o essencial do que

*162. Tradução livre deste excerto de Poemas, de Constantino Cavafis, traduzidos para francês, segundo o autor deste livro, por Marguerite Yourcenar e Constantin Dimaras. (N. da T.)

*163. Georges Séféris, in Cavafis et Eliot, un parallèle.

100

a sua vida podia conter em si de luz e de lucidez estóica, ficou depositado em folhas soltas - espelho inconsciente onde o poeta desenhou o seu auto-retrato e onde ele surge por vezes tal como nele mesmo, por fim, a eternidade modifica-o -, é preciso ousar remexer algumas recordações nebulosas da sua

modesta existência, comparável em mais do que um ponto à que conduziu Pessoa na mesma época a Lisboa, outra capital à deriva. Nascido em 1863 em Alexandria, Cavafis morreu nesta mesma cidade em 1933. O seu pai, natural de Constantinopla, tinha fundado em Londres uma empresa lucrativa, por bastante tempo, de importação e exportação de algodões egípcios, a Cavafis Brothers Ltd, antes de casar com a filha de um diamantista grego de Pera, ligado à aristocracia fanariota. A fortuna e depois a ruína do seu negócio fixam a família do poeta em Alexandria, apesar de um regresso passageiro às margens do Bósforo, após alguns tumultos xenófobos no Egipto. Cavafis, jovem alexandrino, frequenta o mui elegante liceu Hermès e não tem ainda vinte anos quando começa a redigir um dicionário histórico que interrompe quando chega à palavra fatal Alexandre. Após alguns trabalhos de jornalismo, é contratado e depois ascende a chefe de gabinete do Ministério da Imigração. Um dos seus colegas confessou ao seu biógrafo Robert Liddell(164) que o interesse dele pelo trabalho era limitado: Nunca andava de elevador para evitar que o vissem, quando estava atrasado. Subia as escadas com um ar pensativo, pronto a dar uma explicação plausível caso alguém o surpreendesse. Estava sempre aborrecido com o chapéu. Se encontrasse um contínuo na escada, pedia-lhe que o pendurasse no seu gabinete antes que ele lá chegasse. Naquele tempo vive com a mãe, que adora e acompanha sempre que pode ao Clube San Stefano ou ao Sporting, para partidas de whist ou de trinta-e-um, e providencia-lhe uma vida decente, sendo por vezes bem sucedido na Bolsa. Mais tarde, ocupa um apartamento situado numa rua discreta mas central, a rua Lepsius,

*164. Cf. Robert Liddell, Cavafy, a critical biography.

onde trabalham algumas prostitutas, e que os amigos ingleses de Cavafis tinham baptizado de rua Clapsius, ou seja, Chaude-Pissius(165). "Onde poderia eu encontrar melhor sítio para morar?", escreve ele. "No princípio da rua há um bordel, que satisfaz as necessidades da carne. Depois, há a igreja que perdoa os pecados. E mais ao fundo o hospital onde se morre.". Mas as relações de Cavafis com as prostitutas da rua Lepsius, já vo-lo disse, nunca iam além de "bom dia, boa noite".

* * *

A rua Lepsius já perdeu, infelizmente, a sua má reputação e aliás até se chama rua Sharm-el-Sheick. Popular, estreita, inundada de sol, quando a atravessamos cruzamo-nos apenas com honestas donas de casa, mecânicos que arranjam velhas carripanas desfeitas nos passeios e artesãos de marroquim ou marceneiros que possuem lojas no mais puro estilo do bairro suburbano de Saint-Antoine. O apartamento de Cavafis foi transformado em museu, e das duas últimas vezes que lá estive cruzei-me na escada com grupos de jovens gregas, que seguiam um guia, que agitava uma bandeira com a efígie do poeta e soltava gritinhos agudos, semelhantes aos que encontramos no

Père-Lachaise em volta do túmulo de Jim Morrisson. Algumas relíquias - a sua cama de cobre, ícones, ânforas -, oferecem-se à curiosidade do visitante. Também uma carta de Marguerite Yourcenar, que o fez descobrir pelo público francês: "A sua sobriedade, a sua intensidade tão visível prenderam-me muito; e fiquei bastante orgulhosa por ser uma das suas primeiras tradutoras". As janelas do santuário abrem-se sobre telhados de chapas de ferro cobertos de gravatas e de imundícies. Teria Cavafis o direito à mesma paisagem de descarga pública quando abria as suas janelas? Sim, a crer em Séféris que, desde 1953, depois de ter ele próprio visitado pela primeira vez o apartamento do poeta,

*165. Em tradução livre "mijo feroso ou arrebatado. (N. da T.)

102

escrevia que até então nunca compreendera porque Cavafis tinha composto a sua obra tomando igualmente em conta semelhante desgraça.

* * *

O Elite, o restaurante de madame Christina, situa-se a dois passos da rua Sharm-el-Sheick, mas não é apenas por comodidade ou por reconhecimento - foi Christina que, aquando da minha primeira estada em Alexandria, talvez estejam recordados, quem pediu a um dos empregados para me conduzir a casa de Cavafis - que passo lá sempre para saudá-la após cada uma das minhas visitas rituais às sombras e aos objectos do apartamento-museu, mas, apenas pelo prazer de a ouvir contar uma vez mais o seu encontro com Cavafis, um dia em que tinha ido comprar sapatos com a sua mãe:

- Eu tinha seis anos, não era muito longe daqui e eu tive muito medo porque pareceu-me ver passar um baboula, quer dizer, uma personagem que assusta as crianças. Cavafis vestia uma capa de seda preta, um lenço encarnado em volta do pescoço, e caminhava com as mãos atrás das costas. Lembro-me de um homem muito magro, de nariz aquilino, cabelos negros com fixador, de uma elegância bizarra, mas vestido à inglesa, muito irónico, e que falava consigo mesmo.

Descrição que ela começava e recomeçava várias vezes na sombra fresca do restaurante, sempre com a mesma convicção, Christina fazendo o papel de uma poetisa, fazendo furor na sua capa de Sexta-Feira Santa, e a criança que ela foi, crucificada pelo sorriso desta aparição e pelo seu balbuciar que não dirigia a ninguém.

* * *

Quando não fala sozinho na rua, quando não escreve, quando não aparece no escritório, quando não está entretido com as suas pequenas transacções na Bolsa,

Cavafis erra nas ruelas sem sol em busca de jovens e de prazeres clandestinos: "Olhei tão fixamente a beleza que os meus olhos estão repletos dela". Ou então promete reformar a sua vida, observa da sua varanda um pouco do movimento da rua e das lojas, entra em igrejas e os seus pensamentos recordam a gloriosa época bizantina.

Galanteador, familiar e altivo, talvez um pouco presumido, demora-se nos pequenos cafés dos fumadores de narguilé, atravessa a porta de casas frequentadas por jovens desconhecidos ou de reputação duvidosa (166). E lê. Vi uma vez, no consulado grego, os livros da sua biblioteca e reparei nos nomes dos seguintes autores: Gibbon, Michelet, Renan, Milton, Fontenelle, Molière, Taine, Thiers, Macaulay, Ruskin, Thomas Hardy, Stendhal, Musset, Robert Browning e Anatole France. Apreciava o romance francês, cuja acção se desenrola em Alexandria, Thais, em prejuízo dos seus amigos, entre os quais o romancista grego de Alexandria, Stratis Tsirkas, por quem não desdenhava ser louvado. Era um homem que adorava respirar a atmosfera da sua cidade, ora cosmopolita ora provinciana, ainda imponente mas que levava no rosto as correntes de uma fadiga secular.

* * *

Os seus olhos de poeta encontraram na agitação do presente as cores e as paixões do passado. Conserva o ouro dos nomes perdidos na poeira dos caminhos. É um vidente ao contrário, que só prediz o futuro lendo o passado nas linhas da sua própria mão. As suas conversas dirigem-se tanto a Marco António, a Aquiles, a Pátroclo ou a Neptuno quanto aos seus contemporâneos. Passeia-se nos cemitérios, retém as estátuas, decifra os epitáfios gravados no mármore dos túmulos. Debruçado sobre o rosto das estátuas jacentes,

*166. Marguerite Yourcenar, apresentação crítica da obra de Constantino Cavafis.

como um homem que busca no céu a luz de estrelas mortas, vê o sangue pulsar nas suas veias de pedra. Todas as vibrações da cidade lhe falam de uma humanidade onde ainda se cruzam as sombras vivas do mundo tal como foi criado pelas explorações de Alexandre. O seu espírito percorre a vastidão de um reino infinito, país de sepulcros e de muralhas arruinadas, cujas fronteiras se perdem para lá das últimas aldeias persas, em Bactriana, até às Índias e na Gedrósia (167). Alexandria formou-o. Ele uniu todas as metáforas, todas as presenças. Ele é o contemporâneo de Alexandre, como de Ptolemeu, como de Cesarião. Mil ecos epopeicos cruzam-se nesta alma, atormentada e que não quer deixar-se ver... Descobrimo-lo à noite, sentado na penumbra, alumado pela luz ténue das velas. O silêncio só

é levemente agitado pelo sussurro de um rosário a ser desfiado. O poeta possui um não sei quê de eclesiástico... Deseja viver no mistério e criá-lo à sua volta (168)».

* * *

Em 1932, um cancro da laringe conduz a Atenas o poeta que só pendurava nas paredes espelhos esmaecidos para não se ver envelhecer. Suspira: "E pensar que ainda me falta escrever vinte e cinco poemas". Um ano mais tarde, entra em agonia, no hospital grego, próximo da rua Lepsius. O patriarca de Alexandria surge pela primeira vez à porta do quarto dele para lhe levar o conforto da Igreja, sem que Cavafis tenha sido prevenido. O poeta, que jamais renunciara à ortodoxia, recusa-lhe a entrada no seu quarto. O patriarca regressa algumas horas depois e é melhor sucedido e Cavafis recebe a santa comunhão, antes de entregar a sua alma às duas da manhã.

*167. Região compreendida, a sul do Beluchistão, o actual Mekran entre a velha Carmânia e a bacia do baixo Indo, a Dragiana-Aracósia e o Mar de Oman. Alexandre, descendo o Indo, resolve regressar pela Gedrósia, para descobrir se a costa asiática confinava com a africana e se o Indo era de facto um afluente do Nilo, como supunha, por conter igualmente crocodilos e flores de lótus. (N. da T.)

*168. Edmond Jaloux.

105

É enterrado na tarde do mesmo dia no cemitério ortodoxo. Com rosas no rosto e jasmins aos pés...

* * *

"Sem deferência, sem piedade, sem vergonha, ergueram à minha volta um triplo cerco de muralhas altas e sólidas.

E agora, eu mantenho-me quieto, desesperado, pensando apenas na sorte que me oprime.

Tinha tanto que fazer fora daqui! Ah! Como é que eu permiti que me emparedassem sem levantar um dedo?

Mas eu não me apercebi de nada: os pedreiros trabalhavam sem ruído, sem palavras. Imperceptivelmente, eles encerraram-me fora do mundo.

Muralhas.

* * *

Um poeta, uma cidade. Uma cidade, um poeta. A maioria dos alexandrinos tinham-no desprezado ou, o que pode ser ainda pior, ignorado. Ainda soa nos meus ouvidos a voz suave e melodiosa de uma grega de Alexandria, cujos seios mal cabiam no decote do seu vestido em falhe (169) champanhe, e que me sussurrava no seu salão de um fausto murcho:

- Mas, meu caro, nós nem sequer queríamos conhecer o Cavafis.

Bem raros foram os que quiseram escutar a sua tartamudez. O que mais poderia surgir no imenso tumulto da Europa totalitária do que um mero balbuciar (170)? Talvez tivessem desculpa?

*169. Tecido grosso de seda. (N. da T.)

*170. Georges Ségur.

106

A urgência do momento chamava-os e a Cavafis bastava-lhe fazer circular os seus poemas em folhas soltas, impressas na casa Sassimatis e Ionas, que ele apenas distribuía com prudência a alguns discípulos (171). E contudo se houve alguém que recolheu no meio do frenesim da cidade e do século nascente o eco da poesia primordial da nossa vida, como uma música longínqua que soa na noite foi realmente ele. Cavafis devolveu à velha cidade, presa sob a branda carícia dos ventos da Ásia, no incessante movimento dos seus renascimentos e das suas expirações, recordações talhadas no mármore das estátuas de Alexandre, e disso sobrou alguma coisa.

* * *

Fora a Primeira Guerra Mundial que conduziu Forster a Alexandria. Trinta anos mais tarde, é uma nova guerra que empurra Lawrence Durrell para o Egipto. Ele acabava de passar algumas semanas na companhia do seu amigo Henry Miller em Corfu, numa pequena aldeia de pescadores denominada Kalamí. Etapa importante na vida do escritor, porque prepara a sua entrada em Alexandria. É a primeira das suas experiências gregas (o âmago do futuro Quatuor) e Corfu, esta ilha de facto mais italiana do que grega, mais marcada por Veneza, que "reinava sobre centenas de ilhas (172)" até ao fim das caravanas que demandam Atenas, foi para Durrell a porta do Oriente. Há alguns anos, num belo dia de Junho, fui até essa aldeia, ainda não completamente destruída pela civilização do turismo. A casa onde Durrell viveu tinha sido transformada num modesto restaurante que só servia peixe. O terraço da White House - já era assim denominada no tempo de Durrell -

*171. Cavafis encontra-se acessível em francês na tradução já referida de Yourcenar e Dimaras, mas igualmente na de Sócrates Zervos e Patricia Portier e na tradução de Henri Deluy. Ségur fala de Cavafis no seu livro Pages de journal. M. Risca consagrou um livro ao Pensée politique de Cavafy.

*172. Byron, in Childe Harolds Pilgrimage.

107

levemente sobrepujado sobre o mar, na angra de uma pequena enseada, sob uma espessa camada de bordos, onde os pâmpanos das parreiras enlaçavam os cachos cor de malva de uma exuberante glicínia.

Apercebi-me imediatamente de que havia sobre um pilar, no interior da casa, uma fotografia a preto e branco, muito bonita, de Durrell quando jovem, debruçado sobre um manuscrito, numa atitude pensativa, com a testa apoiada no punho fechado. Tomei alguns copos de vinho rosé, turvo e frutado, antes de perguntar ao dono se tinha conhecido Durrell.

- Não, foi o meu avô, Ataneios, um homem que vivia da pesca e das suas azeitonas, quem Lhe alugou esta casa, um antigo lagar.

Naquela época havia pouco mais do que uma dezena de famílias em Kalami. E eram todos pescadores. Mas o velho já morreu há algum tempo...

O sol acabava de desaparecer por trás de um monte de oliveiras.

Parecia-me que bastava estender o braço para tocar as colinas fulvas da costa albanesa, tingidas de dourado róseo pela luz do entardecer.

Um velho entrava no porto num barco, remexendo levemente a água com os seus remos. Nem uma onda enrugava a superfície do mar. Não tive qualquer dificuldade em imaginar a vida que Lawrence Durrell aqui levaria, antes de ser expulso da Grécia, para Alexandria, pelas febres torturantes da guerra. Miller contou no Le Colosse de Maroussi a vida permissiva que ambos tiveram, aquelas últimas horas de paz na apoteose do verão grego. Durrell e a mulher, que viviam na água, como golfinhos. A navegação perto da costa no caiaque de uma condessa de olhos de azul safira que levava com ela os melhores vinhos da sua cave. As tardes no terraço da White House a cantar e a beber. Cada dia como uma canção. Depois da América e da descida aos infernos dos trópicos, depois de Paris e do que Anais Nin tinha denominado a "lenta agonia do seu ego", e em contacto com a amizade de Durrell, Miller tinha-se submetido à luz purificadora do Oriente e tinha observado o seu horizonte até ao infinito. "A terra grega", escreveu ele naquele tempo, "abre-se diante de mim como o Livro das Revelações". Mas a guerra de que fugia agarra-o, sem realmente o comover. O exército grego é mobilizado. Uma desordem de camiões com coberturas de lona e de uniformes apodera-se das ruas de Corfu e Durrell não fala senão em se alistar do lado dos Gregos para se bater contra os Italianos na fronteira albanesa. O canhão dos soldados de artilharia da Wehrmacht interrompe as suas férias grandes. Toda a gente parte para Atenas, para se abrigar. Para Miller é a continuação da viagem. Volta a encontrar-se com Séféris o mais asiático dos gregos, assinante do Jazz-Hot, depois Poros, "que o mundo pague o seu banho de sangue", escreve Miller então "eu agarro-me a Poros!", Hydra a pura, branca e azul, "Eu estou perdido por Hydra", Spetsai, o ainda não feliz exílio de Michel Déon, Epidauro, berço da paz do coração, Micenas a impenetrável, Cnossos o trampolim para a Pérsia e a Arábia. Países onde os deuses humanizaram os homens. Para Durrell é outra coisa. A sua partida de Corfu, em Outubro de 1939, sob um céu outonal onde rolavam crateras de nuvens, é a viagem mais lúgubre da sua existência. Hei-lo repentinamente enfrentando o seu destino.

Votado a um caminho errante que através de Alexandria e Chipre o conduzirá a Sommières.

A pequena enseada de Kalamí estava mergulhada na sombra da colina. Um grande ferry branco subia ao longo da costa albanesa, concentrando no seu casco os resquícios da luz do dia. O barco progredia numa auréola resplandecente, que dava à sua passagem o carácter de uma aparição. Eu não me tinha mexido no terraço da White House e olhava o barco coberto de sol a afastar-se, enquanto a lua subia no céu ainda claro, quando o proprietário daquele local me disse, enquanto me trazia uma nova garrafa de vinho rosé, que o seu avô Ataneios nunca tinha conhecido um amigo mais querido do que Durrell e, então, recordei-me de que em Sommières, Durrell me tinha contado como, na ocasião do seu último encontro com Miller, em Big Sur, eles tinham passado um dia inteiro a reconstruir as suas vidas que estavam no fim, começando no tempo em que ambos não passavam de dois escritores famélicos que passavam as noites a beber, sob o luar complacente. "Depois de Corfu", acrescentara, "os nossos caminhos não tardaram a separar-se. Sabe, um ano depois eu chegava a Alexandria. Mas foi apenas de passagem".

109

* * *

O homem que eu encontrara em Sommières, perto de Nimes, em 1984 era um estranho personagem de pantufas e calças de veludo.

Um rosto bonito, magnífico mesmo, cabelos brancos, pele espessa e pardacenta, pisada por cicatrizes de fadiga. Tinha-me confessado sonhar frequentemente com o Tibete ao olhar os vinhedos pela janela da cozinha. "Sou um pobre romancista inglês", dissera-me, "porque a minha vida chegou ao fim... Se eu não me excedo agora...". Interrompera a frase para mudar de lugar uma bomba de Fly-Tox e uma caixa de Nescafé sobre a pedra da chaminé.

"Não tenho mais nada a dizer, nada de sério pelo menos, vou divertir-me, fazer parvoíces...".

A sua existência começara na Índia, a 12 de Fevereiro de 1912. "O meu pai era inglês e a minha mãe irlandesa. Tementes a Deus, joviais, protestantes rebeldes, eis a minha linhagem(173)".

O seu pai, engenheiro, tinha participado na construção da fábrica de aço de Tata, posteriormente na construção de um caminho de ferro, que se tornou bem depressa lendário, por escalar os primeiros contrafortes dos Himalaias até Darjilingue. "Até aos onze anos tenho memórias maravilhosas. Branco, branco, os Himalaias da janela do dormitório... As fendas azuladas nas colinas - meu Deus, que sonho! - os vales de um azul cristalino que conduziam a Lassa.

Na orla do Tibete vivi tão feliz como uma criança embalada nos braços da sua mãe". Nos degraus deste paraíso concreto, Durrell tinha tido pela primeira vez a percepção do seu futuro e anunciou a um dos amáveis jesuítas do seu colégio que seria escritor. A sua educação prosseguiu no Reino Unido,

*173. In Une correspondance privée.

onde conheceu os poetas isabelinos e experimentou o pugilismo. É um desenraizado melancólico e desajeitado. Depois embrenha-se na boémia de Bloomsbury, o quartel general dos excêntricos britânicos. Um primeiro romance na forja, o encontro com Nancy, que se arvorava em Greta Garbo, alguns trabalhos como pianista de bar e o desejo que começa a espicaçá-lo de abandonar Inglaterra, aquela pequena ilha, atroz e mesquinha. Um amigo fala-lhe de Corfu como de um paraíso a preços módicos. Ele corre para Kalami. Reencontros com a luz, conversas com alguns deuses do Olimpo, disfarçados de pescadores de grandes bigodes, chegada de Miller e garrafas de retsina (174) a seis dracmas (175).

* * *

Em 1941 os nazis invadem a Grécia. Blitzkrieg, once more(176). Larry, Nancy (a falsa Garbo) e Penélope, a filha deles (como o tempo passa), abandonam o país entre dois bombardeamentos. Em Creta, associam a sua miséria à de uma multidão resignada. Cenas de êxodo. Algumas centenas de fugitivos conseguem embarcar num navio de carga. Entre eles encontra-se o rei da Grécia, Lawrence Durrell e respectivas famílias. Destino: Alexandria, via Beirute. Primeiras impressões. O farol passeia os seus olhos vazios sobre uma costa plana, arenosa e imprecisa... Nos seus crepúsculos estivais, a cidade repousa numa confusão de tons pastéis, com leves veios, como uma pétala murcha. Bandos de pombos volteiam nos derradeiros lampejos do crepúsculo, revolteiam e caem, como uma chuva de papelinhos de carnaval, quando a luz incide nas suas asas. Último marco de África. Os navios de guerra, semelhantes a flechas pretas, viram lentamente no porto. O refugiado limita-se a atravessar a cidade em direcção ao Cairo. Regressará.

*174. Fruto a partir do qual os Gregos fazem uma bebida alcoólica forte. (N. da T.)

*175. Unidade monetária da Grécia moderna. (N. da T.)

*176. Em inglês no texto. Significa "O Blitzkrieg", uma vez mais. Blitikrieg é a palavra alemã que significa "guerra-relâmpago". (N. da T.)

111

É preciso imaginar o Cairo naquela época. Uma cidade faustosa que continuava a escapar à guerra, ignorando os bombardeamentos, os duelos de artilharia e mesmo até o toque de recolher quando as linhas alemãs estavam a menos de cem quilómetros de distância.

Todos os que lá viviam naquela época disseram-me a mesma coisa:

"dançávamos sobre um vulcão. Cocktails, jantares, espionite. O grande jogo.

Naquele tempo eu era jornalista do Bolsa Egípcia", confessou-me um dia Berto Fahri, que depois habitou em França

onde passou o tempo a rewriter(177) diários e livros, enquanto a

sua mulher, Poupette, preparava as noites do New Morning. A Bolsa pertencia a um irlandês chamado Finney, igualmente proprietário do Egyptian Gazette. Foi lá que me encontrei com Durrell. Tínhamo-lo todos na conta de um funny writer (178). Também escrevia de vez em quando editoriais sob as ordens do major Parker, que virá a ser governador da Índia. Os seus confrades apreciavam-no, como direi, com algumas reservas. Muitas vezes os ouvi comentar a propósito dos artigos dele:

- Bom, não está mal. Um pouco afectado, mas o Larry vem da Índia, não é?

O Larry vivia naquele momento num bordel com a mulher e a filha. Jantávamos juntos todas as semanas num pequeno restaurante que servia excelentes rins ao Madeira. Era já um grande bêbedo.

Walter Smart, conhecido por Smartie, secretário oriental da embaixada britânica, personagem de um encanto imenso, elegante, inteiramente dedicado aos artistas e seduzido por Durrell, esse jovem romancista que domina tão facilmente a língua grega, toma-o sob a sua protecção. Eis Durrell no Consulado Britânico e depois no serviço de informações da embaixada.

"A partir daquele momento", prosseguiu Berto Fahri, "Larry passou a assemelhar-se a um eterno school-boy (179),

*177. Em inglês no texto. Significa "rescrever". (N. da T.)

*178. Em inglês no texto. Significa "escritor divertido, estranho, singular". (N. da T.)

*179. Em inglês no texto, significa "estudante". (N. da T.)

um pouco embriagado, um pouco professor, um pouco agente de informações, embora agente de segunda categoria, o tipo de homem que encontraremos depois nos romances de John Le Carré, sempre a escarnecer do Egito e a desprezar os Egípcios".

Um círculo de admiradores reunia-se não obstante à sua volta. Entre eles encontravam-se alguns decadentes britânicos, surrealistas egípcios como Georges Henein, o futuro trovador do silêncio, o romancista Albert Cossery, um desertor suíço e um refugiado da Guerra de Espanha, um homem de cabelos brancos como a neve que passava o tempo à procura da mulher, sempre tentada por aventuras grosseiras nas ruelas do Cairo. "O Larry divertia-se imenso com este bando de gente", acrescentou Berto naquela cervejaria próxima do palácio Bourbon, onde tinha ficado de me encontrar com ele. Era um homem que já tinha feito inúmeras coisas. Um dia confidenciou-me já ter sido pianista, saltimbanco, prestidigitador, acrobata, dançarino de tango, amestrador de cães e jardineiro em casa de um marajá. Cantava muitas vezes uma canção de Maurice Chevalier, Tondez un mouton, tondez un lion (180), enquanto contava as suas aventuras como domesticador canino.

Os poemas, o esboço de um novo livro, Prospero, muito álcool, uma saúde de ferro e a frescura das noites ajudavam-no a suportar o Cairo de que não gosta decididamente. "Que país este! Doenças, deformações, oftalmias, papeira, amputações, piolhos, moscas! Nas ruas vêem-se cavalos cortados ao meio por

condutores inconscientes ou obscenos cadáveres negros. Na margem deste Nilo lento e poluído é impossível escrever, excepto em acessos febris; e sentimo-nos lentamente esmagados pelos passos dos elefantes (181). Certa noite, Larry veio sem Nancy ao jantar durante o qual os amigos se reuniam todas as semanas. Ninguém lhe perguntou nada. Ele nada disse da partida de Nancy e da filha deles para a Palestina, mas escreveu a Miller:

"Separámo-nos - eu acho que é por causa da guerra".

*180. "Tosquie um carneiro, tosquie um leão". (N. da T.)

*181. In L'esprit des lieux.

113

Depois - depois ou antes? - da partida de Nancy, ele apaixonou-se pela filha de um joalheiro agiota judeu, chamada Eva Cohen, que conhecera em Alexandria... Muitos anos mais tarde, ele falara-me de Eva, em Sommières, não sem reticências:

"Com ela as coisas corriam muito bem e passámos anos fantásticos. Mas os Cohen provocaram-me imensos aborrecimentos porque pretenderam sujeitar-me ao jugo rabínico. Com Eva experimentei o anti-semitismo ao contrário. Fui obrigado a raptá-la para mostrar as minhas intenções: o casamento!"

Com quem se parecia aquela ninfa de Israel, a quem Larry chamava Yvette ou Rosa Cigana? Fahri recorda as suas breves aparições:

"Era muito bonita, como uma borboleta encolhida, modesta, de gestos comedidos, uma pequenajudia de proa na Sinagoga, louca por Larry e assustada com esse amor. Larry não no-la mostrava. A Cigana nunca substituiu Nancy nos jantares dos rins ao Madeira. E com ela começou o mistério, porque ao mesmo tempo Larry mantinha outras ligações. Lembro-me, nomeadamente, de uma princesa de origem turca, Aziza".

Mas eis que Durrell é nomeado adido de imprensa em Alexandria, a meio da guerra. Mergulhado repentinamente no olho do ciclone. Alguns meses mais tarde escreverá a Henry Miller: "Tenho uma ideia maravilhosa para um romance sobre Alexandria, um elo espontâneo para todas as minhas experiências gregas, ao mesmo tempo que uma espécie de carnificina espiritual com raparigas em cima da mesas (182).

Antes

de esta nova excentricidade, sir Walter Smart tinha-lhe contado como, tendo ouvido há já algum tempo falar de um poeta grego que vivia por cima de um bordel, partira de imediato para Alexandria, depois de ter passado vários dias a conversar sobre literatura com o homem da capa da rua Lepsius. De regresso a Alexandria, e desta vez por bastante tempo, Durrell está por conseguinte, pronto a mergulhar no grande golpe fantasmal da cidade.

*182. in Une correspondance privée.

114

* * *

Mal chega, Harry instala-se no Hotel Cecil, na praça Saad Zaghloul. Um mandarete privado, quarto com varanda e vista sobre a baía. A brisa que acaricia o topo das palmeiras. E à noite, todas as luzes do molhe, desde o farol do antigo forte até às luzes de néon de um velho palácio, o Windsor, passando pelo lanternim verde de uma mesquita, que desaparece no tom do mar. Fiquei algumas vezes neste quarto. Vi-o morrer um pouco em cada uma das minhas estadas, depois reviver, indiferente, com a chegada de novos managers (183). Quando penso naquele velho

sepulcro das paixões durrelianais, revejo o Grémio, no primeiro andar - entrada proibida a cidadãos egípcios -, um grego, um inglês e um arménio que jogavam à bola, jogadores sem idade e sem data, continuando um jogo de azar iniciado há muito tempo, revejo o bar onde uma mulher de grandes olhos negros e mãos desfiguradas por uma colecção de anéis largos e chatos ria de forma obscena, revejo os móveis fora de moda do meu quarto e as janelas abertas para a noite, por onde entrava o imenso bafo monótono do mar. A respiração das águas trazia consigo todos os ruídos da cidade, o clangor das buzinas, os gritos dos rádios, as rotundas campainhas dos eléctricos, grunhidos e detonações dos motores, que só cessavam aos primeiros alvares da manhã, quando os galos cantavam nos terraços em redor. Durrell achou o Cecil moribundo - já então -, e muito caro, e instalou-se numa moradia cujas despesas partilhava com um amigo.

* * *

O que era essa casa quando Durrell a ocupou? A resposta encontra-se nas primeiras páginas de Justine: "Cinco raças,

*183. Em inglês no original, significa "gerentes". (N. da T.)

115

cinco línguas, uma dúzia de religiões; cinco bóias que se cruzam nas águas gordurentas do seu porto. Mas havia mais do que cinco sexos, e havia apenas o grego demótico, a língua popular que parece poder distingui-los. Não é, contudo, possível confundi-la com um local aprazível. Lembro-me de Nessim dizer um dia que Alexandria era o grande lagar do Amor». Durrell faz a sua doçura da apatia da cidade. Tudo lhe é proveitoso. Ele respira o mesmo ar que Cavafis, segue os mesmos passos de Forster e publica as suas primeiras impressões na revista de Bernard Spencers (184), *Personal Landscape*, e depois em *Middle East Anthology*, juntamente com Keith Douglas (185) e Albert Cossery: "Here at the last cold cold Pharos between Greece / And all I love, the light confide / A deeper darkness on the rubbing tide..." (186), toma uns copos no Pastroudis, revê os seus cursos de História grega, multiplica

os encontros, faz provisão de cores, de odores, de personagens, de sentimentos, de impressões, de rostos, de mulheres. As mulheres... um egípcio disse-me um dia a propósito das heroínas da cidade:

"As mulheres de Alexandria, tinham uma pele de veludo, as mulheres mais bonitas do mundo. As circassianas, ah!, as circassianas, sírias, libanesas, gregas, francesas, egípcias, italianas, russas, etíopes, levantinas, inglesas... Chamávamo-lhes Didi, Doudou, Gaby, Jo, Yaya, Puce, Totote, Gégé, Sissi, Lola, eram muçulmanas, cristãs ou judias, mas só víamos a beleza delas".

E Durrell escreveu a Miller: "Elas possuem silhuetas celestes como os desenhos de um Matisse sensual. Embrenho-me literalmente nelas até às orelhas". No final da guerra, ele deixa Alexandria sem pena, satisfeito com o seu festim, e instala-se com a Cigana em Rhodes, onde escreve Prospero e Cafalu, enquanto se atira à redacção de Quatuor.

*184. Bernard Spencer, poeta, editor, trabalhava na Universidade do Cairo.

*185. Autor de um livro intitulado El-Alamein-Zem Zem, que W. Boyd me incitou a publicar em francês.

*186. Em inglês no original, traduzido livremente significa "Aqui neste derradeiro e frio farol, entre a Grécia e tudo o que eu amo, a luz empresta um segredo, uma escuridão mais acentuada ao roçar da maré". (N. da T.)

116

Depois é a Argentina, onde se aborrece de morte, Buenos Aires, último círculo do Inferno, a Jugoslávia, Belgrado, mais próxima da Grécia, a sua alma mater, pátria suprema de todos os seus sonhos, onde compra um Horsch de capô prateado que pertencera a Goering, "assemelha-se a uma vedeta de cinema dos anos vinte, e por isso pusemos-lhe o nome de Hermann. "Vou vendê-lo ao Tito quando me for embora", é o regresso ao Mediterrâneo, a Chipre. A Cigana abandona-o depois de uma depressão, deixando-o só com a sua filha, Sapho. Mas por sorte, segundo as suas próprias palavras, uma outra alexandrina cai-lhe nos braços. Chama-se Claude Vincendon, é francesa e neta de um judeu milionário, o barão de Menasce, nobilitado pelo imperador Francisco José e um dos modelos de Nessim no Quatuor. Reconfortado pela presença dela, ele termina o primeiro volume do Quatuor, cada manhã, na noite que termina, tomando o cuidado de não fazer barulho para não acordar a sua filha, com a planta de Alexandria em frente dos olhos. "Será", escreve ele nessa altura, "uma espécie de poema em prosa dirigido a uma das capitais do coração, a Capital da Memória...".

* * *

A Alexandria de Durrell? "Um grande lagar do amor", uma capital do exílio, uma cidade do final do século onde reina o incesto, a resignação, a prostração espiritual, o estiolamento dos pensamentos mais íntimos, a metrópole de uma outra Europa,

longínqua e asiática. Mas a cidade durrelliana é também uma cidade de Deus, dos Evangelhos e da História dos homens, revista por Forster e Cavafis (187), de quem dois poemas encerram o prego do primeiro volume de Quatuor,

*187. Em 1973, Durrell, em resposta à New York Times Book Review, precisa: "Em Alexandria encontrei o meu caminho através de Cavafis. Ele ajudou-me a apreender a grandeza da cidade".

117

gravados com a ironia desencantada do poeta da rua Lepsius, que faz uma aparição desde as primeiras páginas. "Ela boceja e acende um cigarro; depois senta-se na cama, abraça os tornozelos finos com os braços e põe-se a recitar lentamente, com um trejeito delicioso, esses versos maravilhosos do velho poeta grego... e apercebo-me de que ela é uma verdadeira filha de Alexandria: ou seja, nem grega, nem síria, nem egípcia, mas uma mestiça, uma missagra do mundo(188)».

* * *

A Literatura é sempre uma travessia do Tempo, com algumas cerimónias para festejar a passagem da linha, as vozes na noite, a estática de frequências longínquas, aqui Papa Homero, ouve-me, ouve-me... Índia Forster chama Tango Durrell... Quando escutares, ao bater da meia-noite, uma tropa invisível passar com música e cânticos, não chores, repito: Quando escutares..., mãos que se estendem e enlaçam sobre segredos, transmissões de pensamento, epifanias, lágrimas e prazeres partilhados. Alexandria é também esta outra cidade, estas páginas garatujadas à noite, esta charneira do mundo e do tempo, do real e do imaginário, inventada por três homens, Cavafis, Forster, Durrell, de olhos fixos na beleza imóvel dos séculos. Três agentes muito especiais para levar a bom termo a operação ressurreição de Alexandria, nome de código: CAFODU.

*188. In Justine.

118

ALEXANDRIA LONGÍNQUA

Foi numa noite em que eu passeava como de costume entre Kait-Bey e o Hotel Cecil que tive a ideia de ir à Ásia Central ver em que se tinha tornado essa Alexandria Remota, a Distante ou Longínqua, a mais setentrional das cidades fundadas por Alexandre, nas margens do Iaxartes (189), apenas alguns anos depois de ter atirado o seu manto sobre as areias do Egipto. Não sei porque é que essa ideia me encheu de tamanha alegria, mas mais de uma vez, ao caminhar só em Alexandria como tantas outras vezes, já que é bem verdade que não

desfrutamos de uma cidade se não a percorrermos a pé, ou à vinda de um almoço bem agradável em Agami (190) em casa de velhos inimigos de Durrell, aristocratas com títulos papais ou austríacos, de ascendência assírio-babilónica, numa mescla de influências greco-florentinas, ou ainda melhor entrar um pouco antes da alvorada no meu hotel, após uma estada muitoprolongada num bar que vendia um uísque falsificado,

*189. Rio da Ásia ocidental, actualmente conhecido por Sir-Daria, que partindo das montanhas do Imaús, no Tash-Kent, no Turquestão, corre para noroeste a lançar-se no Mar de Aral. (M da T.)

*190. No verão, Agami é o centro da vidamundana (ritmo quotidiano: um almoço, dois cocktails, umjantar servido muito tarde). No inverno, é na própria Alexandria que tudo se passa. Nos meses mais fracos vai-se para Genebra, Paris ou Londres.

119

à hora em que a circulação parava nas ruas, e a cidade tomava por instantes o rosto de uma grande cidade dos mortos, com as suas avenidas iluminadas pela luz baça da lua, as suas ruelas petrificadas pelas trevas onde passavam a noite ao relento sombras fixas e os seus prédios envoltos num sudário de bruma marinha, assim como os alinhamentos tumulares e as casas de embalsamento da Necrópole descritas por Estrabão em finais do século I a.C. (191), tentei imaginar essa outra Alexandria, essa última Alexandria da qual ninguém falava jamais. Mas o tempo da partida não tinha chegado.

* * *

Quem deambula por Alexandria tem por vezes a impressão de atravessar uma reserva de espécies em vias de extinção. Há sempre alguém disposto a puxar a sua manga e a gritar-lhe: "Ah! Não conhece os últimos malteses, os Troisi, os Camilieri, ou os últimos italianos, os Di Martino, os Monaco, que possuem uma charcutaria, os Colucci - sabe que a sr.a Colucci está internada num hospício!... ou para lhe apresentar um descendente de Mustafá Ali ou a sobrinha do rei Zog da Albânia, exilado no Cairo até à partida de Faruk, que trabalha no Centro Cultural francês (depois da queda do Muro ela recebe cartões dirigidos a S.A.R. Vera Zoga), como se se tratasse do último dos Moicanos, e de certo modo, eles são-no. Foi assim que num jantar no Consulado Francês, em honra dos nossos marinheiros que participavam numa operação conjunta com a marinha egípcia - foi, aliás, durante esta Operação Cleópatra

*191. A 15 de Agosto de 1997, recebo uma carta de Jean-Yves Empereur: "Acabámos as escavações de uma série de túmulos helenísticos na necrópole. O traçado desta necrópole tinha chocado os contemporâneos; devia ser enorme, à medida da cidade dos vivos. Foi neste bairro de Gabbari que há cerca de

vinte anos se descobriu a pintura da Saqieh que se encontra no museu greco-romano. Depois de termos desobstruído uns quinze túmulos fui obrigado, por falta de meios, a deixar o sítio aos promotores".

120

que por pouco não provoquei uma rixa generalizada em casa de madame Elite, de tal modo a atitude de um mecânico do Duquesnes me tinha irritado, a sua arrogância de ferrabrás com um grão na asa fazia-me ter, uma vez mais, vergonha do meu passaporte francês -, o cônsul geral Jean-Pierre Castella, um amigo íntimo de François Bayrou(192), não obstante simpático e muito activo para um cônsul, tendo-me colocado à direita da mulher do cônsul russo, Natacha, que se tinha proposto conduzir-me logo no dia seguinte a conhecer a última representante da comunidade russa de Alexandria, que se chamava Tatiana. No fim do jantar, a Natacha apresentara-me ao seu marido, o cônsul. Tratava-se do filho de um diplomata soviético, nascido em Londres. Tinha-lhe perguntado, de forma muito pouco protocolar, se ele trabalhara para o KGB antes de servir a nova política de Gorbachev e depois de Ieltsine. Fiquei surpreendido porque ele corou (comovente, não?) antes de me responder:

- Falemos antes da Tatiana, a última russa de Alexandria. Tatiana fala um russo muito belo, impecável, sem sotaque, muito mais bonito até do que o que se fala na Rússia. O russo dela não está deturpado.

Naquele momento, a Natacha - com um rosto como o de um ícone, muito pálida, olhar de porcelana, caracóis louros e vestido estilo marinheiro(193) com um lindo decote - tinha sorrido:

- Sim, é o russo da alma, como num romance de Pushkine.
- Sabe - acrescentara o cônsul - há cinco anos que uma bailarina de Kiev, Larissa, vem dar aulas de ballet a Alexandria duas vezes por ano. Tem cento e cinquenta pequeninas egípcias. É muito curioso este pequeno rebento do Bolchoi na terra dos Ptolemeu...

*192. Ministro da Educação Nacional de então, um natural de Béarne, e próximo de muitas pessoas que, no entanto nada tinham a ver com o carácter e a ambição dele - Jacques Delors Jacques Chirac, Edouard Balladur.

*193. Vestido à marinheiro que fez o maior sucesso junto dos oficiais do Duquesnes e do Dupleix, como é fácil de imaginar.

121

No dia seguinte, à hora do lanche, eles passaram por minha casa de carro para me levarem a casa de Tatiana, enquanto o cônsul me explicava pelo caminho que tinha dado folga ao seu motorista durante o resto da tarde. Tatiana tinha os olhos e os cabelos iguais aos de Natacha. Vestia uma túnica e umas calças azuis.

- A família do meu pai vivia em Kiev - disse-me ela - e a da minha mãe em São Petersburgo. Chegaram no mesmo barco em 1922, um barco de refugiados que fugiam da Revolução. Havia tifo a bordo e não podiam atracar em porto algum. Os Cretenses quando

se aperceberam de que se tratava de um barco cheio de russos brancos de nomeada, vieram atirar-lhes fruta fresca para bordo, e acabaram por desembarcar em Alexandria, de quarentena; depois viveram três meses num campo de tendas. Eram dois mil.

Os meses foram passando e eles reataram os contactos com o exterior. Os meus avós paternos tinham sido todos massacrados em Kiev, mas os meus avós maternos não gostaram de Alexandria e assim que puderam, partiram para Paris, onde a minha avó se tornou costureira, e depois dançarina; o meu avô não fez nada. Uma das filhas deles suicidou-se em Paris, e a outra ficou aqui e casou com o meu pai. Ele empregou-se como piloto de aviões em Eosso, e ela ocupou-se da comunidade russa. Criou uma sociedade de beneficência sem nunca se ter lamentado de não regressar à Rússia: fundaram uma igreja ortodoxa russa sob a autoridade do patriarca grego, depois sob a autoridade do patriarca de Moscovo. Eu liguei-me a um pope (194), muito simpático, que não escondia ter trabalhado para a KGB e que um dia me disse: "Tenho que enviar relatórios, cada vez mais relatórios. Pode ajudar-me?" (Naquele momento olhei para o cônsul que sorria; mas não tive a presença de espírito necessária para perguntar a Tatiana se tinha ajudado o pope a recolher informações). Vivíamos à russa, evocávamos a passagem de Chaliapine quando veio cantar ao Cairo antes da Primeira Guerra, uma das figuras mais marcantes da nossa comunidade era a menina Koutouzov, Evkodia Koutouzov,

*194. Sacerdote do rito grego entre os russos, os sérvios e os búlgaros; o pope ocupa um lugar inferior na hierarquia religiosa. (N. da T.)

122

sobrinha do general(195), que conservava em casa um sabre daquela época gloriosa, tinha os ombros pendentes, o que é um sinal de ascendência nobre, era muito rica, mas feia de doer e não queria de modo algum casar para não perder o seu nome; quando ficou sem bens, ganhava a vida a dar lições de piano. Tocava lindamente.(196) A nossa vida só se alterou com Nasser. Houve muitos russos que partiram para a Austrália, o Canadá ou os Estados Unidos. Eu fiquei por parvoíce. Devia ter ido para Paris tirar um curso de Belas Artes, mas por causa da morte do meu avô, os meus pais não quiseram deixar-me partir; não lamento, gosto muito do Egipto, amo o meu marido, um italiano de Alexandria e sou a última desta comunidade russa».

Ao regressar ao hotel, lembrei-me das memórias de Ungaretti. O poeta, nas suas conversas com Jean Amrouche (197), tinha evocado uma "barraca encarnada", com uma grande sala por cima de uma serração, onde, no início do século, se reuniam os revolucionários oriundos de todo o mundo. No dia em que revolucionários russos foram presos no Cairo e condenados a serem extraditados para a Rússia, onde iriam provavelmente morrer, "os revolucionários da Barraca Encarnada decidiram, quando o comboio passasse por Alexandria para os conduzir ao barco, deitar-se sobre os carris para impedir o comboio de continuar o seu andamento e para soltar os prisioneiros. E fizeram-no mesmo...".

* * *

Ungaretti, aluno da escola suíça de Alexandria, tinha tido em 1906 um professor com o nome de um chocolate, M. Kohler, que lhe lia o *Mercure de France* e o fazia participar na controvérsia que então se desenrolava em torno de Mallarmé.

*195. Marechal de Campo Koutouzov, príncipe de Smolensk (1745-1813), que venceu Murat depois da tomada de Moscovo, considerado como o salvador da Rússia.

*196. A cineasta egípcia Asma al-Bakri consagrou um filme à menina Koutouzov.

*197. Propos improvisés, texto coligido por Philippe Jacottet.

123

Quando adolescente, frequentava igualmente a casa dos irmãos Thuile, no Mex, que possuíam uma biblioteca romântica herdada do seu pai. Os irmãos Thuile, Jean e Henri, eram dois jovens engenheiros franceses, que tinham vindo pela primeira vez ao Egipto ainda crianças, em 1895 quando o pai deles era engenheiro dos caminhos de ferro do Estado Egípcio. Regressaram ao Egipto depois de se terem formado em França. Em 1910 Henri Thuile era engenheiro dos portos e faróis de Alexandria. Descobrira no deserto, entre Mex e Agami (198) uma casa abandonada, construída quarenta anos antes pela Companhia do Canal do Suez. Lá se instalou, convidou os amigos e foi assim que nasceram os Domingos do Mex. O Jean escrevia romances e o seu irmão poemas (199).

Agami, Mesraui, o Mex, ó alvas planícies,
Ilhas do meu país, minha pátria africana,
Minhas encostas oscilando sob as palmas do vento.

- Jogos de Arlequim

Henri Thuile colecionava tãagras e traduções do Corão (apreciava mais do que todas a tradução de Andre Du Ryer, senhor da guarda Malazar, cônsul no Egipto), tinha um fraquinho por Francis Jammes e Omar Khayyam; encontrava no Makota Radja-Radja de Bokhari a mesma sabedoria do que no Ramayana, sobre o qual Michelet dizia: "O ano em que o li foi um ano abençoado". Entregou-se aos encantos do Islão e escreveu, após a morte da sua mulher, um livro de estâncias intitulado *Les Lampes de terre*, ao qual Ungaretti sempre se manteve fiel.

*198. Fantasiando a seu modo Agami como Colette e Dunoyer de Segonzac tinham inventado Saint-Tropez. Leio no *Le Monde* dodia 1 de Setembro de 1997, o dia seguinte à morte trágica de Lady Di no túnel da Alma em Paris, que a família do seu companheiro Hodi -Fayed possuía uma casa em Agami, o "Saint-Tropez do Egipto".

*199. Henri Thuile publicou também em 1921 um livro de memórias e reflexões, intitulado *Littérature et Orient*, de onde retirei estas pequenas indicações bibliográficas, completadas com a leitura de *Poètes en Egypte*, antologia apresentada em 1955 por Jean Moscatelli (antologia da qual Cavafis é o grande ausente). Henri Thuile só abandonou o Egito para terminar os seus dias em Montpellier.

124

* * *

Cerca de vinte habitantes de Alexandria publicavam os seus poemas enquanto Cavafis ocultava os seus. Entre eles contavam-se René Tasso, libanês, Louis Fléri, maltês, Alex Scouffi, grego, que cantou no Mónaco com Caruso, e vivia entre França e Alexandria, possuindo em Paris um apartamento transformado numa capela bizantina. Foi assassinado e a cabeça separada do tronco, como um Orfeu decapitado. Citemos ainda Mireille Vincendon, musa do compositor Florent Schmitt, e o conde Michel Zogheb, nascido numa família natural de Damas mas instalada no Egito há dois séculos, formado em Eton e na universidade de Lausana, grande conhecedor da arte árabe e coleccionador de boiseries e de faianças antigas. Descobri uns em velhos livros em saldo no meio da poeira da rua Fouad. Outros surgiram por vezes a meio de uma conversa.

Pouca coisa. Silhuetas etéreas, nomes retalhados, datas imprecisas.

Adivinhava nestas vidas exumadas a languidez de um outro final de século. Delicadezas de opiómano, exaltações de tísico, indolências demasiado apoiadas às portas do deserto. Um clube de Bigodes Compridos saídos do seu bocal. Deslocados longe de Florian. Rostos de uma outra época, o derradeiro suspiro do romantismo no exílio, sob um mosquiteiro. Homens tentados e assustados por Gabriela d Annunzio, mas tranquilizados por Henri de Régnier. O eixo entre Alexandria e Veneza, talvez. A cidade como espelho do eu. O final do nosso século não se assemelha ao precedente. Muito menos entorpecimento, uma outra forma de olhar e de ver, de escrutinar o âmago das eras ou de questionar o presente.

* * *

A cidade é toda ela um cemitério. No cemitério judeu de Alexandria vi uma barraca dos guardas, de paredes azuis, com crianças em frente de uma televisão, ervas daninhas, flores, cães vadios, excrementos espalhados entre as sepulturas, monumentos partidos e as chamas de algumas velas que ardiam.

125

E li ao acaso os nomes colocados nas lápides: Elie Misrahi, Ester Naim, Harry de Bota, Jerusalém Ventura, Jacques Hazan, Inês Haddad, Loula Negrin, Violeta Perpiggann, Moisés Menasce, Morice Gattegno, Leon Cohen, Vicky Globus...

* * *

"Os impulsos de minha paixão na minha cidade de Alexandria, a grande, empalideceram a angra dourada, o porto de abrigo, visão do Príncipe com dois cornos e obra prima do grande construtor Sostrato. A pérola de Cleópatra, imortal beleza, a cidade cintilante, cidade de um mármore tão branco que as suas noites se passam na luz.

A academia de Arquimedes, do filósofo Eratóstenes e dos poetas Apolónio e Calímaco, morada de todas as musas; metrópole da santidade e da libertinagem; terra de São Marcos, de Santo Ananias e dos Padres Boucaliens da Igreja, de Origenes, do bispo Denys e do profético Amba Atanásio, armado apenas da sua verdade contra o mundo inteiro. A cidade dos Patriarcas, pilar da ortodoxia, a religião verdadeira e a coroa dos setenta mil mártires que ressuscitarão com Cristo, ao som dos cânticos dos Serafins, de rostos alvos como o leite, que os bendirão e darão glória a Deus. Farol, cabeça que projecta a sua luz desde Eleusis-al-Hadare até Canope-Abu-kir, do Ginásio e do templo de Poseidon ao Emporium, ao Estádio, ao Hipódromo, até ao Serapião, e de Tell-Ratoutes-Kom-esh-shufaga a Selsela-ponta-Luqyas, e da colina de Pan-Km-ed-Dekka, de Capo César até Pétrai-Haggar-na-Nawatiya..".

Eduardo al-Kharrat
A minha cidade santa e dourada (200).

*200. Extracto de um texto apresentado e traduzido por Catherina Fahri para o número de Autrement, Alexandrie 1860-1960. Eduardo al-Kharrat nasceu em 1926 em Alexandria. Publicou contos e romances e nomeadamente Alexandrie, terre de safran.

* * *

"Quando estou um pouco lúcido, digo «Não, é melhor que Alexandria não seja o que já foi, porque como era, a cidade não era a coisa mais brilhante do mundo.» Não, o que estava bem era aquela concentração de nacionalidades (todas as cores, eu gosto de todas as cores, sou muito guloso). Ela não pode existir hoje, embora tentemos... Mas há muitas coisas em Alexandria, que são excessivamente positivas. E eu gostaria de participar na nova Alexandria, não na antiga. Em mim não há ruptura alguma (201)».

Youssef Chahine
De Cavafis a Chahine

* * *

Jean-Yves Empereur, à semelhança de Chahine ou al-Khatrat é um alexandrino do nosso tempo. Usa cabelos compridos penteados para trás, uma camisa clara com um casaco de malha, e um lenço ao pescoço. Um puro (202) enfiado na boca mal se levanta da mesa, este bretão elegante, guloso, de rosto liso e olhar perscrutante teve a sorte de encontrar a sua vocação de arqueólogo nos bancos do colégio e de nunca se ter desviado do seu caminho. A arqueologia dotou-o de uma alma de viajante, o que Morand chamava o snobismo das andorinhas. O inverno no Egipto, o verão em Paris. Ele sabe como o seu mestre François Chamoux colhe os frutos do acaso sobre os caminhos de uma jornada, mas sabe também servir-se dos caminhos e estradas secundárias. Distraído, mas dotado de um grande sentido de oportunidade, mergulhou sem hesitar na cobertura

*201. Expressões recolhidas por Yousri Nasrallah Alexandrie 1860-1960. O cineasta Youssef Chahine nasceu em Alexandria em 1926, é de origem libanesa pelo lado paterno e grega pelo lado materno.

*202. Charuto cubano enrolado à mão. (N. da T.)

126 - 127

de um porta-helicópteros francês, o Jeanne, uma noite em que se desenrolava um cocktail, para salvar de uma morte certa Lucette de Saab, uma mulher de nomeada - a sua recepção anual é o atractivo da saison alexandrina -, quando ela tropeçou num dos degraus do passadiço e chafurdava de noite e contra sua vontade nos remoinhos negros do porto, entre o flanco do Jeanne e o dique, constantemente ameaçada de mergulhar a pique e de ficar reduzida a espuma, enquanto os marinheiros franceses se mantinham na cobertura a soprar os seus apitos, a correr em todas as direcções e a consultar o manual de salvamento na página Homem ao mar. O sorriso deste pedagogo, que leva por vezes os burgueses dos Rotários a visitar a sua própria cidade de autocarro, é o de um homem habituado a olhar as coisas com vinte séculos de atraso. Na Grécia, em Chipre, na Turquia, no mar Egeu, em Tasos. Faz agora vinte anos que ele veio a Alexandria pela primeira vez. Enviado pelo Ministério da Cooperação e abandonado em Alexandria após o encerramento da universidade, atingida pelos tumultos populares provocados pela fome. O Egipto era um erro de percurso para este erudito da Grécia, mas um erro no qual ele descobriu a sua prosperidade, uma vez que o Egipto de Alexandre e dos seus sucessores consumara a Grécia.

"Especializei-me no mundo helenístico", disse-me ele, "porque a meu ver ele representa a explosão bem sucedida do mundo grego e um momento da História em que o cidadão, enquanto permanece cidadão de uma cidade, se torna um verdadeiro cidadão do mundo, do mundo grego, ou seja do mundo inteiro conhecido na época".

Especialista em comércio antigo, cria em 1990 o Centro de Estudos Alexandrinos e multiplica as escavações de urgência numa cidade devastada pelo influxo da explosão demográfica. Os cinemas e os teatros, incontáveis nesta cidade onde há vinte anos se publicava uma dúzia de revistas de cinema, e que foi uma das etapas preferidas dos comediantes franceses, caem uns a seguir aos outros sob os golpes das pás das escavadoras,

apressadas em limpar o terreno para os novos invasores, impacientes em destruir e reconstruir. Ora Alexandria quase nunca fora pesquisada. Um grande vazio pode soar como um chamamento. Chegado pela primeira vez a Alexandria, Jean-Yves Empereur respondia também por sua vez a este convite do silêncio. Abre estaleiros sob o cinema Majestic, sob o teatro Diana, sob o Billardo-Palace, lá, onde a grande algazarra dos mexericos de Alexandria continua a afirmar que Nasser teria jogado bilhar com o rei Faruk, sob o Cricket-Grown e sob o cinema Radio.

"Basta escavar", afirma, "para encontrar as diferentes eras da cidade. A cidade romana, por exemplo, está a menos de quatro metros".

Toda a gente sabia que havia ruínas submersas no velho forte mameluco de Kait-Bay e que o mar lhes servia de escrínio. Mas em 1993, o cineasta egípcio Asma al-Bakri toma conhecimento de que a edificação de um quebra-mar ameaça esse repositório ainda inexplorado. Algumas centenas de blocos de betão foram já despejadas em frente do talha-mar de Kait-Bey. Os vestígios não identificados, adormecidos nos fundos silenciosos no meio de conchas azuladas, arriscavam-se a ser enviados para nenhures. Asma al-Bakri indignou-se: Os seus gritos são ouvidos no Cairo. Aproxima-se a hora da revelação dos mistérios. Jean-Yves Empereur instala-se com o seu velho cúmplice Jean-Pierre Corteggiani (203) no forte mameluco, que já

só é assaltado pela cavalgada das ondas. Inicia uma campanha decisiva, sustentada pela marinha egípcia, a campanha dos olhos arregalados. Alimentou-se muito tempo de especulações obscuras. Chegou o tempo das visões e das confirmações.

Os arqueólogos nadam nas águas de Alexandria, a escassos dez metros da superfície. Avançam às apalpadelas e estendem-se no fundo. Cada um é o rochedo da sua própria exploração. Todos procuram provas da existência do farol. Mas os pássaros proféticos gravados na pedra dos blocos submersos não lhes falam da Grécia helenística ou de Alexandre, mas do Egipto e de Ramsés II. Ora Ramsés II, um dos maiores faraós da História, viveu e reinou mais de mil anos antes da construção do farol. Os epigrafistas lêem através das suas máscaras de mergulho os nomes de Aton e Horatqui, os deuses de Heliópolis.

*203. Egiptólogo, autor de um livro sobre o museu do Cairo, intitulado L'Egypte des Pharaons au musée du Caire.

A História da capital desaparecida do Antigo Império deverá portanto de hoje em diante decifrar-se e aprender-se também neste túmulo marinho, onde um colector de esgotos desagua em golfadas. Visões renovadas de um passado que se desenrola ao longo de dois milénios impõe-se aos arqueólogos, testemunhas do choque dessas civilizações extintas, já que colónias papiformes coexistem com capiteis coríntios em mármore e pedestais dóricos, enquanto os castanhos, pequenos peixes que vivem nas rochas, prosseguem o seu enigmático diálogo com os pássaros cravados sobre blocos que datam de Seti I sob o olho de uma esfinge, a decana desta paradoxal arca de Noé. No total, mais de duas mil peças reunidas pelo mar numa estranha miscelânea da Grécia e do Egipto. Alexandria prosperou sobre a

amálgama dos deuses e dos homens, enquanto os sábios gregos, judeus e cristãos tentavam resolver o duplo mistério da presença de Deus e da sua ínfima distância. Talvez o farol também tenha sido no espírito dos seus criadores uma ponte erigida sobre este abismo. Pois havia também, disseminados, a partir de Kait-Bey, marcos que chegavam a pesar setenta e cinco toneladas, alguns com o formato de cubos gigantescos, outros estilizados como se tivessem sido atirados do céu por uma mão gigante, e que desenhavam no campo de pesquisa linhas de queda de um monumento formidável...

O Pharos?

6 de Outubro de 1995. Fim da missão Kait-Bey. Chovem aplausos para saudar uma deusa de seios rosados - trata-se de Íris, que emerge da espuma, tal qual Afrodite quando decidiu mostrar a sua beleza aos mortais. Uma esfinge suspensa nas redes de uma velha barça voa sobre a água em direcção à cidade. As ruínas não passam de ruínas, Jean-Yves Empereur e a sua equipa devolveram-nas à energia da cidade e é em cortejo que elas atravessam a velha cidade espiritual, transformada numa imensa e barulhenta cidade estendida ao longo do mar. É uma curiosa parada de animais sagrados e deuses vencidos que parecem encontrar de repente o seu carácter de invencibilidade no meio de grandes buzinas. Alexandria que regressa...

* * *

Uma tarde, pelas dezassete horas, parti para Aboukir de táxi. O caminho era bastante longo e a cidade parecia não ter fim. Cheguei a um pequeno burgo que parecia ter estado submetido a um bombardeamento intenso de dejectos e de sacos de lixo. As ruas e as casas que as ladeavam estavam cobertas de detritos. Tinha chovido e a calçada era muitas vezes um mar de porcaria, entregue a bandos de gansos, aos burros e a carneiros que circulavam livremente, pastando imundícies. Avançámos até à entrada da base naval. As sentinelas da entrada saíram a fazer gestos largos, antes de nos autorizarem a estacionar em frente da guarita, bem satisfeitos por encontrarem quem os ajudasse a matar o tempo. Depois um deles subiu para o automóvel, sentou-se ao meu lado e fizemos um pequeno reconhecimento do primeiro recinto da base. O nosso guia mostrou-me a torre Napoleão e explicou-me que os Egípcios também eram grandes soldados. Falava de Bonaparte com tamanha exaltação que por instantes quase me esqueci que tinha sido nas águas de Aboukir que Nelson desafiara a armada francesa.

A passagem de um carro de oficiais pôs fim à nossa amizade nascente. O mesmo homem, que no segundo anterior nos tratava com uma simpatia evidente, olhava-me agora como se eu fosse um agente da Mossad. Convidou-nos sem rodeios a afastarmo-nos o mais depressa possível e ainda o ouvi gritar quando já nos encontrávamos longe:

- Não é permitido tirar fotografias... Zona militar...

No regresso pedi ao motorista para parar a fim de podermos tomar um copo num dos incontáveis cafés à borda da estrada. Ele preferiu enfiar-se nas ruelas lamacentas da cidade, pois queria saudar um dos seus primos, que trabalhava num restaurante. Parou de frente a um estabelecimento de aspecto razoável, no fim de um beco. À nossa espera não estava um primo mas uma boa dezena de primos. Fui de imediato convidado a sentar-me à mesa, desde que eu estivesse disposto a pagar, é

claro. Mas não tivemos tempo para nos demorarmos, porque uma dezena de crianças e adolescentes começaram a atirar pedras ao nosso automóvel.

130 - 131

O motorista e os primos afastaram-nos e perseguiram-nos pelas ruas vizinhas, mas mal chegaram ao pé de mim, ofegantes e furiosos, para me pedir de forma cada vez mais insistente que jantasse com eles, os rapazes regressaram e atiraram novas revoadas de pedras sobre o táxi. Cada impacto fazia o motorista sofrer. Ele guinchava e pulava de cada vez que uma pedra ressaltava sobre a chapa e de repente, incapaz de se conter, agarrou-me no braço e enfiou-me no carro, enquanto os seus primos, desesperados por verem a presa escapar-Lhes, rosnavam imprecações que me pareciam cabalmente destinadas aos nossos jovens atacantes que saudaram a nossa partida, complicada por uma meia volta que foi preciso efectuar naquele beco sem saída, com gritos de alegria e redobrando os seus lançamentos. Eu ficara com a impressão de ter assistido a uma cena irreal, um simulacro, crianças que brincavam às intifadas e nunca me senti em perigo. No dia seguinte, parti com outro motorista para Abousir. A estrada do farol estava flanqueada por marinas, prédios modernos, hotéis vazios e calçadas de uma brancura cintilante. Decidi prosseguir até El-Alameine, que distava algumas dezenas de quilómetros. Em Alexandria também tinha havido guerra. Motins gauleses na frota X, raids alemães e italianos sobre a cidade (204), combates decisivos no deserto. Ao aproximarmo-nos do campo de batalha, passámos em frente de um cemitério inglês. O motorista gritou:

- Aqui há franceses!

Não acreditei, mas decidi ir visitar o cemitério, contornado por uma espécie de claustro que descia suavemente em direcção ao deserto. Havia perto de oito mil cruzeiras erguidas na areia. Oito mil pequenas campas, cada uma com um nome e a insígnia de um regimento. Ingleses, canadianos, australianos, indianos, sul-africanos, cipriotas. O motorista esperava-me no carro.

*204. Os alexandrinos protegiam-se dos bombardeamentos refugiando-se nas antigas cisternas do subsolo, mas, por não levarem os italianos a sério, só iam para os abrigos durante os bombardeamentos alemães. Foi assim que os italianos fizeram inúmeras vítimas.

132

A beleza modesta do claustro, a melancólica sucessão das campas e a presença forte do deserto conjugavam-se para lembrar ao visitante que não passava de pó. De repente, um beduíno, um grande mirra, surgido do nada, colocou-se diante de mim, vestido com o tradicional fato branco e com um kefié. Teve alguma dificuldade em compreender que eu não era inglês, uma vez que me encontrava num cemitério inglês, mas quando por fim admitiu a minha nacionalidade, exclamou:

- Here, french general (205).

Foi a minha vez de não acreditar que um francês pudesse

estar aqui enterrado, num cemitério inglês, e disse-lho. Ele lançou-se imediatamente por entre as campas, com grandes passadas, levantando bem alto as saias da sua veste imaculada, até um quadrilátero de campas um pouco isoladas das outras, embora no meio delas:

- French general, here!

Então li na campa central as seguintes palavras:

lieutenant-colonel (206) Amilakvari, 24-10-42. Dimitri Amilakvari.

Este nome de um príncipe georgiano que tinha frequentado a Academia de Saint-Cyr, e escolhido a França livre a partir de Junho de 1940, fez-me de imediato recordar a lenda da guerra gaulesa no deserto. Ouvia as vozes dos meus amigos, Barberot, Kersauson, Bollardiére, Simon, Messmer, Bourdis, Saint-Hiller contar a batalha de Himeimat. A legião que interrompe o contacto descendo lentamente do pico, Amilakvari ferido com um estilhaço de um obus que lhe vazou um olho, descido numa carreta de capota caída, depois o seu corpo já rígido transportado sobre os ombros dos legionários à luz das tochas até à tenda do P.C. de Koenig. Em volta da campa de Amilakvari havia dois lugares vazios, como se se quisesse saudar o heroísmo deste chefe guerreiro, de tal modo amado pelos que o tinham conhecido que lhe haviam concedido mais uns palmos de terra para o seu último repouso. Amilakvari estava rodeado pelos soldados mortos com ele. O soldado Mouners, o caporal-mor Ndownow, o sargento Louis Jour, o caporal Francis Paricot, o legionário Rafael Diez,

*205. Em inglês no original, significa "Aqui, general francês". (M da T.)

*206. Em inglês no original, significa Htenente-coronel, . (N. da T.)

o subtenente Jean Souberbielle, o legionário Coifman Lazar (estrela judia), o legionário Kolsala. Enquanto decifrava todos estes nomes de franceses livres, o beduíno efectuava uma espécie de dança votiva em torno de mim, com a bainha da sua veste sempre erguida, enquanto repetia: "French general, french general", sem esconder que esperava de mim uma avultada recompensa, em dólares, se possível. As suas maneiras, por mais desagradáveis que tenham sido, pareciam-me bastante ridículas e recheadas de uma fantasia singular. Mas fiquei mais emocionado do que julgava ao encontrar-me assim, sem rodeios, diante dos restos mortais de alguns daqueles sobre quem eu escrevia histórias, sentado em Paris (207). Sem saber como

fazer calar o meu aborrecido companheiro, não encontrei outra solução, eu que nem sequer fiz o serviço militar, senão perfilar-me diante da campa de Amilakvari numa continência um pouco ridícula e sem dúvida pouco regulamentar, mas eficaz. O beduíno olhou-me estupefacto, deixou de espezinhar a terra e, após uma hesitação algo demorada, veio colocar-se perfilado a meu lado. Mantivemo-nos assim silenciosos e recolhidos por um momento tanto mais longo quanto eu queria aproveitar-me da estranheza desta situação. Quando lhe devolvi a liberdade de movimentos, ele precipitou-se para os gerânios das campas

inglesas vizinhas e arrancou com frenesim grandes braçadas de flores que atirou de longe sobre a campa do príncipe Free French (208). Despedimo-nos um do outro como bons amigos.

Quando

avistei o meu motorista, este estava instalado na viatura com os pés numa bacia de água, pousada junto ao pedal do acelerador, que pedira emprestada a outro guarda do cemitério, outro beduíno; explicou-me que sofria com o calor. Quando terminou as suas abluções, continuámos a visitar cemitérios.

*207. Tinha começado a trabalhar sobre os testemunhos dos franceses livres recolhidos por Roger Stéphane e actualmente publicados, *Des hommes libres*, onde se encontra aliás um capítulo consagrado a Amilakvari, denominado "os Príncipes também morrem".

*208. Em inglês no texto, significa "Francês livre". (N. da T.)

134

Havia ainda mais dois, o italiano e o alemão, instalados nas falésias sobranceiras ao mar, ao contrário do cemitério inglês, tão humildemente voltado para o deserto. O edifício central do cemitério italiano assemelhava-se à base do antigo Pharos. O caminho de acesso era uma alameda majestosa, ladeada por loureiros e torres blindadas de tanques de guerra, fixas em blocos de pedra. Para entrar no cemitério alemão, era preciso passar sob as bifurcações de um rastrilho monumental, que conservava alguma da elegância dos cavaleiros teutónicos, com muralhas de grandes pedras amarelas furadas por morteiros, no interior das quais se encontravam vinte e quatro pesados sarcófagos de granito e quatro ângulos erigidos aos pés de um obelisco. No caminho de regresso pensava como era difícil, ao visitar estes três cemitérios, saber quem tinha vencido a batalha de El-Alamein.

* * *

Eu devia passar por casa de Georges Kypreos para tomar um copo ao fim da manhã. Naquela altura eu estava alojado no Ramada. Alegrava-me por reencontrar o Kypreos, ainda por cima quando tinha passado os últimos dias sem trocar palavra com quem quer que fosse, ou pelo menos com ninguém conhecido. É claro que tinha trocado algumas palavras com o paquete do Ramada, que todos os dias me servia ao almoço lulas fritas junto à piscina, enquanto os egípcios à minha volta devoravam pizzas fritas, tinha travado uma conversa assaz longa com três prostitutas na avenida que ladeava os cemitérios latinos, tinha trocado algumas impressões não muito longe de Montazah com um comerciante de galinhas e pombos vivos, e foi ele que me ensinou que os pássaros que migravam cada outono por cima do Mediterrâneo se deixavam cair esgotados nas margens de Alexandria e que naquela altura bastava uma pessoa baixar-se e apanhá-los na areia, - e aliás ele acrescentara: "É pena que agora já só lá haja cimento..." -, tinha mesmo conversado quase familiarmente com os dois sauditas, inquilinos de um quarto contíguo ao meu, que punham a televisão aos berros

quando regressavam às quatro da manhã a cair de bêbedos e de seguida riam e dançavam até de madrugada, em resumo,

135

eu tinha interrogado algumas pessoas que me tinham respondido, ou o contrário, mas essas conversas esporádicas ou inevitáveis tinham-me ocupado afinal tão pouco que me sentia como se não conversasse com ninguém há perto de uma semana. Não é que essa situação me fosse de modo algum insuportável, pelo contrário, sou naturalmente silencioso e o silêncio é a meu ver um dos atractivos da viagem mas, e não conheço outra forma de o dizer, naquele dia a solidão começava a pesar. Por isso encontrei-me com o Kypreos com uma satisfação singular, em casa dele, rodeado dos móveis da sua mãe e do seu avô, dos seus tapetes, das suas gravuras chinesas e dos seus mapas da National Geographic, que ele mandava emoldurar todos os anos, e onde se entretinha a seguir os movimentos de fronteiras à superfície do planeta com a ciência de um perito em geoestratégia. Kypreos mostrou-me de imediato a última carta que recebera da revista. Tínhamos opiniões divergentes sobre a guerra na Jugoslávia, mas estávamos tacitamente de acordo em não abordar esse assunto durante as nossas conversas. Kypreos colocou por instantes o indicador da sua mão direita sobre a zona dos Balcãs e pronunciou em voz baixa, mas de modo a que eu o ouvisse, enquanto sorria com tristeza: "Toda esta ostentação de Estados..." e depois, sem aguardar a minha reacção, propôs-me irmos almoçar ao Clube Náutico Grego, perto de Kait-Bey.

O Clube grego, flanqueado à direita pelo Yacht Club Egípcio e à esquerda por uma ampliação ilegal do Museu Oceanográfico, estava deserto. Na sombra do rés-do-chão longos ioles(209), equipados para seis ou doze remadores, dormiam sobre o bojo, esquecidos uns sobre os outros, sob uma espessa camada de poeira.

- Era um local fervilhante de vida, mas há muito tempo que estes barcos não saem daqui - disse-me Kypreos enquanto me levava para o terraço do primeiro andar, que estava vazio.

*209.o Pequeno barco de recreio ou de corrida, de formas finas e adelgaçadas, e que aparelha com uma vela grande latina e uma catita. Esta embarcação é mais pequena que a chalupa e o mastro da catita arvora mais à ré do que nesta. (N. da T.)

136

O dia estava azul e fresco e a cidade desenhava um arco de brancura ao longo do mar. Tinha a impressão, como tantas outras vezes, e sempre de manhã, quando Alexandria ainda não tinha sido arrebatada pela azáfama diurna, de contemplar a cidade original. Voltámos a falar da túnica macedónia e das focas de Homero:

- Sabes que havia uma foca empalhada na União, e que ainda hoje há à venda tartarugas marinhas no mercado do peixe? - disse Kypreos, e depois acrescentou alguns trechos da sua história pessoal. - O nome próprio da minha avó era Assimina, mas chamávamos-lhe Mina. Era oriunda de uma família de negociantes gregos de Marselha. Nasceu em Odessa, passou a

infância em Marselha e chegou a Alexandria em 1902, onde casou com um empresário grego. A minha mãe nasceu portanto aqui em 1913. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando os Alemães ocuparam a Grécia, o rei exilou-se em Alexandria, seguido pelo seu estado-maior, bem como pelo exército, à época comandado pelos britânicos. Todas as forças navais gregas estavam ancoradas na baía, e os oficiais gregos, tão belos nos seus uniformes brancos, eram recebidos pelas famílias. A minha mãe apaixonou-se por um oficial daquela marinha no exílio e ficou noiva. O marido dela mantinha contacto com pessoas como Curiel (210), Minos ou Aghion que tinham previsto o destino do Egipto, e participava em reuniões clandestinas numa espécie de pensão na rua do Porto Oriental, mantida por uma grega, Augusta, casada com um maltês. A minha mãe, noiva, espantava-se pelo seu grego frequentar a casa de Augusta. Quando uma parte da armada grega se amotinou no porto de Alexandria, o meu pai foi um dos seus instigadores e dirigiu as operações da sua fragata, a Hefestos(211). A seguir foi obrigado a esconder-se porque a polícia inglesa o procurava. Depois da guerra, a minha avó arranhou-lhe trabalho na marinha mercante grega, pois conhecia o padrao de Stavros Onassis, que era da ilha de Quios.

*210. Estes contactos são evocados no livro sobre Curiel, *Un homme à pan*, de Gilles Penault.

*211. Hefestos, ou Vulcano, filho de Zeus.

137

Ele saiu do Egipto e eu nasci alguns meses depois, em 1947. O meu pai veio do Japão expressamente para o meu baptismo, na igreja de São Jorge do Cairo. Depois da cerimónia, a minha mãe acompanhou-o a Porto Saide, voltou a vê-lo mais uma vez na primavera de 1948 e depois nunca mais teve notícias. Sei que ele tinha ido para Saint-Nazaire a fim de embarcar num cargueiro com destino aos Estados Unidos.

Mas provocou novo motim. Trinta e dois marinheiros seguiram-no e todos juntos reivindicaram a melhoria das condições a bordo. O capitão pediu-lhes que abandonassem Saint-Nazaire o mais depressa possível, porque as taxas portuárias eram muito elevadas, prometendo-lhes estudar as suas reivindicações assim que se fizessem ao mar. Uma vez no mar, recusou-se a negociar. O meu pai fez parar as máquinas, mas o capitão chamou a polícia marítima que o levou de volta a Saint-Nazaire com alguns dos amotinados. No porto foram ouvidos pelos advogados do sindicato dos marinheiros que fizeram aos revoltosos a seguinte proposta: "Se partirem com o cônsul grego ser-vos-á aplicada a lei do mar, bem como a lei marcial grega, e acabareis exilados numa ilha do Mar Egeu, se confiarem na organização comunista ela proteger-vos-á e mostrar-vos-á o caminho da Utopia". Cerca de vinte marinheiros preferiram a aventura e entraram na clandestinidade em França pela mão de comunistas franceses. A minha mãe e eu ficámos sem notícias do meu pai até 1958, embora ela o procurasse por toda a parte. Mas a resposta era sempre a mesma: Desconhecido. Então um belo dia recebeu uma carta do meu pai, enviada da República Soviética do Uzbequistão e que começava assim: "O destino e a minha luta por um futuro melhor trouxeram-me aqui". E ele contava-lhe a sua odisseia Em Paris, na

clandestinidade, em Praga, onde trabalhara numa siderurgia, em Moscovo. Depois uma directiva de José Estaline exigira que todos os comunistas mediterrânicos, os refugiados de Espanha ou da Grécia, fossem reunidos no Uzbequistão. O meu pai trabalhava numa oficina dos caminhos de ferro e esta primeira carta, entusiástica, terminava com as seguintes palavras: "Fica onde estás, agora que o país é dirigido por um bom líder". O bom líder era Nasser, naturalmente. A minha mãe bombardeou-o com cartas às quais ele respondia com missivas carregadas de símbolos. Apercebemo-nos de imediato que ele pretendia escapar à censura. O seu entusiasmo inicial foi esmorecendo com o correr dos meses. Então, em 1960, recebemos da Embaixada da República Socialista da União Soviética no Cairo um certificado em russo, traduzido para grego por Vinogradov, embaixador da altura, anunciando-nos a morte do camarada camponês Kypreos, sujeito de origem helénica mas portador de um passaporte soviético, devido à tuberculose. Essa certidão de óbito fora emitida por uma secção da Ordem dos Advogados soviéticos, Interkollegia, que tinha a seu cargo os imigrantes europeus. Vinogradov propôs à minha mãe enviar-me para Moscovo estudar, mas tanto a minha mãe como a minha avó recusaram. Mais tarde, quando estava na Grécia, mantive contacto com refugiados que regressavam da União Soviética depois da amnistia. Procurei informar-me sobre a vida do meu pai, mas nunca obtive senão algumas informações vagas. Houve quem dissesse que ele voltara a casar com uma uzbeque, outros afirmaram que ele tinha tentado escapar com outro grego, através do Afeganistão, para entrar na esfera britânica.

- O que te apetece, Daniel, uma cerveja? Começa a fazer calor, não achas? E parece que continuamos sozinhos. Ao menos almoçamos em paz-...

A narração de Kypreos, esta vida de segredos, iniciada numas reuniões na pensão de Augusta e terminadas no exílio uzbeque, ou com uma rajada de metralhadora nas neves afegãs, acabava de me fazer voltar a mergulhar no mundo do romance de Tsirkas (212).

Ao sair do Clube Grego, fomos visitar a necrópole de Anfuchi.

- Esquecemo-nos muitas vezes que a catorze metros de profundidade, sob a cidade actual, existe a cidade helenística - disse-me Kypreos quando descíamos na penumbra dos túmulos.

O guia, um jovem egípcio, recusou a gorjeta que lhe estendi quando saímos. Tratava-se de um estudante de História que tinha uma única paixão, o tempo dos Ptolemeu.

*212. Cités à la dérive.

138 - 139

* * *

No dia seguinte era domingo e pensei que seria um bom dia para me dirigir ao mosteiro copta de Abou Mina (213). A presença de inúmeros peregrinos vindos de automóvel ou de carroça recordavam-me, caso eu tivesse estado tentado a esquecê-lo, que Alexandria, a antiga diocese de Éutiques, se mantivera uma cidade copta. O mosteiro, de construção recente, e flanqueado

por hotéis modernos e muralhas do século xix, reflectia a sombra das suas oito torres sineiras no deserto. Quando deparei com este conjunto de edifícios bastante vulgares pensei que o nome de Abou Minable (214), alcunha que lhe atribuíam, lhe assentava como uma luva. Mas uma centena de famílias com as suas roupas festivas piquenicava à sombra das muralhas, confortavelmente instaladas na relva dos jardins e numa atmosfera de grande alegria, enquanto padres celebravam missa numa capela, cujas portas se mantinham abertas e por onde penetrava a luz branca do deserto. Reinava por toda a parte um clima de grande confraternização, que não correspondia de modo algum ao que eu imaginava ser uma peregrinação ao deserto. Parecia-me estarmos muito afastados do ensinamento de Isaac: "Basta observar a imensidão do deserto para matar os luxos da alma". Abou Mina também era diferente dos mosteiros de Wadi El-Natroun, local célebre do monaquismo copta, que eu visitara aquando de uma estada anterior, e onde descobrira uma mistura singular de igreja primitiva (a mesa e o coro de pedra do antigo refeitório dos monges) e de clube inglês (o terraço onde se servia chá aos peregrinos sentados em velhas poltronas de couro, à sombra dos eucaliptos). Um padre copta, o padre Isozouros - rosto coberto pela barba, pequenos óculos de armação de ferro e um lenço preto na cabeça -, convidou-me para visitar a cripta.

*213. Menas era o nome de um jovem oficial egípcio que foi martirizado na Ásia Menor. As suas cinzas sepultadas perto do mosteiro actual tinham originado diversos milagres.

*214. Pode traduzir-se em português por "abominável". (N. da T.)

140

Assim, segui os peregrinos que desciam vários lances de escada até chegarmos a um grande hipogeu (215) onde jazia o sarcófago de

Cirilo, em preto e branco. Neste momento em que escrevo temo ter sonhado ou estar a inventar, mas tenho contudo quase a certeza que no iconostase havia também fotografias de Hailé Selassié, que era sem dúvida cristão, do coronel Nasser e do presidente Sadat. Antes de penetrar na cripta cujo chão estava alcatifado, comecei, como todos os outros, por descalçar os meus sapatos. Ao desfilar de seguida diante de Cirilo abster-me no entanto de beijar o sarcófago e de enfiar, como faziam os outros peregrinos, numa das frinchas do caixão um ex-voto garatujado num pedacinho de papel, não que os ritos ou as tradições da religião popular me repugnem, pelo contrário, vejo nelas a prova de uma grande frescura espiritual nestas relações directas com o divino e encontro muitas vezes consolação no espectáculo que outros tomam por vulgares práticas supersticiosas, mas porque a fotografia de Cirilo não me inspirava qualquer confiança e porque, fruto da minha experiência, desconfiava das hierarquias da Igreja Oriental, que contaram e ainda contam nas suas fileiras menos homens santos do que incontestáveis gangsters (216). Antes de regressar a casa fiz um desvio pelas ruínas circundantes do antigo santuário, que prosperou com Arcádio (217) e actualmente votado ao

esquecimento pelos peregrinos. O vento e o mar sopravam sobre a areia. Os vestígios da antiga cidade cristã onde se celebrava Menas, o santo patrono do deserto líbio, as suas pedras da cor dos ossos, os mármore da basílica esburacados pelo tempo, únicas testemunhas da vida que se retirara, vencida pelo deserto, opunha-se à que se mantinha e à agitação de Abou Mina.

*215. Túmulo subterrâneo. (N. da T.)

*216. Aproveito esta ocasião, e para evitar qualquer mal-entendido, para esentar publicamente a Monsenhor Nasrallah Sfeir, patriarca da Igreja Maronita, que ofendi um pouco num livro anterior, intitulado Chronique du Gib rebelle, o penhor da minha estima filial. Desde essa altura, Monsenhor Sfeir provou, e mais do que uma vez, pela coragem das suas palavras, que era um dos grandes patriarcas da história oriental.

*217. Imperador romano do Oriente entre 395 e 408.

141

As ruas de Alexandria estavam vazias quando regressei e questionei-me sobre que fenómeno me permitiria circular tão agradavelmente de uma ponta à outra da cidade, quando o porteiro do Ramada me disse que a população estava reunida em torno dos seus televisores desde que corriam rumores de um atentado integrista contra a Embaixada do Egipto em Islamabad. Nessa mesma noite jantava eu com alguns amigos, entre os quais Kypreos. A história do pai dele não me saía da cabeça. Enquanto os nossos anfitriões nos serviam abundantes doses de uísque sobre montanhas de gelo, perguntei-lhe porque nunca tinha tentado saber mais, ao que ele retorquiu:

- Mas é claro que eu tentei!
- Mas não me tinha dito!
- Não tinha a certeza de que esta história te interessasse, porque, ao fim e ao cabo, são apenas histórias de gregos.
- De gregos de Alexandria.
- Tá bem, tá bem!
- E ainda por cima Tachkent fica muito próximo da Alexandria Remota, a mais longínqua fundação de Alexandre.
- Nunca saímos do mesmo assunto.
- E então?
- Afinal entre 1989 e 90 dirigi-me à Interkollegia, em Moscovo, na oulitsa Kalinaskáia, não muito longe do Kremlin. Era num edifício do século XIX; ao lado estavam a construir um MacDonalds. Já lá não existiam arquivos. Indicaram-me um café decadente e obscuro onde os velhos gregos se encontravam. Falei com um deles, que esquecera a própria língua e me desencorajou dizendo: "Em Moscovo não tínhamos muito contacto com os que viviam em Tachkent", mas ao aperceber-se da minha decepção acrescentou: "Volte amanhã, vou tentar saber alguma coisa..."

"Quando voltei ao café no dia seguinte, um cavalheiro muito idoso disse bem alto sem me olhar "Quem é este?". "É ele, é o filho dele" respondeu-Lhe aquele que eu encontrara na véspera. "Ah! És tu... curioso... fui vizinho do teu pai... em Tachkent...". Não conseguiu dizer-me mais nada. Lembrava-se do nome dele, da sua silhueta, de terem vivido ao lado um do outro esporadicamente. Mais nada.

O voo da Lufthansa para Tachkent partira de Frankfurt no final da tarde, com uma dúzia de passageiros. Já voávamos há várias horas e eu olhava a noite através da vigia. Uma lua ebúrnea, estrelas brilhantes, a Terra envolta no seu manto de mistério, e de vez em quando as luzes de um outro jacto que se aproximavam para se afastarem logo de seguida. De repente uma luminosidade alaranjada, semelhante à aurora, projectou-se na asa direita do avião. Era o luar que refulgia e refractava nas águas quase mortas do Mar de Aral, cujo desaparecimento os cientistas anunciam para o ano 2000. Uma hora depois, o avião aterrava em Tachkent (Uzbequistão). Reunidos na passagem com um calor espesso e imóvel, os passageiros foram convidados a aguardar o velhíssimo autocarro da Intourist que deveria conduzi-los aos edifícios da aerogare, distantes apenas uns duzentos metros. As manobras do tal autocarro foram tão demoradas e principalmente de tal modo incompreensíveis, para percorrer uma distância tão curta, que um passageiro alemão perguntou à hospedeira se ela não achava que o condutor bebera demasiada aguardente, ao que ela retorquiu sorrindo:

- Talvez um pouco de vodka.

Fomos convidados a subir para o autocarro mas o veículo imobilizou-se, as portas ficaram fechadas a meio do caminho, ao fim de uma centena de metros, durante cerca de dez minutos. As pistas, todos os edifícios e a torre de controlo estavam mergulhados nas trevas, o nosso avião era sem dúvida o único na noite, e os homens de negócios alemães começavam a ficar fartos e a temer que permanecêssemos fechados enquanto esperávamos que o condutor acabasse de cozer a bebedeira, se havia de facto vodka, o que parecia provável. Quando o autocarro se dignou partir, fê-lo de modo brutal, atirando-nos a todos ao chão para cima das bagagens, depois deu um solavanco, o motor engasgou-se e expeliu grossos rolos de fumo enquanto nos dirigíamos a uma espécie de hangar. A hospedeira puxou do walkie-talkie enquanto nos conduzia até umas grandes portas de ferro.

142 - 143

Ela confrontava a fadiga dos seus passageiros com um sorriso profissional, enquanto falava para o walkie-talkie sem levantar o olhar das portas, como se estas se fossem abrir naquele momento. Um quarto de hora depois, continuávamos no mesmo local, o aeroporto permanecia escuro e silencioso e a hospedeira, que guardara o seu walkie-talkie no saco, tamborilava com os punhos nas portas mudas e quedas. Por fim as portas abriram-se para um longo corredor mal iluminado e fedendo a urina.

Os oficiais da alfândega, serenos como homens que tivessem tido tempo para terminar a sua garrafinha de vodka, submeteram-nos a um controlo tão expedito quanto minucioso. Chegara a Tachkent.

Um dia sombrio aquele 26 de Junho de 1996, que começava a nascer quando eu atravessassei a cidade sob uma chuva alaranjada.

Só algumas horas mais tarde descobri que Tachkent era uma cidade grande, de arquitectura estalinista, ensolarada, prostrada pelo verão, mas muito agradável, e que parecia

dotada para a felicidade, com muitas manchas verdes, parques, fontes e lagos onde as crianças tomavam banho, árvores ladeando todas as avenidas, estátuas de Taimur-i-lang (218), o senhor de ferro coxo, emir de Transoxiana e conquistador célebre por edificar à sua passagem torres de crânios e reunir na sua corte em Samarcanda os cérebros mais talentosos e conhecedores do seu tempo, uma estação de metropolitano denominada Cosmonauta, comboios de veículos militares cujos capôs ainda mantinham sinais das velhas estrelas vermelhas pintadas agora de verde tropa, um café moderno, o Emir, frequentado por jovens mafiosos locais e por diplomatas americanos, onde se podia beber uma skoll gelada num terraço e onde um acordeonista, todos os dias sentado no mesmo passeio do mesmo parque, retirava do seu instrumento sons incrivelmente belos e dilacerantes. A cidade foi atingida por um tremor de terra no dia 26 de Abril de 1966, que parou todos os relógios no mesmo minuto, às 5 horas e 23 minutos. No total, mais de mil réplicas sentidas em todo o país.

*218. Taimur-i-lang ou Tamerlão, 1336-1405. O culto oficial de Tamerlão em voga naquela época em Tachkent parecia-me tanto mais fervoroso quanto visava fazer esquecer o culto rendido, ainda ontem, ao camarada Lenine.

144

Os Uzbeques tinham presenciado um outro sismo, menos intenso, a 31 de Julho de 1991, quando a República Socialista Soviética do Uzbequistão proclamara a sua independência.

Após algumas noites no Hotel Uzbequistão - prostitutas de todas as espécies em cada andar, jovens audaciosas com aspecto de madonas e velhas empregadas fatigadas da Intourist convertidas à massagem body-body (219) -, eu encontrara por fim

cama e roupa lavada num local que era provavelmente um dos mais agradáveis da cidade, o Instituto Francês de Estudos sobre a Ásia Central. O tremor de terra quase destruíra por completo Tachkent e os edifícios que se tinham mantido de pé haviam sido entregues às pás das escavadoras, com algumas raríssimas excepções, entre as quais um conjunto de velhas moradias baixas, de um só andar, rodeadas de jardins e latadas, próximas do Museu da História dos Povos do Uzbequistão. O I.F.E.A.C. tinha instalado os seus escritórios, a sua biblioteca, uma cozinha e alguns quartos, de um conforto sumário, numa dessas casas semelhantes a uma datcha(220)modesta e meridional. O pátio, sombreado por uma latada e pelos ramos de uma romãzeira e de um albricoqueiro cobertos de frutos, abrigava uma mesa onde era possível escrever e almoçar, e a cama de campanha do guarda-nocturno, um estudante Uzbeque, que nunca ninguém incomodava. O director do Instituto estava em França, o que eu lamentei, porque me tinham dito que era um especialista em Alexandre. Mas o seu secretário-geral, um cooperante saído do Instituto de Ciências Políticas de Grenoble, Arnaud Ruffier, ofereceu-me hospitalidade e foi assim que me tornei hóspede daquele instituto durante algum tempo. Todos os dias o pessoal, estudantes ou pessoas de passagem, encontravam-se ao almoço no pátio, o plov e o chá eram excelentes. Entre aqueles rostos familiares, lembro-me de um homem de cãs e dentes de ouro,

chamado Khoudáicoul Ibrahimov. Nascido numa aldeia próxima da fronteira tadjique,

*219. Em inglês no original, significa Kcorpo a corpo. (N. da T.)

*220. Casa de férias em russo. (N da T.)

145

não longe de uma outra aldeia denominada Iskandar, ou seja Alexandre. O pai dele possuía um pomar, criava animais domésticos e tinha sido deportado para a Sibéria. Depois de ter estudado no Instituto de Línguas Estrangeiras, Khoudaïcoul tinha começado a trabalhar com professores franceses e nunca mais parara. A guarda-livros do Instituto era uma quadragenária gorducha, de olhos pretos, chamava-se Dominique Guillerm, ligada ao centro através de um contrato provisório. Ela e o marido levavam há muitos anos vida de nómadas.

"Mopitessier, o navegador solitário, é uma espécie de nosso pai espiritual", dissera-me ela quando a interrogara. Tinha passado vários domingos a procurar ouro nos montes Tian-Chan e parecia impaciente por voltar a embarcar no seu barco, ancorado em Dakar. A bibliotecária do Instituto, Alié Akimoua, era uma tártara da Crimeia. Apreciadora incondicional de Mauriac, Barrès e Malraux, contou-me pouco depois de eu chegar a deportação do seu povo durante a guerra:

"Passou-se tudo numa única noite, na noite de 18 de Maio de 1944, e em toda a Crimeia ao mesmo tempo. Deram-nos quinze a vinte minutos para fazermos as malas. À hora do jantar - os tártaros jantam muito tarde. Ninguém sabia para onde nos levavam. Os soldados serviam-se ao passar. O ouro e as jóias. Os pratos ainda fumegavam na mesa da casa de jantar quando nós partimos. Àqueles que protestavam, os soldados respondiam: "É uma ordem, se não estão contentes escrevam a Estaline". E enfiavam-nos em comboios. A nossa viagem em direcção à Ásia Central durou um mês. Sem alimentos, pouca água, epidemias. As pessoas morriam como moscas. Nem tínhamos autorização para enterrá-las. Fizemos uma paragem no deserto. Escavávamos a terra com as mãos para nos protegermos do sol. A disenteria e a morte grassavam entre nós. Foi depois da estepe da fome que percebemos que estávamos em Tachkent. Na época do Gorbachev, alguns tártaros regressaram à Crimeia, mas já não eram donos das suas terras e passámos lá mais um ano de deportação. Eu estou bem aqui, em Tachkent, nasci muçulmana, como todos os tártaros da Crimeia. Mas fui ameaçada porque traduzi o Novo Testamento. Descobri o Novo Testamento através de Renan e de Teilhard de Chardin. Não o considero um livro sagrado, mas uma obra genial. Nele descubro o reflexo do meu coração. É a personagem de Jesus que me apaixona. Para onde hei-de eu ir? Para a Rússia? Não, lá eu seria sempre uma tártara. Mas preocupo-me, não gostaria de viver num país muçulmano; o que irá acontecer depois de Karimov, o nosso actual presidente? Há cada vez mais mesquitas e os próprios tártaros buscam a sua identidade no Islão. E depois? Estaline era um déspota e um conquistador, e os povos aspiram desde sempre e durante muito tempo por este tipo de personagem".

Entre os hóspedes passageiros contava-se um estudante de línguas orientais e três viajantes acabadas de chegar de Boukara de autocarro, entre as quais uma mulher com um rosto

muito bonito e cabelos pretos, que tinha modos discretos e adequados e já publicara um livro em Paris, na editora Denol. Ela disse-me que tinham passado uma noite em Kodjende. Kodjende era o nome da antiga Alexandria Remota.

* * *

Uma vez em que conversava com o Khoudaïcouï, ouvi-o inesperadamente contar-me que, tendo abandonado temporariamente a universidade por causa dos seus resultados muito fracos em química, e regressado à sua aldeia, tinha trabalhado num estaleiro com doze gregos - pedreiros, electricistas, soldadores e assentadores de telhados -, comandados por um tal Ladziz Kosta a quem os uzbeques chamavam Kosta Aka, ou irmão Kosta.

- Gregos?

- Sim, eu tinha dezasseis anos e era servente. Falavam grego uns com os outros, comiam comida grega, enquanto trabalhavam entoavam velhas canções gregas com uma voz arrastada e a Grécia era quase sempre o assunto das conversas deles. Eu gostava muito de um daqueles operários. Chama-se Atanásio e tinha um amigo cego, um grego da montanha que dançava muito bem.

146 - 147

- Conheceu muitos gregos?

- Bastantes.

- Nunca ouviu falar de um certo Kypreos?

- Como?

- Kypreos.

- Esse nome não me diz nada. Mas sabe; havia imensos gregos em Tachkent. Nos anos setenta o melhor jogador de futebol do Uzbequistão, um jogador do Spartak, chamava-se Khadzipanaks. O mais estranho é que o facto de termos tantos gregos no nosso país, como se retomassem as pisadas do Macedónio, era por causa do Estaline, é verdade...

A entrada das tropas do exército alemão em Atenas durante a guerra tinha provocado um primeiro êxodo para Alexandria. O contingente britânico que desembarcara no Pireu por ordem de Winston Churchill, depois da partida dos alemães, para impedir a chegada dos comunistas ao poder, provocou uma guerra civil que se prolongou por vários anos, e cujo desfecho, infeliz para os comunistas, em 1949, dispersara os vencidos por todos os países do Leste. Cerca de 15.000 desses exilados vieram parar a Tachkent. Singular odisseia. Refugiados na Albânia, eles aguardaram algumas semanas que o camarada Estaline decidisse da sua sorte. Embarcados em cargueiros americanos do tipo Liberty, alugados pela URSS, tripla ironia da sorte, deram início a um longo périplo marítimo e ferroviário. Embarque no porto albanês de Durres, navegação no Mar Jónico, passagem a sul de Creta em direcção ao Bósforo, depois o Mar Negro até ao porto de Poti na Geórgia, de comboio até Baku, desvio por Krasnovodok, de seguida, sempre de comboio, através do deserto Karakum até Tachkent, onde chegaram na véspera do aniversário da Revolução de Outubro. Na verdade, Estaline tinha mandado os mutilados de guerra para a Polónia, as

famílias, os velhos e as crianças para a Checoslováquia e os solteiros de boa saúde para Tachkent. Os exilados de Tachkent (221) compreenderam rapidamente

*221. La Colonie hellénique de Tachkent, 1949-1991, recordação de D. E. A., de Dimitri Karga.

148

que tinham chegado ao fim do caminho e que o regresso ainda iria demorar muito. Organizaram-se para manter, juntamente com os seus jornais o Prostniki (222) e o Neos Dromos (223), a sua orquestra Bouzouki e as suas mulheres uzbeques. O pai de Kypreos era um destes desterrados da história. Após o fim da ditadura, e depois da queda de Junta, muitos dos sobreviventes tinham regressado a suas casas, mas em Tachkent permaneciam ainda três mil, que repetiam todas as tardes em frente de uma chávena de chá a amargura de uma vida defraudada e muitas vezes inteiramente esquecidos dos caminhos que os tinham conduzido até ali, onde permaneciam, e não faziam mais nada se não aguardar a morte.

* * *

Foi a chamada de um almuadem que me acordou. Eram quatro horas. Às cinco, o automóvel saiu de Tachkent pela estrada do Hipódromo. As primeiras emanações do dia misturavam-se aos fumos dos escapes de centenas de semi-reboques, vindos da vizinha China, da Turquia, do Cazaquistão, da Rússia, e aglomerados no imenso terreno que servia de mercado ao fundo da cidade. Falávamos das cidades do mundo nossas conhecidas, das cidades onde habitavam os homens. Nós: a Margarita Filanovitch, a Tatiana Bilaieva e este vosso servo. A Margarita, russo-polaca, evacuada de Leninegrado em 1943 para Tachkent, terra incógnita. Tinha travado conhecimento com a História da Grécia e da Macedónia no seu primeiro dia de aulas. Dotada de uma expressão um pouco triste, que se tornava entusiástica quando ela falava dos seus compatriotas, ainda bonita. Dois grandes traços de eye-liner nas pálpebras, à maneira dos dos anos sessenta. Profissão: arqueóloga. Primeiras escavações em Merf, a antiga Alexandria magiar.

*222. A caminho da vitória.

*223. Novo caminho.

149

Animara por diversas vezes seminários na rua Ulm e tinha saudades do Quartier Latin.

Tatiana Bilaieva, russa, loira, baixa, bem nutrida de carnes, óculos de aros de ferro finos, também ela arqueóloga. Em Tachkent eu pudera constatar que as minhas duas companheiras de viagem levavam uma vida muito parca, privadas

de trabalho e de rendimento após o desmembramento da URSS. "A miséria", tinha-me dito Margarita, "é a nossa herança do sistema soviético". Junto às naves laterais, cachos de mulheres de pé, envergando vestidos muito compridos cor de amaranço, esperavam o autocarro no meio dos sacos que levavam para o mercado. Seguíamos por uma estrada que se assemelhava a uma pista de descolagem de air-bus, mas só nos cruzámos nesta infundável sucessão de placas de betume, cujos encaixes medíocres faziam saltar as nossas rodas, com carroças puxadas por cavalos que pareciam surgir a galope da eternidade asiática. Ao passarmos diante de um túmulo, a Margarita disse-me que se tratava de um vestígio zoroástrico.

- Fiz escavações em alguns e mormente num templo pré-islâmico, muito bem conservado, abandonado há séculos. Um dia fui contactada por um indiano parse (224) que estava a construir um hotel em Tachkent. Era zoroastrista (225) e pretendia

rezar num Templo do Fogo. Ouvira falar da minha descoberta e eu conduzi-o ao templo, um pouco antes do crepúsculo. Ele tinha um chapéu lacado a preto e o seu cinto ritual, uma espécie de corda de três cordões, sob o seu fato ocidental. Vi-o rezar naquele templo deserto como um mago mazdeísta no tempo de Alexandre.

Atravessámos uma planície monótona. Horizonte nebuloso,

*224. Parse, referente ao "povo da Pérsia", grupo de iranianos de religião mazdeísta (ou zoroastriana) expulsos da Pérsia no século viii pelos Árabes e refugiados na Índia, nos arredores de Bombaim. Ainda hoje conservam o hábito de expor os corpos dos seus mortos para serem descarnados por aves de rapina dentro de Hcircuitos de silêncio (conhecidos pelos europeus como "Torres de Silêncio", pela forma circular da construção e pelos locais isolados onde se constróem. (N. da T.). As ossadas são depois conservadas em potes de argila.

*225. Religião fundada por Zoroastro ou Zaratrusta (626 a.C. - 551 a. C.).

ervas altas, aldeias de antigos colonos russos da época estalinista, uma linha de caminho de ferro, depois a pequena aldeia de Tchianz, banhada pelas águas de um afluente do Sir-Daria, o antigo Iaxartes da época alexandrina e cujo mercado de peixe me intrigava.

- Infelizmente já não há esturjões... - disse-me a Margarita batendo as pestanas.

Havia zonas cultivadas, ruínas de antigas fortalezas enterradas, poucas pessoas. Depois da auto-estrada, numa sinuosidade do caminho, alguns milicianos tomavam chá e tostas de pão à sombra de uma guarita: o primeiro posto tadjique, ultrapassado sem qualquer dificuldade apesar da nossa falta de vistos e dos problemas causados no Tadjiquistão pelas investidas de tribos afegãs, desejosas de não deixarem arrefecer os seus lança-foguetes e os canhões da sua artilharia ligeira. Depois da fronteira, a paisagem animou-se. Saltitámos inúmeras vezes entre o Tadjiquistão e o Uzbequistão e novamente do Uzbequistão para o Tadjiquistão, uma vez que a

estrada tecia as suas malhas no ponteadado fronteiroço. De todas as vezes, os soldados e os funcionários da alfândega erguiam as suas barreiras sem nunca nos prestarem qualquer espécie de atenção, dado que pareciam todos obcecados por um ponto no horizonte que fixavam com os seus binóculos, numa direcção em que os meus olhos não lobrigavam nada excepto rebanhos que pastavam, guardados por uma dezena de cavaleiros saltitantes. Entre dois desses postos, distantes um do outro apenas algumas dezenas de metros, existiam duas casas de janelas azuis e uma fonte de água pura, descoberta em 1948, que jorrava de uma profundidade de mil metros. Parámos para nos refrescar e encher as nossas vasilhas de plástico. A nossa chegada a Havotag provocou um ajuntamento à escala dessa aldeia medíocre. Um dos homens da aldeia, um velho magro e de pele morena, que, à semelhança dos seus conterrâneos, envergava um tubizeka, um pequeno chapéu quadrado da região de Fergana, ergueu-se, martelou a terra com a sua bengala e cantou um hino a Estaline no meio da hilaridade geral. Do outro lado da estrada viam-se os edifícios de um sanatório, com quiosques em madeira pintada, bancos em frente uns dos outros, um rio

151

e maciços de rosas. Homens de pijama fumavam e conversavam tranquilamente à sombra, enquanto algumas mulheres varriam as alamedas do parque. A Tatiana Bilaieva conhecia muitos aldeões e empregados do sanatório, já que tinha vivido em Havotag enquanto dirigia as escavações de um local situado numa colina vizinha, onde parecia repentinamente impaciente por nos conduzir. Fez-nos descer até às profundezas de um valezinho arborizado, subir o aclave seguinte, de seguida escalar uma colina mais elevada do que as outras, que dominava a estepe, e cujo solo estava juncado de pedacinhos de cerâmica e semeado de múltiplas fundações. Mal chegámos ao cume deste outeiro ela pôs-se a falar num tom loquaz e num ritmo acelerado:

- Olhem, foi neste pequeno ribeiro que corre aos pés deste muro que Alexandre penetrou para se apoderar da aldeia que se tinha revoltado após a sua partida. Houve inúmeros combates junto às muralhas, o Macedónio tinha colocado enormes máquinas de guerra e catapultas, mas a muralha era inviolável, já que era um prolongamento da rocha. O cerco durou dez dias, em vão. Então ele deslizou pelo leito seco de um braço do ribeiro, esta cena passava-se no outono, antes das chuvas, e passou sob a muralha. Escavámos em diversos locais. Eu própria encontrei três objectos oriundos da Grécia. Uma chave, um estrígil, espécie de pequena escova de que os gregos se serviam para limpar a pele à saída do banho, e o punho de um estandarte macedónio. O Macedónio tinha mandado construir uma rede de canais para fornecer água à aldeia...

A Tatiana Bilaieva levava-nos de uma colina para outra, infatigável apesar do sol e do calor, lançando-se por entre arbustos espinhosos e cardos-corredores mal avistava qualquer coisa, uma pedra, uma vala, um montão de ruínas que lhe recordavam escavações anteriores.

- Olhem - gritou de repente - os alicerces de uma forja aqueménida (226), e aqui, são os banhos, as caldeiras, e ali havia uma fonte votiva, com uma estátua, e olhem,

*226. A dinastia dos Aqueménidas reinou sobre o Império Persa a partir de Ciro II, de 536 a 330 a. C., ou seja, até à derrota de Dario perante Alexandre.

152

ali em baixo, foi exactamente por ali que o Macedónio penetrou na cidade (227), foi ali que ele foi ferido.

À nossa volta a estepe estendia-se a perder de vista sob um céu ardente, plantada de trigo e cultivada sobre as terras do Kolkhose Moscovito, coberta por uma erva hirsuta e rígida que existia, porém, em toda a parte, abandonada a hordas de cavaleiros que desenhavam elipses em cavalgadas ardorosas, previamente assinaladas por nuvens de poeira que se mantinham em suspensão como um enigma, embora eles já tivessem partido há muito tempo. Permiti-me dizer à Tatiana Bilaieva que era agradável constatar até que ponto o seu entusiasmo profissional se mantinha intacto. Ela corou ao de leve e fiquei aborrecido comigo mesmo por a ter envergonhado. Mas ela desatou a rir e disse após um longo silêncio:

- Eu deixei de trabalhar. Há já muitos anos. Não há dinheiro para a arqueologia. Mas continuo a ler e quando leio textos sobre o Macedónio, ainda que sejam a maior parte das vezes textos com os quais já estou familiarizada, a minha alma canta.

A Tatiana e a Margarita conduziram-me de seguida para a aldeia de Ouratepa, onde nos interessámos em primeiro lugar, a excepção não faz a regra, pelos vestígios de um passado recente em vez de vestígios remotos. A cidade, uma antiga etapa da Rota da Seda, actualmente uma cidade industrial de quatrocentos mil habitantes, enriquecida por um turismo que se tornou moribundo e pela proximidade das bases de treino dos cosmonautas soviéticos, fora na verdade o teatro de violentas revoltas algumas semanas antes da nossa passagem (228). O exército

tinha disparado, matando uma pessoa, e causando diversos feridos. A câmara municipal e a casa do magistrado do Ministério Público tinham sido atacadas. Diversas fachadas, arruinadas e enegrecidas por incêndios e nomeadamente a de uma caserna da polícia, mantinham-se ainda como testemunhas da violência de um movimento popular que escapara a qualquer controlo durante quarenta e oito horas.

*227. Lembro-me que Tatiana tinha identificado esta cidade como tratando-se de Ciropolis, ou Cir-Distante, que fora abandonada pelos seus habitantes no século ii.

*228. Revoltas de 14 e 15 de Abril de 1996.

153

Foi apenas depois de verem estes eloquentes escombros que Margarita e Tatiana me conduziram a uma colina à saída da cidade. Queria por força mostrar-me fossos rodeados de muralhas rebaixadas.

- Uma parte do muro data da época helenística - disseram-me -, e o Macedónio deixou uma guarnição militar neste local.

Eu sabia que depois de Ouratepa chegaríamos a Kodjende.

Vislumbrei a cidade sob um sol abrasador, no centro de um oásis verdejante, com arrozais, às portas do vale de Fergana, e dominada por uma montanha de rochas ocre acinzentadas.

- Olhe para esta paisagem - pronunciou Tatiana - não acha que se assemelha à Macedónia?

Perto da ópera Pushkine erguiam-se os muros da antiga fortaleza que dominava um parque. Mulheres vestindo o fato tradicional bebiam chá e comiam pão e azeitonas, prostradas pelo calor. Alguns homens rezavam de joelhos, sobre o seu tapete de orações. Sombras espessas formavam um passeio onde as famílias iam e vinham num passo fatigado. No fundo do parque alguns degraus conduziam às margens do rio. As águas verdes e direitas do Sir-Daria corriam com alguma majestade entre dois diques de cimento, mas a nossa margem estava coberta de ervas e de caniços. Crianças tomavam banho, um pastor de calções vigiava as suas ovelhas. Havia dejectos que exalavam um odor fedorento. A cidade possuía um antigo passado industrial. Produzia tractores, tecido de fantasia em algodão mercerizado, produtos químicos. Na era medieval esta cidade cunhava a sua própria moeda à porta de uma mina de prata. O subsolo era igualmente rico em carvão e em ouro. Na outra margem do rio os tectos dos pavilhões industriais brilhavam ao sol.

- O Iaxartes marcava para Alexandre a fronteira do mundo civilizado, e os Citas desprezavam-no com insolência e ameaçavam-no do outro lado do rio - disse a Margarita. - Os guerreiros macedónios tinham sido alvejados com flechas e ele decidiu transpor o Iaxartes num local em que o leito é mais estreito, para fazer uma curta demonstração militar. O nome chinês do rio é Iocha, o que significa rio das pérolas. Aqui, em Alexandria-Remota, as suas águas ainda são puras mas estão a ficar cada vez mais poluídas, infelizmente...

A Margarita sorria. Como Tatiana Bilaieva, mas também à semelhança de Cavafis e como um certo número de alexandrinos com quem eu deparara desde que chegara de autocarro à Alexandria original, vindo do Cairo, Margarita Filanovitch olhava o mundo com lentes bifocais. Um passado antigo, com mais de dois mil anos, que se animava incessantemente diante dos seus olhos, menos spectral talvez que as aparências do presente que a rodeavam. Estávamos em Kodjende, ex-Leninabade, naquele dia de Junho de 1996, a 28 para ser exacto, fazia um calor de morrer e ela via o Macedónio de pé, sobre as muralhas da sua Alexandria-Remota, a sua cidade do fim do mundo, num dia do ano 327, before J.-C. indeed (229), reunindo os seus lanceiros trácios, os seus lanceiros de dardos agrianos, os seus cavaleiros tessalonicenses e os mercenários arrebanhados ao longo das suas conquistas, já impaciente por ser o primeiro a atirar-se ao rio que contornava não apenas o mundo mas o conhecimento. Uma estátua monumental parecia convidar-nos a cruzar as águas. Interroguei as minhas duas guias:

- Alexandre?

- Não, Lenine.

Numa tasca de madeira, bebemos grandes copázios de Jiguli, a cerveja local servida à temperatura ambiente, depois regressámos pelo caminho do parque até às ruínas da fortaleza, apoiados à mesma rocha que Tatiana e Margarita escalaram com uma agilidade que me desconcertou.

- Há vinte e sete metros de sedimentos. Os mais antigos, alvenaria empregando tijolos convexos, são da época aqueménida. Os mais recentes datam do século xii ou do século xv. Entre estas duas épocas encontramos vestígios

helenísticos. O Macedónio não tinha fundado esta Alexandria. Ele baptizara a cidade aqueménida que ocupava uma área de quinze hectares, denominara-a Alexandria-Remota e tinha dilatado as suas defesas.

*229. Em inglês no original, significa "antes de Jesus Cristo é claro". (N. da T.)

154 - 155

O plano inclinado da fortaleza estava ocupado por casernas tadjiques. Soldados dormitavam, de tronco nu, numa grande horta entre dois depósitos de mercadorias. Outros, cobertos com chapéus amplos, à Baden Powell, participavam sem qualquer empenho em exercícios vagos. As melopeias difundidas pelos altifalantes formavam um contínuo fanhoso e ensurdecidor que envolvia a cidade inteira. Alexandre anunciava o Cristo, mas acabou por ser o Islão que realizou o império com que ele sonhara por vezes, de uma Alexandria Remota até Tanger, dos confins de Dioniso até às Colunas de Hércules. Deixámos Kodjende, ex-Leninabade, Alexandria-do-fim-do-mundo, através do lindíssimo vale de Fergana, cruzando-nos ao longo do nosso caminho com carruagens puxadas por parelhas de cavalos e motocicletas com side-car, através de veredas de damasqueiros de ramos vergados sob o peso dos frutos dourados. Um pouco por toda a parte, sob a folhagem, homens e mulheres conversavam, confortavelmente instalados em amplas banquetas de madeira. Seguiu-se o regresso a Tachkent, através das primeiras gargantas dos montes Tian-Chan. Operários de cócoras cozinhavam a sopa em grandes fogueiras em frente das aldeias de iurtes (230), observando os enormes semi-reboques que passavam a grande velocidade nas encostas. A noite já lançara todos os vales nas trevas, repelindo por instantes ainda a luz para os cumes cobertos de neve, de gelo e de sol.

Rodámos ainda durante várias horas antes de chegarmos a Tachkent. A Tatiana Bilaieva dormia. A Margarita Filanovitch mantinha-se calada. O enebriante perfume das flores de altitude, que ela fizera questão de colher à borda de um precipício, tinha-a entontecido um pouco. Fiquei entregue aos meus pensamentos. Não tinha visto grandes coisas em Kodjende. Uma pequena aldeia asiática, flanqueada por velhas muralhas, mergulhada numa narcose que eu não sabia se devia atribuir ao verão, a um Islão marginal ou à saída embotada do comunismo. E as águas planas do Iaxartes.

*230. Tenda, cabana de nómadas no norte e centro da Ásia. (N. da T.)

156

Quando Alexandre tinha chegado a estas margens, a cidade aqueménida com que deparara naquele lugar, conquistada e reivindicada, a sua assinatura constante, situava-se mais ou menos (231) num ponto equidistante dos quatro pilares que iriam ser o esteio da era axial da Humanidade, iniciada nos séculos viii

a v antes de Jesus Cristo, de que falava Karl Jaspers, e sobre o qual se edificaram as grandes civilizações do planeta. Paradoxo: é também igualmente a cidade dos confins, a borda do abismo, a cidadela que ele pretendia deixar como testemunho da sua gesta. E um excelente observatório dos mistérios. Que permanecia da sua passagem, dos seus sonhos de fusão entre o Oriente, ou os Orientes e o Ocidente? Nada. Apenas muros enterrados, cacos de cerâmica, pontas de flechas na peneira de Tatiana.

Alexandria já não existia em Kodjende. A própria Megalopolis (232) também já não existia quando Pausânias passara pela Arcádia. Megalopolis foi fundada pelos arcádicos no meio do entusiasmo geral e acompanhada pelas maiores esperanças por parte dos gregos. Toda a sua belíssima ordem e o seu antigo contraste desapareceram e hoje não passa de um monte de ruínas. Não fiquei de modo algum surpreendido, pois sei que a divindade anseia sem cessar pela novidade e a Fortuna tudo altera de igual modo, tanto o forte como o fraco, tanto o que nasce como o que morre, que ela conduz com uma necessidade imperiosa a seu bel prazer... A Babilónia, o santuário de Baal está abandonado, da Babilónia que foi outrora a mais importante das cidades existentes à face da Terra, não existia senão a muralha. O mesmo se pode dizer de Tirinto(233) de Argólida (234).

231. A Grécia pré-socrática, a Índia dos Upanissades e do Budismo, a China de Confúcio e de Lao-Tsé, o Irão de Zaratrusta.

*Livros sagrados da Índia, que completam os Vedas no ponto de vista da explicação da doutrina, e onde se encontra o ponto de partida da filosofia indiana. (M. da T.)

*232. Cidade fundada no ano 370 a. C., centro da confederação arcádica, aliada de Filipe da Macedónia, arrasada em 222 e novamente reconstruída.

*233. Cidade do Peloponeso, de onde era natural Hércules. (N. da T.)

*234. Região do Peloponeso onde se erguiam as cidades de Argo, Epidauro, Nauplia, Hermione, Trezana e Tirinto. (N. da T.)

A divindade reduziu-as a nada. Pelo contrário, acrescentava ele, a cidade de Alexandre no Egipto e a de Seleuco nas margens do Orontes, fundadas ontem ou antes de ontem, atingiram um tal poder e uma tal prosperidade que a Fortuna lhes estendeu os braços... É tão verdade que as coisas humanas dependem da ocasião e nunca estão garantidas. Naquele dia eu tinha recebido uma nova prova da falta de evidência das coisas humanas, pois que no momento em que partimos de Kodjende, passando sucessivamente por uma fábrica de tratamento de resíduos de urânio e pelas ruínas de um acampamento militar de Alexandre, num local conhecido por o Romano, a Tatiana tinha-me confessado que por vezes pensava que a ideia de situar a antiga Alexandria-Remota em Kodjende tinha sido um erro.

- Nós arqueólogos, discutimos por vezes quando se trata de identificar determinado local. Alexandre empreendera nesta terra aquilo que se denominou como a campanha das cinco cidades. Estou convicta de que a Alexandria Remota se encontrava em Gaza e não em Kodjende.

O motor ronronava. Os cumes dos montes Tian-Chan sucediam-se, envoltos na sombra, como penitentes no tecto do mundo, com o seu capuz de neve, que o anoitecer tornava cinzenta com reflexos metálicos. Logo a seguir a noite tornou-se mais espessa, impenetrável. Quase não nos cruzávamos com outros carros, apenas caravanas de mastodontes, conduzidas por kamikazes numa estrada estreita, muitas vezes ladeada por ravinas de um lado e do outro pela rocha. De tempos a tempos uma aldeia, que os faróis descortinavam. Chamas de bivaques. Um posto móvel de guardas fronteiriços. Nas faldas da montanha, escavadoras que alargavam a estrada, iluminadas pelos halos cruzados de projectores brancos. E as minhas duas russas que dormiam, com a nuca dobrada e projectada para trás, uma contra a outra. E se a Tatiana Bilaieva tivesse razão? Kodjende não era forçosamente a Alexandria Remota. Quem sabe Mas afinal que importância tem Kodjende, Nurata, Nurtepa, Gaza, Quirópolis, Kurkat, nenhuma destas cidades conservava vestígios insígnies daquilo que fora sem sombra de dúvida uma das aventuras supremas da Humanidade(235). Nenhuma delas patenteava um eco concreto da notoriedade da Alexandria do Egipto. Tanto na Índia como em Bactriana, dinastias gregas tinham reinado muito depois da passagem do Macedónio, com uma autoridade que se aproximava do prodígio(236). Tinham prolongado a Grécia numa altura em que Atenas há muito curvara ojoelho perante Roma. Em Bactriana, o derradeiro rei grego reinante tombara sob o ataque dos Sacas no ano 140 a. C. Na Índia, só no ano 55 a. C. o rei Hermaios cedeu o seu lugar àquele que o perseguia. Mais uma vez um saca. No final destas eclosões tardias e duradouras, o silêncio. A impressão de um elo quebrado na cadeia de pedrinhas deixada atrás de si pelo Macedónio, desde as margens do Rakotis. Alexandre criando as suas Alexandrias tinha conseguido dialogar com o Mundo. De certa forma, toda a história da Alexandria do Egipto era a resposta gloriosa da cidade ao chamamento do herói, e ela falava por todas as suas irmãs. A vida petrificada dos pequenos burgos asiáticos, principalmente quando fora denominada Leninabade, nada revelava das ambições nem dos tormentos do seu fundador. Talvez porque no Oriente dos sonhos, as Alexandrias submetidas à incessante metamorfose do Tempo tivessem regressado ao imaginário que as criara.

As Alexandrias longínquas repousavam quinze metros abaixo da superfície, mas aquele que as criara, ou simplesmente as cruzara num passo meteórico, permanecia vivo na memória dos que as habitavam actualmente. Em alguns vales elevados habitavam ainda tribos que, misturando no seu dialecto relíquias da velha língua sogdiana e colorindo o seu Islão com pitadas de zoroastrismo e de paganismo, se reclamavam descendentes de Alexandre e pretendiam descender de soldados gregos esquecidos nas guarnições das alturas.

*235. Talvez excepto Maracanda, perto da actual Samarcanda. Eu tinha andado um dia inteiro nos fossos da antiga fortaleza (15 quilómetros de muralhas), cruzando-me apenas com pastores. Mas esta cidade morta, rodeada de estepes e de desertos, enlaçada pelo cotovelo de um rio lamacento, tinha-me parecido

assombrada pela coragem e pelo irracionalismo lírico.

*236. Peter Green.

158 - 159

Muitos viajantes e nomeadamente alguns ingleses (237) haviam assinalado desde o século xx a existência destes montanheses que pareciam viver, desde a passagem do Macedónio, mais perto do céu do que da terra, de geração em geração, fora do Tempo e longe das outras pessoas. A Margarita Filanovith, perante as minhas dúvidas, tinha-me garantido que cientistas russos haviam consagrado a estas tribos trabalhos importantes. Imaginário ou verdade, as descrições que lhes diziam respeito enriqueciam a lenda.

"Todos os contadores de histórias conheciam a história de Alexandre", dissera-me Fatakhhan Mamadeliev, um velho de olhos perspicazes, o último representante da poesia popular Uzbeque. "Durante o regime comunista, era interdito cantar a sua epopeia, era-nos permitido um único tema, obrigatório, a revolução. As pessoas escondiam-se para nos ouvir à noite cantar o relato das suas aventuras.

Estes aedos de aldeia e os seus soufis errantes não se limitavam a prolongar o Livre des Rois (238), uma salsada sobre o tema de Alexandre, mas totalmente desligado da História, das fábulas persas e gregas, elas mesmas baseadas em contos orientais que os soldados gregos tinham escutado na Pérsia e trouxeram para a sua pátria, mas prosseguiram o romance do imitador de Aquiles; as suas bocas que se abriam de noite, escreviam no vento os derradeiros capítulos de uma Odisseia oriental, ao som do dautar(239) e do alaúde. No dia seguinte, ao retomarem a caminhada, se deparassem no caminho com uma árvore centenária, diriam: "É uma árvore plantada por Iskandar Zoulkarnaü, Alexandre com dois chifres (240). Ou ainda,

*237. Mes patrouilles secrètes en Haute-Asie, Capitão L. V. S. Blacker.

*238. Le Livre des Rois, Aboukasim Firdousi, publicado, traduzido e comentado por Jules Mohl, volume v. Agradeço a C. J. o facto de me ter chamado a atenção para esta obra.

*239. Instrumento de duas cordas. O pai de Mamadeliev, um molá de Fergana, era também contador de histórias e tocava dautar.

*240. Diz-nos Plutarco que Alexandre ao atravessar o Helesponto envergava "um capacete encimado por duas asas e de uma brancura admirável". Mais tarde ele ornamentou o seu capacete com as fauces de um leão ou com uma pele de carneiro, com os dois chifres.

160

perante uma rocha marcada pela passagem de numerosos cavalos:

O rasto dos cascos de Bucéfalo» (241). Existia também aquela aldeia, entre Boukara e Samarcanda, conhecida pelo nome de Nurata.

Alexandre tinha lá passado uns dias. Os habitantes de Nurata reivindicavam uma origem macedónia, apresentando como prova aqueles dentre eles que possuíam cabelos loiros e olhos azuis:

"Alexandre mandou fazer na nossa terra trabalhos de irrigação.

Semeou melões e ficou o tempo suficiente para os comer. Ainda hoje nos servimos de três dos doze poços que ele mandou escavar".

Uma outra forma de falar de um presente perpétuo.

Homens orgulhosos de uma linhagem que ascendia aos soldados de um jovem homem apaixonado pela glória e pelas virtudes (242),

outros que viam no solo das suas estepes açafroadas pelas marcas do Macedónio encenações nocturnas do herói com dois chifres, aldeias ligadas aos seus nomes porque era o dele. As vozes desta multidão nestas vastidões mantidas terras dos confins - margens do antigo império soviético e um dos becos sem saída para onde Estaline enviara aqueles que pretendia esquecer, retoques de uma China mais desconfiada e mais exigente que nunca com as suas sentinelas, bastiões avançados de um Islão taciturno, mas trabalhado por feridas quiméricas - voltavam a dar um nó secreto entre essas Alexandrias ad mysterium e a Alexandria do Egipto. No silêncio espesso do Tempo surgia o imperceptível. O que fora, tinha desaparecido e no entanto mantinha-se. Não foi mesmo isso que eu vim buscar nas ruas de Alexandria? Um bestiário de História e de recordações. O sulco do destino e das vontades passageiras na crosta do mundo. Confidências subterrâneas que testemunhavam a omnipresença dos homens nas suas cidades. E sonhos inflamados. À nossa frente estendiam-se as luzes de Tachkent. A manhã estava a despontar. Grandes avenidas iluminadas pelas luzes de néon.

*241. Um outro herói manteve-se na memória dos povos da Ásia Central. Trata-se de Ali, o Profeta, que montava, neste caso, um cavalo denominado Bulbul.

*242. Plutarco.

161

Parques envoltos em trevas. Ninguém circulava nas ruas, excepto um Mercedes 600 de vidros pretos.

- Olha, é o Karimov (243) que regressa a casa - disse Margarita Filanovitch, despertando do seu sono atribulado.

*. O presidente do Uzbequistão.

Paris-Turcy-Commercy, verão de 1997

AGRADECIMENTOS

Christina Ph. Constantinon, Jean-Yves Empereur, / Kypreos, Yves Mabin, o Padre Serge Bonnet e Arnaud auxiliaram-me nas minhas pesquisas e nas minhas viagens, agradeço-lhes com profunda amizade. Agradeço também a Charvet ter tido a amabilidade de reler o meu texto.

ALEXANDRE E ALEXANDRIA

Bibliografia não exaustiva

- Alexandrie 111siècle avant J. C., Autrement, 1992.
Alexandrie 1860-7960, Autrement, 1992.
Amrouche, Jean e Ungaretti, Giuseppe, Propos improvisés, Gallimard, 1973.
Bernand, André, Alexandrie des Ptolémées, éditions CNRS, 1995.
Briant, Pierre, Histoire de l'empire Perse, Fayard, 1996.
Cavafis, Poemas, apresentação crítica de Marguerite Yourcenar, Gallimard, 1978.
Champollion, J.F., Lettres et journaux écrits pendant le voyage d'Egypte.
Citati, Pietro, Alexandre le Grand, Gallimard, 1990.
Droysen, Gustave, Alexandre le Grand, complexe, 1982.
Druon, Maurice, Le roman d'un dieu, Del Duca.
Durrell, Lawrence, L'Esprit des lieux, Gallimard, 1976.
Durrell, Lawrence, Le Quatuor d'Alexandrie, Pochotèque, 1992.
Forster, E.M., Alexandrie, Quai Voltaire, 1990, (10 / 18, 1993).
Forster, E.M., Pharos et Pharillon, Quai Voltaire, 1991.
Furbank, P.N., Forster E.M., A life, Abacus. Gobineau, J.A., Oeuvres, La Pléiade, Gallimard, 1987.
Green, Peter, D'Alexandre à Actium, Bouquins, Laffont, 1997.
Grousset, René, Figures de proue, aLe Nadin, Balland, 1992.
Hartog, F., Mémoire d'Ulysse, NRF Essais, Gallimard, 1996.
Kharrat, Edourd al., Alexandrie, terre de safran, Julliard, 1990.
Liddell, Cavafy, a critical biography. Mahfouz, Naguib, Miramar, Denöel, 1990.
Malraux, André, Les Hôtes de passage, Gallimard, 1975.
Méchin Benoit, Alexandre le grande ou le rêve dépassé, Clairefontaine, Lausanne.
Miller, Henry, Une correspondance privée, Bucher Chastel, 1976.
Momigliano, Sagesses barbares de l'hellénisation, Gallimard, 1991.
Nimier, Roger, L'Elève d'Aristote, collection blanche, Gallimard, 1982.
Séféris, Georges, Journal 1945-51, Mercure de France, 1973.
Séféris, Georges, Pages de journal, Mercure de France, 1988.
Séféris, Georges, Cavafy et Eliot, Un parallèle, Fata Morgana, 1982.
Tsirkas, Stratis, Cités à la dérive, 1971, Point, Seuil, 1993.
Tulède, Benjamin de, Voyages, Bergeron.

Obras publicadas na colecção

Aventura e Viagens:

- 1 - De Benguela às Terras de lara I,
H. Capelo e R. Ivens
- 2 - De Benguela às Terras de lara II,
H. Capelo e R. Ivens
- 3 - She - Rainha de Kôr,
H. Rider Haggard
- 4 - Peregrinação I,
Fernão Mendes Pinto
- 5 - Peregrinação II,
Fernão Mendes Pinto
- 6 - Manual de Viagem para Amantes da Natureza,
Dominique le Brun e François le Guem
- 7 - Os Revoltosos de Gibertália,
Daniel Vaxelaire
- 8 - O Último Veleiro,
Francisco Coloane
- 9 - Como Eu Atravessei a África I - A Carabina D'el Rei,
Serpa Pinto
- 10 - Como Eu Atravessei a África II - A Família Coillard,
Serpa Pinto
- 11 - Majâbat al-Koubrâ, O Fascínio do Deserto,
Théodore Monod
- 12 - Noa-Noa - Estada em Taiti,
Paul Gauguin
- 13 - De Angola à Contracosta I,
H. Capelo e R. Ivens
- 14 - De Angola à Contracosta II,
H. Capelo e R. Ivens
- 15 - O Explorador do Absoluto,
Théodore Monod
- 16 - A Rota da Seda,
Luce Boulnois
- 17 - O Livro dos Viajantes,
Eric Newby
- 18 - Os Navegantes do Deserto,
Théodore Monod
- 19 - Os Conquistadores da Antárctica,
Francisco Coloane
- 20 - Cabo Verde - Notas Atlânticas,
Jean-Yves Loude
- 21 - Viagem pelo Tibete,
Jacques Bacot
- 22 - As Minas de Salomão,
H. Rider Haggard
- 23 - Alão Quartelmar,
H. Rider Haggard
- 24
- À Conquista do Pólo Sul - A Última Expedição do Capitão
Scott,
Beryl Bainbridge
- 25 - O Velho Nilo. Viagem à Nascente,
Stanley Stewart
- 26 - Venturas e Aventuras da Família de Um
Marinheiro,
Matia Cristina MaIhão Pereira
- 27 - Sonhei com África,

- Kuki Gallmann
- 28 - Os Sete Pilares da Sabedoria,
T. E. Lawrence
 - 29 - Diário de Uma Viagem a Lisboa,
Henry Fielding
 - 30 - Nas Fronteiras Celestiais - Uma Viagem para
Além da Grande Muralha,
Stanley Stewart
 - 31 - Navegador Solitário - Navegando Sozinho à Volta
do Mundo,
Joshua Slocum
 - 32 - Aku-Aku - O Segredo da Ilha de Páscoa,
Thor Heyerdahl
 - 33 - Costa dos Esqueletos,
Rogério Amorim
 - 34 - A Expedição Ra,
Thor Heyerdahl
 - 35 - As Aventureiras em Crinolina,
Christel Mouchard
 - 36 - A Esmeralda dos Garamantes,
Théodore Monod
 - 37 - Pelos Desertos das Arábias,
Wilfred Thesiger
 - 38 - África Minha,
Isak Dinesen
 - 39 - No Dorso do Dragão - Aventuras e Desventuras de Uma
Portuguesa na China,
Cláudia Ribeiro
 - 40 - Nos Mares do Sul,
Robert Louis Stevenson
 - 41 - O Cântico da Viagem,
Jacques Lanzmann
 - 42 - Na Sibéria,
Colin Thubron
 - 43 - Pelo Mundo em Bicicleta,
JosieDew
 - 44 - Alexandria - Uma Narrativa,
Daniel Rondeau

Data da Digitalização

Amadora, Outubro de 2002